

## ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

### “CIRANDANDO NA PRAÇA!”

Sarau Serra Viva: Diversos olhares, um só coração.



Figura 1 Ciranda no Sarau Serra Viva (foto: Leonardo Paschoal)

POR

KRISHNA CESARIO ALVIM DE CASTRO

SERRA GRANDE 2014





## **ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE**

### **“CIRANDANDO NA PRAÇA!”**

Sarau Serra Viva: Diversos olhares, um só coração.

POR

KRISHNA CESARIO ALVIM DE CASTRO

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

Dra Suzana Machado Padua

Msc Rui Rocha

Msc Thiago Mota Cardoso

TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO  
PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL COMO REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS  
SERRA GRANDE, 2014

### **Ficha Catalográfica**

Castro, Krishna Cesario Alvim de  
"Cirandando na Praça". Sarau Serra Viva:  
Diversos olhares, um só coração, Ano 2014

Trabalho Final (mestrado): IPÊ - Instituto de  
Pesquisas ecológicas

1. Gestão socioambiental
  2. Cooperação
  3. Sustentabilidade
- I. Escola Superior de Conservação Ambiental  
e Sustentabilidade, IPÊ

### **BANCA EXAMINADORA**

LOCAL E DATA

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

A Serra Grande e a todos os recantos deste planeta, para que a sustentabilidade aconteça naturalmente, sob a forma de diversão, arte e criatividade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao destino,  
Que me trouxe até aqui,  
À Bahia Terra da Alegria,  
À cidade que me acolheu.  
Ao ESCAS, Arapyáú e Fibria,  
Que esse mestrado nos ofereceu

Agradeço a minha família:  
Ao avô e avós pelo exemplo,  
Pelo amor aos meus pais e minhas filhas,  
Pelo carinho ao companheiro meu,  
Aos guardiões (meus orientadores)  
Que foram a Luz dos olhos de Deus

Agradeço à arte, nossa forma de expressão:  
Teatro, poesia, dança, música, culinária,  
O tambor que faz pulsar o coração.  
Ao Sarau Serra Viva que aqui nasceu.  
Ao semear da sustentabilidade,  
E a semente que já cresceu



## Sumário

AGRADECIMENTOS .....	iv
LISTA DE FIGURAS E IMAGENS.....	2
LISTA DE TABELAS .....	6
LISTA DE ABREVIACÕES.....	7
LISTA DE APÊNDICES.....	8
RESUMO .....	9
1. INTRODUÇÃO.....	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Gestão socioambiental .....	20
2.2 Gestão socioambiental sob a ótica da cooperação .....	29
3. UM LUGAR CHAMADO SERRA GRANDE.....	34
3.1 Contexto histórico geográfico e socioambiental.....	35
3.2 Felicidade Interna Bruta em Serra Grande .....	40
3.3 Sarau Serra Viva .....	42
4. MATERIAIS E MÉTODOS .....	46
4.1- Fundamentação teórico/ metodológica.....	47
4.2 Procedimentos de campo .....	48
4.3 Meu posicionamento na teia de relações.....	52
4.4 – Procedimentos de análise de dados.....	53
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	54
5.1 O Sarau Serra Viva como fruto e reflexo da trajetória histórica na prática de gestão do bem comum na região .....	54
5.2 Diversos olhares, um só coração - o trabalho comunitário em Serra Grande.....	63
5.3 O ambiente relacional: a Praça Pedro Gomes, os seres em movimento e o Sarau Serra Viva.....	84
5.4 O Sarau Serra Viva como mobilizador da gestão socioambiental em Serra Grande e entorno.....	91
5.5 Os desafios do Sarau Serra Viva.....	114
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	130
Entrevistados.....	133

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 Ciranda no Sarau Serra Viva (foto: Leonardo Paschoal) .....	i
Figura 2 Apresentação de capoeira do Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola na Praça Pedro Gomes (foto: acervo pessoal Mestre Cabello).....	16
Figura 3 Praça Pedro Gomes em dia de Sarau Serra Viva, abril de 2012 (foto: acervo pessoal) .....	17
Figura 4 M.C. Escher, "Encounter" (1944) (foto: Conteúdo Livre Google Imagens).....	20
Figura 5 Atividades que compõe o ambiente Sarau Serra Viva, abril de 2014 (foto: acervo pessoal) .....	28
Figura 6 Reunião na Casa Verde, Bairro Novo, agosto de 2012 (foto: Mara Campos) .....	29
Figura 7 Seu João acompanha com o pandeiro o samba de Mestre Azulão, junho de 2014 (foto: acervo pessoal) .....	35
Figura 8 Vista aérea das falésias (foto: José Nazal) .....	36
Figura 9 Barra do Tijuípe (foto: Juan Pablo Sosa) .....	37
Figura 10 Surfistas descem a "Ladeira do Pé de Serra", 1980 (foto: Conteúdo Livre do Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014) .....	38
Figura 11 Antiga "Estrada do telégrafo", no canto posterior esquerdo pode-se ver o espaço da Praça Pedro Gomes (foto: Conteúdo Livre do Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014) .....	39
Figura 12 Mosaico realizado pela comunidade em cooperação (foto: acervo pessoal) .....	41
Figura 13 Montagem do palco do Sarau Serra Viva, setembro 2012 (foto: acervo pessoal) .....	42
Figura 14 Sarau musical no castelo de Frederiksborg, cerca de 1833. Pintura de W. Mastrand (foto: Conteúdo Livre no Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014) .....	43
Figura 15 Mapa de Saraus em Salvador (imagem: Conteúdo Livre no Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014).....	44
Figura 16 Apresentação de alunos da Escola Rural Dendê da Serra, junho 2011 (foto: Leonardo Paschoal). .....	46
Figura 17 Yury Oliveira aplica o questionário durante o evento em dezembro de 2013 (foto: acervo pessoal) .....	49
Figura 18 Grupo Organizador do Sarau Serra Viva: Éllis Reichgelt, Verónica Sosa e Krishna de Castro, em agosto de 2011(foto: Leonardo Paschoal) .....	53

Figura 19 Atividades no Circo da Lua (foto: Conteúdo Livre Facebook, acesso em 25 de março de 2014).....	56
Figura 20 Equipe do Instituto Floresta Viva (foto: disponível em <a href="http://www.florestaviva.org.br/">http://www.florestaviva.org.br/</a> , acesso em 25 de março de 2014) .....	57
Figura 21 Escola Rural Dendê da Serra (foto: disponível em <a href="http://www.dendeserra.org.br/">http://www.dendeserra.org.br/</a> , acesso em 25 de março de 2014) .....	58
Figura 22 Associação Movimento Mecenas da Vida (foto: disponível em <a href="http://mecenasdavida.org.br/">http://mecenasdavida.org.br/</a> , acesso em 25 de março de 2014) .....	59
Figura 23 Instituto Arapyau (foto: disponível em <a href="http://www.arapyau.org.br/">http://www.arapyau.org.br/</a> , acesso em 25 de março de 2014).....	60
Figura 24 Represa de Serra Grande (foto: acervo pessoal).....	61
Figura 25 Movimento Grande Roda (foto: Conteúdo Livre Facebook, acesso em 25 de março de 2014).....	62
Figura 26 Verónica Sosa e o Coral Canto do Sabiá, junho de 2011 (foto: Leonardo Paschoal).....	65
Figura 27 Tisza Coelho e Mestre Azulão, “biblioteca viva” no Sarau Serra Viva, agosto de 2011 (foto: acervo pessoal).....	66
Figura 28 Ensaio do Bloco Carnavalesco Trovão da Serra no Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola (foto: acervo pessoal de Mestre Cabello).....	68
Figura 29 Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola (foto: acervo pessoal de Mestre Cabello) .....	68
Figura 30 Luciano Garcia e Krishna na apresentação do evento (foto: Leonardo Paschoal).....	71
Figura 31 Chelah como Mestre de Cerimônias, agosto de 2012 (foto: Florisval Neto).....	74
Figura 32 Deborah apresenta brinquedo criativo na feira de artesanato, junho de 2012 (foto: acervo pessoal) .....	75
Figura 33 Adriana vende sucos e chás na feira do Sarau Serra Viva, agosto de 2013 (foto: acervo pessoal) .....	76
Figura 34 Mara vende mini pizza no Sarau Serra Viva agosto de 2012 (foto: Florisval Neto) .....	77
Figura 35 Patrícia Paiva e os produtos da economia comunitária em junho de 2011 (foto: Leonardo Paschoal) .....	79
Figura 36 Truk Dance, junho de 2014 (foto: acervo pessoal).....	80
Figura 37 Lucas Moreira em apresentação de flautas com alunos da Escola Rural Dendê da Serra em junho de 2011(foto: Leonardo Paschoal).....	81

Figura 38 Txainoscaras em apresentação no Sarau LiteraRua abril de 2014 (foto: acervo pessoal) .....	83
Figura 39 Praça Pedro Gomes, junho de 2013 (foto: acervo pessoal) .....	85
Figura 40 Vela da Jangada com anúncio do Sarau Serra Viva (foto: acervo pessoal)..	87
Figura 41 Bruna Paiva canta no espaço proporcionado pelo Microfone Aberto (foto: acervo pessoal) .....	88
Figura 42 Dona Marinalva com artesanato feito a partir do coco seco (foto: acervo pessoal) .....	89
Figura 43 Barraca da Escola de Educação Infantil Eva Santos, agosto 2013 (foto: acervo pessoal) .....	90
Figura 44 Frequência de participação em organização comunitária .....	90
FIGURA 45 Locais de origem dos participantes.....	93
Figura 46 Desde quando participa do Sarau Serra Viva .....	94
Figura 47 Participação no Microfone Aberto .....	95
<b>Figura 48 Quem organiza o Sarau Serra Viva?</b> .....	96
Figura 49 Barraca de artesanato, mungunzá e tortas .....	98
Figura 50 Os produtos encontrados na feira podem substituir os comprados no mercado? (questão 14).....	99
Figura 51 As apresentações artísticas têm diferentes estilos culturais? (questão 10)	104
Figura 52 Sua apresentação preferida acontece à quantidade de vezes que você gostaria que acontecesse? (questão 13).....	104
Figura 53 Ricardo Zehnder, Rui Rocha e Marcel dos Santos, aspecto social do Sarau Serra Viva, agosto de 2011 (foto: acervo pessoal) .....	106
Figura 54 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar das nascentes dos rios (questão 25) .....	108
Figura 55 Influência do Sarau Serra Viva no cuidado e atenção com o lixo .....	109
Figura 56 Montagem das Lixeiras Ecológicas “Jeguinho” (foto: disponível em <a href="https://www.facebook.com/photo.php?fbid=671433869569106&amp;set=t.100000571191998&amp;type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/photo.php?fbid=671433869569106&amp;set=t.100000571191998&amp;type=3&amp;theater</a> , acesso em 25 de março de 2014).....	110
Figura 57 Jogo didático ambiental do movimento “Amigos do PESC”, apresentado para a comunidade no Sarau Serra Viva de fevereiro de 2014 (foto: acervo pessoal). .....	112
Figura 58 Apresentação de Palhaços, maio de 2013 (foto: acervo pessoal) .....	114

Figura 59 O bailarino e coreógrafo Ucrâniano, cujo nome brasileiro é Waldemar faz suas orações na casa de D Joana, rezadeira da Vila que, gentilmente cedeu sua casa para o artista vestir o figurino (foto: acervo pessoal).....	117
Figura 60 Bumba Meu Boi da Vila Juerana .....	129

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar da Praça Pedro Gomes (questão 26) .....	86
Tabela 2 Frequência de idade dos participantes .....	91
Tabela 3 Formação acadêmica dos participantes .....	92
Tabela 4 Área de atuação dos participantes do Sarau Serra Viva .....	92
Tabela 5 Como é sua participação no Sarau Serra Viva? (questão 8).....	94
Tabela 6 Você sente que pode participar da realização do evento, se quiser contribuir? (questão 16) .....	96
Tabela 7 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a realizar trabalho comunitário? (questão 22) .....	97
Tabela 8 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver projetos na Vila de Serra Grande? (questão 28) .....	97
Tabela 9 Participação em Organização Comunitária .....	98
Tabela 10 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a consumir produtos locais? (questão 29) .....	99
Tabela 11 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para você? Se sim, quais? (questão 18) .....	102
Tabela 12. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver seus dons artísticos (questão 27) .....	102
Tabela 13 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para Serra Grande? Se sim, quais? (questão 19) .....	103
Tabela 14 Qualquer um pode participar das apresentações culturais? (questão 11)..	104
Tabela 15 Em que medida o Sarau te influencia a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza? (questão 20) .....	108
Tabela 16 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região? (questão 23) .....	108
Tabela 17 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para você? (questão 18).....	113
Tabela 18 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para Serra Grande? (questão 19) .....	113

## LISTA DE ABREVIações

ONG	Organização Não Governamental
FIB	Felicidade Interna Bruta
PESC	Parque Estadual da Serra do Conduru
SUDETUR	Superintendência de Desenvolvimento do Turismo
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
IESB	Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia
PRUA	Plano de Referência Urbanístico e Ambiental
UESC	Universidade Estadual Santa Cruz
NAVE	Núcleo Artístico de Vivências Experimentais
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
PMU	Prefeitura Municipal de Uruçuca

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 Questionário aplicado na etapa quantitativa .....	135
APÊNDICE 2 Questionário – categoria de valores das respostas utilizadas na Tabela Mãe. As letras correspondem às colunas .....	138
APÊNDICE 3 Roteiro da entrevista utilizada na etapa qualitativa da pesquisa.....	144
APÊNDICE 4 Lista de organizações comunitárias que integram o ambiente relacional em Serra Grande apuradas até março de 2014 (não foram apuradas as instituições de cunho religioso) .....	145
APÊNDICE 5 Tabela Mãe .....	1

## RESUMO

Resumo do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

### “CIRANDANDO NA PRAÇA!”

Sarau Serra Viva: Diversos olhares, um só coração.

POR

KRISHNA CESARIO ALVIM DE CASTRO

Julho de 2014

Comitê de Orientação:

Dra Suzana Machado Padua  
Msc Rui Rocha  
Msc Thiago Mota Cardoso

O presente trabalho teve como propósito analisar a influência do Sarau Serra Viva (evento artístico/ cultural mensal) na teia de relações, na percepção socioambiental comunitária, e sua contribuição para ações de gestão sustentável dos bens comuns materiais e imateriais na região. A pesquisa foi realizada no distrito de Serra Grande, porta de entrada da Área de Proteção Ambiental (APA) Itacaré/Serra Grande, no litoral sul da Bahia, aonde o evento Sarau Serra Viva acontece há três anos, primeiramente amparado pela Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande e, hoje, a caminho de uma nova forma de gestão que abrange a coletividade.

Utilizamos o conceito de *gestão de ambientes* preconizada por Ingold (2012). O “ambiente em primeira instância” é o mundo que vivemos, a nossa teia de relações. Este nos leva a ideia de “junteridade” através da compreensão que vida social e ecológica formam um todo inseparável. Nesse sentido, a arte de desenhar ambientes é algo que se dá naturalmente através da movimentação diária dos “habitantes internos”. A gestão sustentável remete as práticas cotidianas para manutenção da vida.

Consideramos *bens comuns* àqueles que são administrados coletivamente sob o paradigma da cooperação, segundo os princípios descritos por Ostrom (2005 apud Baiardi, 2011). A autora propõe encontrar soluções para a gestão dos Recursos de

Propriedades Comuns através da Sociedade Organizada, ou seja, fora da intervenção do Estado ou do Mercado tal qual a suposição dos racionalistas, como Hardin (Tragédia dos Comuns, 1968). O estabelecimento de regras a partir da inteligência do grupo supõe relações de confiança e reciprocidade.

A presente pesquisa analisou a influência do Sarau Serra Viva na gestão dos bens comuns materiais (relação com a natureza, cuidado com o lixo e com a Praça Pedro Gomes) e imateriais (conhecimento local, Vitalidade Comunitária) na região. Foram realizados questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicados a uma amostra de 79 (setenta e nove) participantes nas edições do Sarau de dezembro de 2013 e de janeiro de 2014. Além disso, foram realizadas também entrevistas para o viés qualitativo da pesquisa, que contou com a participação de quatorze pessoas, entre elas os principais organizadores e colaboradores do evento.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o Sarau Serra Viva é fruto da prática de gestão coletiva na região, especialmente a partir da criação da Área de Proteção Ambiental (APA) Itacaré/Serra Grande, quando uma gama de instituições se formou com objetivos diversos, mas com uma mesma intenção: incentivar as boas práticas ambientais e espirituais dentro da comunidade. A composição cosmopolita e a diversidade de paradigmas presentes na região, especialmente a partir de 1990, incrementou a convivência entre desiguais e o estabelecimento de regras comuns a partir da interação entre normas individuais tão distintas. As mais de trinta organizações existentes no distrito, bem como os indivíduos que desenham o ambiente, encontram espaço para divulgação de suas práticas no evento mensal que ocorre na praça central da Vila Alta.

O Sarau Serra Viva é uma iniciativa de gestão socioambiental cria e cocriadora do Índice Felicidade Interna Bruta (FIB), analisado pela pesquisadora Fabiana Silva (2011). Este estudo revelou Serra Grande como uma comunidade feliz, propensa à confiança mútua, organizações de mutirões e a colaboração entre vizinhos, conforme uma das nove dimensões do FIB: Vitalidade Comunitária.

O evento gerou impactos na comunidade de Serra Grande do ponto de vista cultural, social e econômico. Neste evento as diversas organizações encontram espaço de divulgação de seus trabalhos e projetos através da prática artística de desenho de ambientes, conforme Ingold (2012). A possibilidade de expressão individual no “microfone aberto” é mais um elemento integrador.

As organizações ligadas à cultura e educação como a Escola Rural Dendê da Serra (também conhecida como “Dendê da Serra”), o Projeto Canto do Sabiá (que inclui aulas de Música de Câmara e o Coral) e o Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola entre outras revelaram a importância do evento quanto ao estímulo das crianças e adolescentes que participam de suas atividades. A diversidade cultural da comunidade é apresentada no evento através de diversos ritmos e estilos. No que tange à economia comunitária, o Sarau gerou efeitos quanto à criação da feira de produtos locais. Artesãos e organizações encontram espaço para comercializar seus produtos, desde que sejam manufaturados ou customizados na comunidade. No que se refere à sustentabilidade ambiental, o Sarau mostrou ser um espaço de divulgação para as ideias e iniciativas ligadas a valores ambientalmente saudáveis.

Pessoas advindas de diferentes realidades entrelaçaram seus passos na Ciranda do Sarau Serra Viva (Figura 1). A organização do evento, a elaboração de regras coletivas, as edificantes poesias, músicas, danças e demonstrações culturais em geral dependeram do esforço conjunto; de encontros, desencontros e reencontros; da construção de relações de confiança e de entrega. Os temas tratados no evento são os assuntos adjacentes ao cuidado comunitário em seu sentido mais amplo. As organizações que focam suas práticas na Educação Ambiental divulgam as ideias ambientalmente saudáveis enquanto àquela que se volta para atividades culturais mantém tradições e manifestações. A separação por temas se torna complicada quando todas pulsam um só coração.

O Sarau é um espaço de experiência em gestão comunitária através da cooperação, que evidenciou um grande potencial para promover a integração social, o desenvolvimento da economia comunitária, bem como a divulgação das iniciativas socioambientais na região. Além disso, é um evento que pode ser replicado em outras localidades do entorno e se tornar a pedra fundamental de uma rede de saraus que incrementem o trade turístico na localidade.

#### **PALAVRAS CHAVE:**

1. Gestão socioambiental
2. Cooperação
3. Sustentabilidade

**VINCULAÇÃO DA DISSERTAÇÃO:** Sustentabilidade

## ABSTRACT

Abstract of the Final Paper submitted to the Professional Master's Program in Biodiversity Preservation and Sustainable Development as a partial requirement for the Master's degree in Ecology

“PLAYING IN THE SQUARE!”

Sarau Serra Viva : Different views, one heart only.

by

KRISHNA CESARIO ALVIM DE CASTRO

July 2014

### **Orientation Committee:**

Prof. Suzana Machado Pádua , PhD.

Rui Rocha, MSc

Thiago Mota Cardoso, MSc

### **Examining Committee:**

Prof. Suzana Machado Pádua , PhD

Prof. Marlene Tabanez, PhD

Prof. Cristiana Saddy Martins, PhD

The purpose of this study was to evaluate the influence of the *Sarau Serra Viva* (Artistic Soiree) involving both the relationships and the environmental awareness of the community, as well as its contribution to actions for sustainable management of common tangible and intangible assets in the region. The survey was conducted in the village of Serra Grande (District of Uruçuca), the gateway to the Itacaré/Serra Grande

Coast Environmental Protection Area, on the southern coast of the State of Bahia – Brazil, where the *Sarau Serra Viva* has been taking place for three years, initially sponsored by the Environmental Area Cultural Association and presently transitioning into a collective management.

We use the concept of environment management advocated by Ingold (2012). The "environment in the first instance" is the world we live in, the web of relationships. This leads us to the idea of "junteridade" (union) by understanding that social and ecological life form an inseparable whole. In this sense, the art of designing environments is something that occurs naturally through daily movement of "internal habitants". The sustainable management refers to the daily practices for maintaining life.

We have considered as common assets those that are collectively administered under the paradigm of cooperation (cited Baiardi Ostrom, 2011). The author proposes solutions to the management of Common Property Resources through the Organized Society, ie outside of State or Market intervention such as the assumption of the rationalists, as Hardin (Tragedy of the Commons, 1968). The establishment of rules from the group intelligence presupposes relations of trust and reciprocity.

This study examined the influence of the *Sarau Serra Viva* in the management of tangible common property (relationship with nature, garbage handling and Pedro Gomes Square protection) and intangible common property (local knowledge and Community Vitality – one of the Gross National Happiness – GNH - indicators) in the region. Semi-structured interviews were carried out in the form of a questionnaire (with open and closed questions) applied to a sample of 79 (seventy-nine) participants in the events of December 2013 and January 2014. In addition, for the qualitative aspects of the research, interviews were conducted with the participation of fourteen individuals from the main organizers and collaborators of the event.

The survey results showed that the *Sarau Serra Viva* is the consequence of the practice of a collective management in the region, especially since the creation of the Itacaré / Serra Grande Environmental Conservation Area. A variety of institutions were formed by then with several objectives, but with the same intention: to encourage good environmental and spiritual practices within the community. A cosmopolitan composition and a diversity of paradigms present in the region, especially as of 1990, increased the interaction between different people and the establishment of common rules amongst

unequals. Today, more than thirty organizations working in the district and a great number of individuals with good level of environmental awareness, use this monthly event that occurs in the central square of the village, as a space for presentation of their practices and work.

The Sarau Serra Viva is an initiative of socio-environmental management and acts as creator and co-creator of the Gross National Happiness (GNH) Index, analyzed by the researcher Fabiana Silva (2011). This study has revealed that Serra Grande is a happy community, prone to mutual trust, joint efforts and collaboration amongst neighbors, as revealed by one of the nine dimensions of GNH: Community Vitality.

The event has generated impacts on the community of Serra Grande in a cultural, social and economic point of view. In the event, different organizations find space to disseminate their work and projects through the art of designing environments advocated by Ingold (2012). The possibility of individual expression in the "open microphone" is another integrating element.

Cultural and educational organizations such as Escola Rural Dendê da Serra (a Waldorf School), Canto do Sabiá Musical Project and Barracão D'Angola Cultural Centre, amongst others, revealed the importance of the event as an encouragement for the children and adolescents who participate in their activities. The cultural diversity of the community is presented at the event through various rhythms and styles. Regarding local economy, the Sarau Serra Viva incentivated the creation of a local products fair. Artisans and organizations find space to market their products, as long as they are manufactured or customized in the community. In regard to environmental sustainability, the event proved to be a space for the dissemination of ideas and initiatives related to environmental friendly values.

People arising from different realities intertwined their footsteps in the Sarau Serra Viva Ciranda (atmosphere) (Figura 1). The organization, preparation of collective rules, edifying poems, songs, dances and cultural demonstrations have generally depended on joint effort; gatherings, encounters and disagreements; building relationships of trust and self-commitment. The topics covered at the event are adjacent to Community Care matters in its broadest sense. Organizations that focus their practices on environmental education disseminate environmental friendly ideas and those related to cultural activities keep traditions and other cultural manifestations. The separation of activities by issues becomes complicated when there is only one heart beating.

*Sarau Serra Viva* is a socio-environmental management initiative that has revealed great potential to promote social integration, to develop community economy, as well as to disseminate social and environmental initiatives in the region. Furthermore, it is an event which can be reproduced elsewhere in the surrounding areas and become the cornerstone of a series of soirees of its kind aiming to increase the tourism trade in the region.

KEYWORDS:

1. Socio-environmental Management
2. Cooperation
3. Sustainability

Link to the dissertation: [sustainability](#)

Versão em inglês: Marlice Antunes

**“Hoje é sábado,  
Dia de Sarau  
Vou à Praça Pedro Gomes  
Prá tocar meu berimbau”  
(Refrão do *Corrido* de autoria de Mestre Cabello)**



**Figura 2 Apresentação de capoeira do Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola na Praça Pedro Gomes (foto: acervo pessoal Mestre Cabello)**

## **1. INTRODUÇÃO**

O Sarau Serra Viva, objeto desta pesquisa, é um evento mensal que ocorre há três anos na Praça Pedro Gomes, Serra Grande, distrito de Uruçuca, sul da Bahia. Aos segundos sábados de cada mês, se reúnem no ponto central da Vila Alta, artistas e artesãos amadores e profissionais, organizações comunitárias ligadas à cultura, educação, movimento social e ações de conservação ambiental. São jovens, idosos e crianças, uns apenas passam pelo local, envolvidos com suas atividades cotidianas, outros assistem o movimento, alguns participam do microfone aberto. Artistas e instituições diversas apresentam o resultado de seus trabalhos à comunidade em forma de teatro, capoeira, dança, canto, poesia. Outros, através da feira de artesanato, podem expor e negociar sua arte. Este momento-evento cultural constitui um lócus de interação, conformando um “lugar”, a Praça Pedro Gomes (Figura 3), ou um ambiente relacional (Ingold, 2012) em Serra Grande.

O Sarau é uma tecnologia social<sup>1</sup>. Possui uma técnica de planejamento-ação e compartilhamento situada no espaço. Sua dinâmica envolve os encontros (e desencontros) entre pessoas de trajetórias e percepções distintas. Estas confluem para a organização e promoção de atividades culturais, sociais e comerciais. O *modus operandus* específico faz deste evento, relativamente comum e ordinário em outras partes do Brasil e do mundo, receber status de objeto de pesquisa.



**Figura 3 Praça Pedro Gomes em dia de Sarau Serra Viva, abril de 2012 (foto: acervo pessoal)**

Serra Grande apresenta em sua conformação social uma gama diversa de paradigmas, culturas e visões de mundo. Moradores e amigos se unem em organizações comunitárias (atualmente em torno de trinta, entre ONGs, institutos, associações) que através do trabalho conjunto, objetivam ser ativos na gestão socioambiental de Serra Grande. Os objetivos das instituições são diversos, porém comungam da finalidade de conservar as belezas naturais e sociais do lugar, além de incrementar o potencial humano da região. O Diagnóstico Participativo (levantamento comunitário sobre desafios e potencialidades da região) conclui:

Um grande desafio local nasceu deste propósito de apropriar-se da paisagem sem destruí-la, talvez até restaurá-la em alguns casos, considerando que as populações tradicionais e os novos investidores do turismo e da conservação ambiental pudessem arrumar meios de partilha dos benefícios de modo que as distâncias sociais fossem encurtadas, sem que para isso as camadas menos favorecidas acabassem expurgadas para as periferias, excluídas de uma infraestrutura urbana adequada. As velhas práticas do extrativismo

---

<sup>1</sup> “Considera-se tecnologia social todo o produto, método, processo ou técnica, criado para solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade (e reapplicabilidade) e impacto social comprovado”. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia\\_social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_social), acesso em 25 de agosto de 2014).

predatório também precisavam ser mais entendidas e enfrentadas. (Instituto Floresta Viva, e Instituto Ynamata, 2008: 2).

Serra Grande apresenta-se como uma comunidade “cosmopolita” e socialmente diversa com um alto índice de Felicidade Interna Bruta - FIB (Silva, 2011). Além disso, conta com uma miríade organizacional visivelmente preocupada em manter ou aumentar o índice, como indica a dimensão Vitalidade Comunitária da referida pesquisa e a profusão de trabalho voluntário na região.

A base desta pesquisa é a ideia que o Sarau Serra Viva é cria e criador desta vitalidade. Vitalidade Comunitária, uma das nove dimensões do FIB (Ura, 2008), fala a respeito dos laços de ajuda mútua dentro de uma comunidade e, como veremos mais adiante, está diretamente relacionado com o sentido que Elinor Ostrom dá ao termo cooperação (Baiardi, 2011), valor *sine qua non* para a gestão dos recursos coletivos.

A pesquisa se volta para as transformações (sociais, culturais, ambientais, gestacionais) advindas das relações que se estabelecem e culmina na criação de um evento em praça aberta, evento esse que se consagra por ser um fórum comunitário e de manifestações culturais diversas. O giro da roda da vida estabelece novas ligações entre antigos e novos moradores; entre os habitantes e visitantes e, destes com a Praça Pedro Gomes; entre os humanos e a chuva que não vem ou a lua que brilha; entre grupos organizacionais diversos. As articulações podem ser qualificadas através das reflexões que o evento provoca, tanto em relação à cultura, quanto ao cuidado com o meio ambiente e às ações cooperativas nas relações comunitárias.

O microambiente do Sarau Serra Viva comporta e reflete a vitalidade de Serra Grande. Por ali passam o professor e o aluno, o poeta, o varredor, os fiéis que cruzam a praça depois do culto, o bêbado com seu cachorro, o turista e o agricultor local. Seus passos constroem “trilhas, caminhos que deixam o rastro da vida em movimento, a existência em atividade” (Certeau, 1998). A banda toca e a ciranda roda.

Ingold (2012) afirma que as interações relacionais desenham ou dão forma aos ambientes. As atividades cotidianas, os caminhos dos passantes, o movimento dos que vêm, vão e ocupam o espaço são indicadores de sustentabilidade, nas palavras do autor. O autor enfatiza as “práticas de habitação” de “habitantes internos”<sup>2</sup> e a sabedoria tradicional como parte do saber científico na busca de soluções para a crise ambiental que o mundo globalizado vive atualmente.

---

<sup>2</sup> As práticas de habitação (Ingold, 2012), consideram a sabedoria e o conhecimento dos que habitam a Terra e conformam o ambiente com suas atividades cotidianas, os chamados “habitantes internos”. Os “habitantes externos” seriam aqueles para e pelas quais as leis ambientais são pensadas a saber, os interesses industriais e comerciais.

A questão colocada nessa pesquisa é: Tendo em vista o considerável valor na dimensão do FIB, e da Vitalidade Comunitária, em Serra Grande (Silva 2011), nos questionamos de que maneira o Sarau Serra Viva, fórum de discussão, de expressão artística e de encontros entre pessoas, contribui para ampliar a teia de relações, a percepção socioambiental e a gestão sustentável dos bens comuns.

Para isso é necessário contextualizar Serra Grande em seus aspectos mais gerais (histórico, geográfico e social), bem como em aspectos específicos, tal qual o índice de Felicidade Interna Bruta e a dimensão específica do índice chamada *Vitalidade Comunitária*. É necessário analisar a trajetória da educação ambiental na região através das organizações sociais; compreender a forma como desenharam as condições para a criação do Sarau Serra Viva e as relações que se estabelecem a partir de então. Assim chegamos às noções de ambiente relacional e de gestão preconizados por Ingold (2012) que é a vida em movimento, é o olhar para as atividades cotidianas e para experiência dos habitantes internos.

Ao voltar nossa atenção para a vivência dos habitantes internos que movimentam a vida da comunidade, investigamos de que forma ocorre nesta rede específica de inter-relações, o tema da cooperação, presente no pensamento de Elinor Ostrom como condição de sustentabilidade para a gestão dos recursos de propriedade comum (*Baiardi, 2011*).

Sendo assim, temos que o objetivo geral desta pesquisa, consiste em: Analisar a influência do Sarau Serra Viva na teia de relações e na percepção socioambiental comunitária, bem com sua contribuição para ações de gestão sustentável dos bens comuns materiais e imateriais na região.

E, para tanto, será necessário (objetivos específicos):

- Analisar o evento Sarau Serra Viva como fruto da trajetória histórica da prática de gestão coletiva;

- Descrever, através de análise de literatura existente, questionários, entrevistas e observações, a forma como os atores sociais de Serra Grande, ligados a iniciativa Sarau Serra Viva, vivenciam a cooperação, se engajam no ambiente e promovem a gestão coletiva dos espaços, atividades e bens comunitários;

- Analisar o Sarau Serra Viva como mobilizador da gestão participativa em relação às questões socioambientais em Serra Grande;

- Repensar formas de integração comunitária que levem em conta a sustentabilidade.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A gente não quer só comida,  
A gente quer comida, diversão e arte,  
A gente não quer só comida  
A gente quer saída para qualquer parte  
(Música Comida - Titãs)

Neste capítulo, conheceremos o conceito de “Junteridade” conforme anunciado por Ingold (2012). Veremos de que forma é possível “desenhar ambientes” através da concepção de totalidade social e ecológica, da sabedoria dos “habitantes internos” e das práticas cotidianas na gestão socioambiental da comunidade. Faz-se necessária também a compreensão do ambiente como um espaço de relações (Figura 4) e não como um lugar que contém e limita os seres. Ao trilhar este caminho, será possível conceber a sustentabilidade através do paradigma do movimento.

Logo após analisaremos o conceito de *Cooperação* em Elinor Ostrom. Segundo esta autora a gestão coletiva dos bens comuns é a forma mais adequada em termos de sustentabilidade. Sua extensa pesquisa demonstra que as regras compartilhadas a partir da interação entre normas, ou seja, valores individuais é o caminho mais saudável para a gestão dos chamados Recursos de Propriedade Comum.

### 2.1 Gestão socioambiental

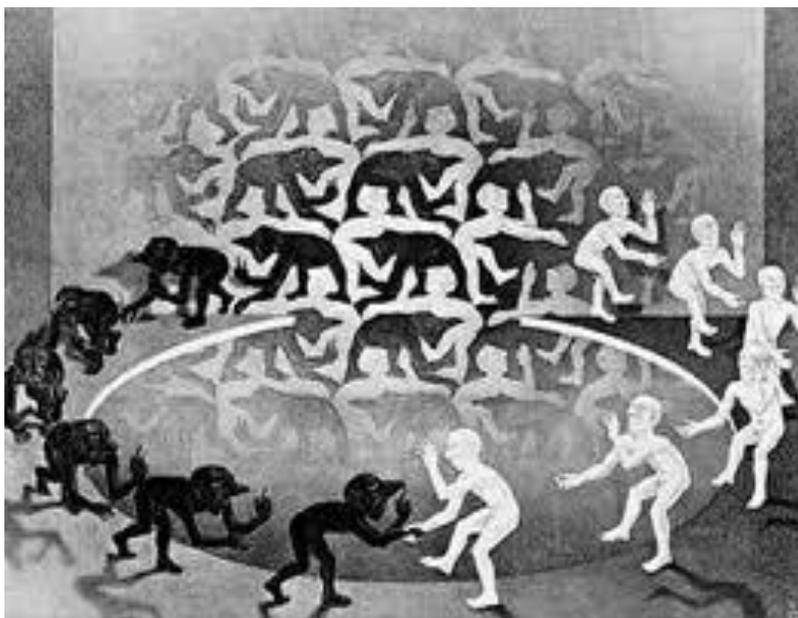


Figura 4 M.C. Escher, "Encounter" (1944) (foto: Conteúdo Livre Google Imagens)

Ingold (2012) discorre sobre a arte de desenhar ambientes. Tradicionalmente o desenho é estabelecido pela corrente de pensamento dominante e sua intenção é dar-lhes forma, ou seja, dar uma pretensa resposta final a determinada proposta. O desenho, portanto, é um conjunto de intenções humanas que fracassam em sua pretensão de ser determinante, pois cada geração conta com a oportunidade de criar seu próprio futuro. Limitar ou impor formas é a morte nas palavras do artista Paul Klee (apud Ingold 2012), o oposto disso seria movimentar, fluir. O autor reflete que esse fato aponta para um indicador de sustentabilidade que é a vida em movimento. Ao estabelecer um paralelo com o pensamento de Klee, Ingold (2012) propõe pensar o desenho do ambiente como parte de um processo de vida, como algo que não está estagnado, mas que “segue seu curso”.

O ambiente das pessoas é o “ambiente em primeira instância”, o mundo cotidiano, no qual vivemos. Diz respeito à Terra que habitamos e a paisagem que nos rodeia, o ar que respiramos, os passos que imprimimos. O mundo ameaçado do discurso dos cientistas e políticos é o Globo. O mundo globalizado, do qual os humanos são vistos como “habitantes externos”, ao invés de “habitantes internos”. Enquanto a vida diária é esmagada pela tecnologia de informações, disposta a nos desenhar um mundo de consumo, Ingold (2012) propõe pensar um desenho realizado a partir da observação ativa do ambiente.

Ingold (2012) afirma que a melhor forma de enfrentar o momento de mudanças climáticas é diminuir a distância entre o nosso cotidiano e o mundo globalizado. Para isso é necessário considerar a sabedoria e o conhecimento dos *habitantes internos*. A busca deve ser por caminhos em que o mundo da experiência possa trabalhar em conjunto com a ciência. Esse caminho levaria a uma reavaliação da questão ambiental e ao “reconhecimento que a ciência e a tecnologia estão fundamentadas em práticas de habitação.” (Ingold, 2012: 22).

Na visão do autor, enquanto os países neoliberais e as grandes corporações alistarem as ciências aos seus interesses, a cisão entre habitantes internos e externos permanecerá e acarretará em uma pseudo-sustentabilidade calculada em termos econômicos e empresariais, pensada por e para *habitantes externos*. Manter a vida, para Ingold, não tem a ver com o desenho de políticas ambientais, mas “depende, basicamente de redimensionar o sentido da vida no mundo de maneira orgânica” (Castañeda, 2013: 326).

O discurso científico julga prescindir do conhecimento tradicional. No entanto, segundo Ingold (2012: 23), a ciência dependente da observação, esta depende da mesma sensibilidade e juízo com relação ao mundo que nos rodeia, e estas são chaves para práticas de *habitantes internos*. Somente um fundamento ontológico é capaz de permitir o encontro do saber científico com a sabedoria dos *habitantes internos* em um projeto de desenho sustentável de ambiente para a vida.

A árvore, o rio e os humanos compartilham da mesma vida, vida esta que o Homem rodeou com um conjunto de convicções e denominou sociedade. Ingold (2012) discorre sobre o significado de sociedade, como um conjunto de pressupostos para construir algo que antes não existia. Ao longo dos séculos, conflitos foram gerados por reivindicações de grupos com visões diferentes a respeito de um futuro em sociedade. De alguma forma a disputa acontece, o grupo vencedor se impõe e o mundo gira. O resultado da promulgação coercitiva é sempre a revolta. O conceito de sociedade quaisquer que seja, tem sido agressivo em sua demanda por universalidade, para todos os tempos e lugares (Ingold, 2012: 26).

Se formos analisar o conceito de *natureza*, observaremos que este segue o mesmo preceito. Muitas teorias foram criadas ao longo do tempo para definir a natureza como algo que “está fora”. A realidade, no entanto é que a vida sempre comportou múltiplos componentes humanos e não humanos. A vida social tem sido parte integral da vida ecológica, e vice versa, se é que ambas podem ser sensatamente distinguidas (Ingold, 2012: 26).

O conceito de natureza, assim como o de sociedade é intrinsecamente político. Quando o desenho de natureza é feito por e para habitantes externos, este afasta a vida humana da chamada vida natural (tecnologia de consumo). Ingold (2012: 27) afirma que todas as criaturas, humanas e não humanas, são passageiros que se acompanham no mundo único, onde todos vivem e, através de suas atividades, continuamente criam as condições para a existência de cada um deles.

Apesar de o Homem ter interferido bastante no ambiente ao longo de séculos, Ingold (2012) afirma que um ambiente é sempre “uma obra em construção” e todos os criadores devem ser levados em consideração, independente da parcela de contribuição. Os humanos modificaram o ambiente, mas também contribuíram nessa transformação os animais, as plantas, rios, chuvas, etc. Nesse sentido, afirma Ingold (2012), um ambiente totalmente humano (como um prédio, por exemplo) não é menos natural e nem mais construído do que qualquer ambiente onde a presença humana nunca se fez presente. A única distinção entre ambos é que o principal criador é

diferente. Como o processo de produção não começou com a chegada do Homem, e nem mesmo é possível definir um ponto de partida, não é possível falar de um ambiente natural. Segundo o autor, a vida humana não está isolada da vida da natureza.

Ao criticar a forma racionalista e humanista de definir o que é ser humano, Ingold se afina com a ideologia de Heidegger, para quem o modelo kantiano de enxergar o mundo como uma superfície que abriga os diversos conceitos, inclusive o de “humano” supõe “expulsar a vida (e o Homem) fora do globo” (Heidegger, apud Castañeda, 2013: 326). Ingold (2012, apud Castañeda, 2013) propõe estudar o *mundo da vida* como espaço interno, sem expulsos.

Não dar a devida atenção à sabedoria dos habitantes internos acarreta em um conhecimento fragmentado no estudo das ciências, resulta em uma separação conceitual e rígida entre ser humano e ambiente. Estamos falando aqui da clivagem entre cultura/ natureza ou corpo/ alma. Para Ingold (2012) a ruptura é impossível no contexto da vida em si, o autor “propõe que a antropologia deve acordar com um sujeito-objeto completo e não fragmentado. Isto não supõe unir duas metades, mas sim entender que nunca estiveram separadas, nem ao menos formam uma dualidade; ou melhor, que são as aproximações filosóficas e científicas que fraturaram o Homem, enquanto a vida em si continua seu caminho” (Castañeda, 2013: 327).

A visão do Homem como algo inacabado, em constante devir, permite novos paradigmas como, por exemplo, “abandonar a ideia de alteridade, pela de *junteridade*” (Ingold, 2012). Ingold “está interessado nos nós e enredos que se formam da *Junteridade* das linhas do devir” (Castañeda, 2013: 327).

Para Ingold, (2012), a pergunta fundamental da cultura (e não sua resposta) é: por que as pessoas percebem e atuam no ambiente de formas diferentes? Antes disso, no entanto é necessário pensar em como definir o ambiente de um ser? O autor critica a antropologia ecológica dos anos 1950 a 1970, no sentido em que esta cometeu alguns equívocos em relação à conceptualização de ambiente e da relação dos seres no ambiente.

Para Von Uexkull (apud Ingold 2012), fundador da biossemiótica a noção de ambiente é referenciada através do significado dado pelo ser em interação com um ambiente. Uma pedra pode ser uma bigorna para um pássaro que a usa para quebrar suas sementes ou um lugar de descanso para o homem que caminha. O organismo dá sentido ao ambiente. O fundador da psicologia ecológica, James Gibson (apud Ingold,

2012), assim como Uexkull, concebe um mundo com sentido também para os animais e não somente para os humanos. A diferença entre os dois autores é que, enquanto Uexkull acredita que o significado do ambiente é dado pelo animal que com ele interage, Gibson considera que o significado é inerente ao ambiente e cabe ao animal em interação com o mesmo descobri-lo.

Ao refletir sobre este ir e vir de significados dado ora pelo ambiente ora pelo ser, Ingold (2012) concluiu que deve se inserir o movimento no contexto. O autor compreende o ser como trilha de interações, acredita que o pesquisador deve rastrear o caminho que este imprime em sua vida e em suas relações. Por ser relação não basta investigar um caminho, uma trilha como a deixada pela lesma em sua trajetória, se faz necessário ir além e pensar o ser como uma malha, se debruçar sobre as linhas e os nós, os cruzamentos e interseções.

Tim Ingold (2012) apresenta a imagem do nó, ao enxergar o ambiente como um espaço que reúne os seres em movimento e, não como um espaço que os delimita. Quando, por exemplo, consideramos a noção de lugar, podemos pensá-lo como um nó onde as pessoas se reúnem, se movimentam, se encontram, chegam e partem. O autor não pensa o lugar como contendo as pessoas. Igualmente em relação às comunidades. Podemos conceber o conceito de comunidade da mesma forma como entendemos o de lugar. Lugar e comunidade são quase indistinguíveis. Ambos são ligações de vida (Ingold, 2012: 75).

Poderíamos exemplificar a ideia tomando uma comunidade, aonde as pessoas chegam, saem, vão trabalhar; um nó em que “as atividades estão fortemente ligadas entre si.” (Ingold, 2012: 75). Poderíamos pensar que esta comunidade possui uma identidade e poderíamos diferenciá-las de outras, delimitando com uma linha o espaço de relações entre ambas. Isto seria descrevê-las em termos de *Rede*! Transcender para o conceito de malha significa envolver o espaço de relação entre ambas com um nó, estabelecendo assim a entidade relacional entre elas.

A partir dessa reflexão Ingold discorre sobre a implicação da noção de ambiente para a gestão ambiental e manejo dos recursos naturais. Uma das premissas da gestão ambiental atual é que o meio ambiente é algo que pode ser gerido. Ingold chama atenção para o fato de que existem várias formas de se pensar “gestão”. Ele recorda do grupo de pastores de rena com quem trabalhou. Eles se autodenominavam “gestores de rena”, mas Ingold observou que eles, de fato, não gerenciavam as renas, mas as seguiam de perto e pastoreavam de forma a acompanhar seus movimentos. O sentido de gerir (ou de gestão), assim como o de manejar, tem duas direções, uma

burocrática e outra que diz respeito ao cotidiano. De acordo com a visão do autor, o ambiente não pode ser considerado um *objeto de gestão*, mas sim algo como um *campo de gestão*. É necessário pensar a gestão e o manejo como um processo de caminhar contínuo através do ambiente ao invés de perseguir objetivos que foram fixados com antecipação. Isso está mais próximo do que chamamos administração cotidiana do lugar. (Ingold, 2012: 84)

Ao gerenciar o cotidiano, não perseguimos um ideal, como por exemplo, a sustentabilidade. Simplesmente respondemos as questões que se apresentam no dia a dia para que as crianças cresçam e a vida continue. A gestão dos povos tradicionais ocorre da mesma maneira. No círculo polar do norte, exemplifica Ingold (2012), há constantes conflitos com pescadores e caçadores. Os cientistas da sustentabilidade pretendem, com seus cálculos, delimitar a quantidade de caça e pesca de baleias, enquanto para os povos tradicionais, a sua noção de ambiente sempre incluiu a variação, a imprevisibilidade. Alguns anos tinham muitas baleias, outros nem tanto. Mas essa forma de manejo, de gestão, simplesmente viver e responder as questões que se apresentam da forma que elas aparecem (improvisação), vai de encontro à filosofia das pessoas que pensam em termos de quotas, de população e de espaço como resposta ao paradigma da sustentabilidade.

Ao pensar sobre a vida como um emaranhado de caminhos, Ingold chegou à noção de habilidade (skill). As teorias tradicionais tratam a habilidade como uma aplicação do conhecimento adquirido. Para Ingold é justamente o oposto, para ele a raiz da habilidade está na coordenação entre percepção e ação. Todo ser humano e não humano que possui um sistema perceptivo e monitore suas ações de acordo com essa percepção é um ser habilidoso. Habilidade é se readaptar constantemente. A ligação entre habilidade e movimento corporal, cinestesia, se torna clara.

Sendo assim o conhecimento deve estar pautado no movimento de readaptação contínua. Tomemos a dança como exemplo, a exatidão vale menos do que a precisão, o importante é que os dançarinos estejam harmonizados entre si e se reconstruam continuamente através de sua rede de relações. Outro exemplo citado pelo autor é a experiência do neuropsicólogo russo Nikolai Bernstein, que analisou o movimento de golpear um prego com precisão. Em sua pesquisa, observou que apesar do martelo bater sempre no mesmo ponto no prego, os movimentos do braço diferem a cada tentativa exitosa. A conclusão é que a habilidade não depende de uma repetição exata de determinados movimentos, mas sim a capacidade de readaptar-se enquanto o movimento ocorre.

Ingold não crê que “sou o que faço e não faço algo porque sou de determinado jeito”. A planificação é sempre uma verificação da ação, um readaptar da habilidade. Isso se relaciona com conhecimento da seguinte forma: o que é passado de geração a geração não é exatamente a representação, mas a habilidade. Cada geração instaura condições para que a próxima possa compreender e descobrir por si mesmo como exercer determinadas atividades. As habilidades não são passadas como representação, mas por ações de pessoas mais experientes que abrem espaço para o noviço compreender o movimento e testar sua própria habilidade. O conhecimento cresce através do movimento.

Movimento é a palavra chave. Ao agir no mundo, ao se movimentar no espaço das relações, o Homem forma caminhos que se cruzam e interpenetram com outros caminhos. A ideia de malha se torna adequada. O corpo não é, necessariamente, um corpo contido. Ingold questiona a noção de individualidade. Ao incluir a ideia de nó, ao enxergar o ambiente como um espaço de relações e não como um espaço que reúne e limita os seres, Ingold revoluciona a noção de comunidade.

A noção de movimento para Batek (Lye, 1997, apud Ingold 2012) inclui o caminhar das raízes das plantas, a trilha do vento e o caminho que faz o sol em sua jornada diária. Impossível desenhar linhas fronteiriças entre cada componente do mundo natural. Ingold (2012) concebe o ambiente como uma zona de emaranhamento, ao mesmo tempo em que considera os seres humanos ou não humanos como linhas, não limítrofes, mas maleáveis.

As linhas se movem através dos tempos, seus rastros se tocam, se encontram, se entrecruzam, num constante devir. Linhas permanecem em busca contínua, eterno tatear, experimentação constante dos caminhos relacionais. Não obstante, a história humana está cheia de intenções coercitivas, caminhos de asfalto nas trilhas, raízes retiradas de ladeiras para que se construam autoestradas. O mundo ficou rijo, um mundo que pode ser ocupado, mas não *in habitado*, um mundo que freia o movimento de tecer através de si (Ingold, 2012: 29).

Superfícies revelam a dura separação entre a terra abaixo e o que está à cima. Essa cisão reflete a divisão da vida em si. O fluxo essencial é cortado pelas rígidas construções. Pensar o ambiente desde uma perspectiva de habitação, como um emaranhamento em movimento e constante reconstrução rompe com qualquer limite e aponta um caminho para o engajamento com nosso entorno. É o primeiro passo no desenho de ambiente para a vida. (Ingold, 2012: 30).

A ideia é refletir sobre o tipo de desenho apropriado a um mundo que vive em constante recriar que se faz através das atividades de seus habitantes. Ingold sugere que pensemos em improvisação ao invés de inovação. Mais do que ideias inovadoras para questões ambientais, o ser humano deve aprender a responder com precisão situações inusitadas do dia a dia. A Improvisação criativa desenvolve a inovação e a previsão. Desenhar a vida é dar rumo em vez de especificar pontos de destino. É neste sentido que o desenho inclui a previsão (Ingold, 2012: 31).

Na visão de Ingold (2012), um desenhista de ambientes é um apanhador de sonhos. Esperanças e sonhos constroem resultados, enquanto projetos e planos os antecipam. O verbo sonhar é intransitivo, não inclui um ponto final, está em aberto, como deve ser o ato de desenhar ambientes. Os verbos transitivos, tais como projetar e construir, esperam um objeto, uma conclusão. O contorno do desenho de ambiente se desenvolve como em um diálogo. Não há como direcioná-lo ou mesmo saber em que ponto chegará. São construções coletivas. O autor sugere que pensemos o ato de desenhar ambientes como conversas que incluam todos os habitantes do mundo; os humanos, os animais, as árvores, o rio, a chuva. Essa é uma conversação que não é somente processual e de final aberto, mas fundamentalmente democrática. (Ingold, 2012: 33).

Em seu Manifesto de Desenhos de Ambiente para a Vida, Ingold (2012: 33) sintetiza algumas de suas reflexões da seguinte maneira:

1. Os ambientes são variáveis, portanto o desenho deve ampliar a flexibilidade de seus *habitantes internos* para que possam responder com precisão e criatividade a essas variações;
2. A vida se dá em constante processo de transformação e o desenho deve abrir espaço para a improvisação criativa;
3. Existirá sempre uma tensão entre os sonhos para o futuro e os projetos do presente - o desenho de ambiente deve convidar todos os envolvidos para debaterem criativamente essas questões.



Figura 5 Atividades que compõe o ambiente Sarau Serra Viva, abril de 2014 (foto: acervo pessoal)

As práticas cotidianas explicitadas por Certeau (1998) estão diretamente relacionadas aos procedimentos realizados no dia a dia para manutenção da vida (Figura 5). De acordo com o autor, “o espaço é conformado por poesias que se encontram e entrelaçam”, sendo esta a própria teia de relações, “formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaço” (Certeau, 1998: 171).

A criação da cidade supõe conceitos básicos, como a organização de um espaço próprio, estabelecer um *não tempo* através de estratégias científicas niveladoras e, finalmente, “a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade” (Certeau, 1998: 173). No entanto, a despeito dos discursos que idealizam as cidades em seu modelo mecanicista, proliferam ideologias e poderes paralelos, impossíveis de serem geridos no sistema panóptico idealizado. A atividade dos passantes, o simples ato de caminhar pode ser definido como um espaço de enunciação, um processo de apropriação e de realização do espaço. “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem lugares” (Certeau, 1998; 176).

Olhar a cidade do alto, segundo Certeau (1998), é como ser arrebatado de um mundo em que o enlace e o movimento dos corpos acontecem através de uma força anônima. É como “fugir a massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou espectadores” (Certeau, 1998: 170). Ao observar a cidade panorâmica, abstém-se do entrelace de relacionamentos cotidianos. Lá embaixo eles acontecem sem que se percebam os caminhos que assim são traçados e entrelaçados. Estar na cidade é como escrever um texto sem poder lê-lo. “Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam a legibilidade” (Certeau, 1998: 171).

Certeau (1998) se debruça sobre as práticas cotidianas que escapam às “instrumentalidades menores” (a forma de dominação da sociedade disciplinar

explicitada por Foucault), que permanecem no espaço em que são aplicadas e se abstém, teimosamente, na sua determinação. O ponto de partida são os passos dos transeuntes, passos que são mais qualitativos do que numéricos, pois “espacializam” o lugar. As atividades cotidianas dos passantes (ir trabalhar, olhar uma vitrine) é que preenchem o espaço. “O traço vem substituir a prática. Manifesta a propriedade (veroz) que o sistema geográfico tem de metamorfosear o agir em legibilidade, mas aí ela faz esquecer uma maneira de estar no mundo” (Certeau, 1998: 176).

A arte de moldar percursos, como se fossem retóricas ambulatórias (ou retóricas habitantes), combina estilos e usos. Por estilo entenda-se a singularidade, a forma individual de estar no mundo, enquanto o uso remete a regra. Regra remete ao conceito de cooperação de Ostrom. Segundo a autora, as normas individuais cooperam entre si para criação de *regras*, ou seja, os tratos e acordos comuns (Figura 6).



Figura 6 Reunião na Casa Verde, Bairro Novo, agosto de 2012 (foto: Mara Campos)

## 2.2 Gestão socioambiental sob a ótica da cooperação

Elinor Ostrom, apesar de não compartilhar do pensamento econômico tradicional, recebe, em 2009, o prêmio Nobel em economia. Seu grande diferencial: encontrar soluções para a gestão do bem comum na sociedade organizada, qual seja fora do mercado e do Estado.

Além da referência clássica em Karl Marx e Max Weber, a autora foi influenciada pela literatura moderna “no tema das instituições, de sua análise e da governança por elas proporcionada e no tema da cooperação” (Baiardi, 2011: 206-207). As pesquisas de Ostrom colocam em evidência as instituições na gerência dos recursos comuns, a fim de promover seu desenvolvimento.

De acordo com Lauriola (2009), Elinor Ostrom propõe uma releitura da “tragédia dos comuns”, como idealizada por Hardin (1968). Este autor defende que o ser humano

segue a lógica do benefício individual diante de um recurso compartilhado. Este pressuposto é demonstrado através de uma pesquisa em que o autor supôs pastores que tenderiam a internalizar os benefícios e externalizar os custos ao incluir cada vez mais animais no pasto comum. Hardin (apud Lauriola, 2009) conclui que a gestão compartilhada levaria a um esgotamento dos recursos quando toda comunidade seguisse o mesmo padrão de comportamento.

A ausência de cooperação, para os racionalistas como Hardin e Oslon, não é vista como ignorância, mas sim como um sinal de escolha racional, aonde o indivíduo prioriza seus próprios interesses aos da coletividade. O esgotamento do recurso é consequência natural da superexploração: “dilemas sociais ocorrem sempre que indivíduos, em situação de interdependência, fazem escolhas que maximizam benefícios de curto prazo levando todo o grupo a uma situação pior, no longo prazo, do que a que estaria se outras alternativas possíveis fossem seguidas” (Cunha, 2004: 12).

A alternativa apresentada por Hardin é a privatização ou estatização dos recursos comuns, pois assim se restringe o acesso ao mesmo. A indústria ou o Estado impõe regras e limites ao acesso e uso do recurso. Mancur Oslon (1965, apud Cunha, 2004), também representante da escolha racional, já havia estudado o tema pela mesma ótica e concluiu que o ser racional não age pela lógica da cooperação se não houver incentivos financeiros ou sanções estatais que o obriguem a tal atitude. Isto ocorre porque os interesses dos indivíduos entram em contradição com o interesse da coletividade que ele próprio adere. Segundo Oslon, o interesse individual é o que move as ações de um grupo.

De acordo com Cunha (2004), os pressupostos básicos da Teoria da Escolha Racional são: *intencionalidade* (as ações intencionais dos indivíduos referem-se a finalidades e objetivos); *racionalidade* (os indivíduos seguem a coerência de maximizar os benefícios individuais, mesmo que à custa dos interesses coletivos); *incerteza e risco* (“informações imperfeitas” geram *riscos*). Estes são passíveis de cálculos, e assim se distingue a melhor posição a se tomar. Nas *incertezas*, não se tem nenhuma previsão sobre o caminho a seguir. Em ambos os casos a lógica da racionalidade individual se sobrepõe a da racionalidade coletiva, ou, nas palavras de Cunha (2004: 24), os objetivos de curto prazo se sobrepõe aos de longo prazo.

O Novo Institucionalismo, como foi denominado o ramo da economia que acompanhou as ciências sociais no movimento de quebra de paradigmas das décadas de 1960 e 1970, tem como objeto de estudos a relação entre escolha individual ou estrutura social e coletiva, onde a lógica da cooperação prevalece. O principal

argumento desta linha de pensamento é que as instituições são o veículo privilegiado de gestão comunitária dos recursos comuns, pois “proporcionam mecanismos através dos quais indivíduos racionais podem transcender os dilemas sociais” (Cunha, 2004: 16). Entenda-se por instituição, não só as organizações sociais, mas “aquilo que está instituído. As regras que são respeitadas. Os contratos, os acordos, os hábitos, os costumes fazem parte deste ambiente institucional” (Rui Rocha, comunicação pessoal, 2014).

Utilizando os mesmos métodos de pesquisa da economia ortodoxa, Ostrom e seus parceiros vão de encontro às conclusões de Hardin e Oslon. Através de suas pesquisas, indicam uma terceira saída para evitar a tragédia dos comuns, que é a gestão coletiva. Ostrom (1998, apud Cunha, 2004), propõe uma racionalidade limitada em contraponto à racionalidade completa.

Para se compreender a ação coletiva no modelo proposto por Elinor Ostrom são fundamentais as noções de reciprocidade, reputação e confiança. Cunha classifica essa linha de pensamento da seguinte forma: “a teoria dos recursos comuns baseia-se num modelo de análise institucional e em uma das variantes da teoria da escolha racional” (Cunha, 2004: 24).

Segundo Lauriola (2009), Ostrom argumenta que a definição de bem comum utilizada por Hardin refere-se a recursos de livre acesso, e entre ambos existem diferenças relevantes. O que Ostrom denomina regime de propriedade comum supõe a criação de instituições, de regras e normas; supõe o estabelecimento de relações de confiança.

Normas seriam os valores internos ao indivíduo – positivos ou negativos – acerca de tipos particulares de ação. As regras, por outro lado, seriam disposições compartilhadas por um grupo de indivíduos, que as têm desenvolvido ao longo do tempo, acerca de situações em que determinadas ações podem ou não podem ser empreendidas, implicando em que sanções possam ser aplicadas contra aqueles que contrariarem estas disposições. Com a repetição de situações na vida dos indivíduos, estes passam a se utilizar também da experiência compartilhada para adequar suas estratégias de ação (Cunha, 2004: 15).

De acordo com as pesquisas de Cunha (2004), Ostrom encontra evidências de que os seres humanos são capazes de aprender a gerar regras e normas coletivamente e reestruturarem suas leis quando isso se fizer necessário. Ramalho (2009) afirma que Ostrom define como base de sua análise o conceito de Instituição, ou seja, o estabelecimento de regras formais (legislação ou contrato) ou informais (regras de costumes não reconhecidas por lei, condutas ancestrais de comportamento), e salienta ainda que: o futuro dos recursos naturais depende da melhoria das

instituições existentes e/ ou a criação de novas instituições. “A ação coletiva depende da capacidade de elaboração e adaptação de regras comuns, cuja institucionalização dentro de um grupo constitui uma incitação à cooperação e ao compartilhamento” (Sabourin, 2010: 145).

Cunha salienta que o manejo bem sucedido dos recursos comuns pelas comunidades estudadas por Ostrom não advém de uma sociedade harmonizada com valores que são inerentes à mesma. Este tipo de pensamento é classificado como “romantização dos comuns” e tende a vislumbrar as comunidades que estabeleceram acordos exitosos como “pequenas, homogêneas, cooperativas e inclinadas à solidariedade” (Cunha, 2004: 21). De acordo com a argumentação do autor, o que produz bons resultados é o estabelecimento de instituições que encontram soluções cooperativas, focalizadas por “conselhos locais, autoridades tradicionais, grupos de trabalho, direitos de propriedade”, que, juntos têm a prerrogativa da decisão e da criação de regras. (Cunha, 2004: 19).

Ramalho (2009) afirma que a questão relevante na pesquisa de Hardin não era o uso comunitário dos recursos, mas a ausência de regras comunitárias nesse uso. A tragédia anunciada por Hardin é uma tragédia de livre acesso, que por definição não supõe cooperação entre os usuários e a torna inevitável.

Bates (1994, apud Cunha, 2004), chama atenção para a importância das noções de reputação social e símbolos culturais, como substitutos dos incentivos monetários e das sanções legais propostos pelos racionalistas que veem no estado e no mercado as únicas possibilidades de gestão de bens coletivos. Ostrom desenvolve a ideia de Bates como uma segunda geração do modelo racional.

Para Ostrom, “Propriedade Comum” ou “regime de propriedade comum” refere-se aos “arranjos de direitos de propriedade nos quais grupos de usuários dividem direitos e responsabilidades sobre os recursos” (Ramalho, 2009: 11). Com esta definição, segundo Ramalho (2009), Elinor Ostrom afirma que o problema da insustentabilidade ambiental não está relacionado ao uso tradicional dos recursos por agricultores, pescadores e camponeses. Pelo contrário, comunidades sustentáveis têm sido geridas comunitariamente em diversas partes do mundo. Os pastores de Hardin não encontram o caminho da gestão comunitária, o caminho da cooperação que evitaria o esgotamento do recurso.

As pesquisas da equipe de Ostrom, segundo Cunha (2004), evidenciam um processo contínuo de construção de regras e interação de normas entre os grupos que promovem efetivamente a gestão comunitária de recursos de propriedade comum. Em

muitos casos, conclui Baiardi (2011), a institucionalização pode se tornar necessária para legitimar normas sociais ancestrais, baseadas na cooperação e na reciprocidade.

Nesse sentido, Cunha (2004) salienta que as instituições limitam escolhas individuais e motivam certos tipos de ações colaborativas, pois são substitutas da informação completa. Em um mundo de incertezas, a existência de regras e de acordos dentro de um ambiente cooperativo proporciona uma base de segurança para tomada de decisão.

A extensa pesquisa de campo, e estudos empíricos realizados pela equipe de Ostrom demonstra que “no mundo inteiro, instituições coletivas, frequentemente milenares, manejam com surpreendente eficiência sistemas e recursos ambientais extremamente complexos” (Lauriola, 2009: 6). Ostrom propõe o fortalecimento deste tipo de gestão. Considera a diversidade institucional como fundamental “para reforçar a resiliência dos sistemas socioambientais (ou sócio ecossistemas) na busca da sustentabilidade” (Lauriola, 2009: 6).

A gestão coletiva até então considerada uma forma primitiva de organização é resgatada por Ostrom, que revela sua importância no contexto atual de crise ambiental global. Ao se contrapor aos ideais de Olson e Hardin, quanto à tragédia dos bens comuns, Elinor Ostrom destacou os fundamentos da cooperação e a “necessidade imperiosa de encontrar coletivamente soluções para um patrimônio compartilhado, do qual todos dependem” (Baiardi, 2011: 210).

A autora defende que, embora outros fatores possam influenciar as organizações na ação comunitária, na maioria dos casos em que um bem, seja ele natural ou capital, é de propriedade coletiva, a construção conjunta de regras para gestão se dá com maior eficácia e menor custo. Conclui ainda que instituições fortalecidas sejam resultados de esforços policêntricos, e que estes processos gerem “robustos mecanismos de governança de recursos e com a capacidade de resistir a ameaças para dar uma dimensão de sustentabilidade à ação coletiva” (Baiardi, 2011: 213).

Existe uma explicação para os usuários de recursos de propriedade comum agirem de forma distinta dos pastores de Hardin. “Esta situação explica-se, em parte, pela importância do *face to face* ou do interconhecimento entre os atores, o que leva a um engajamento mútuo” (Sabourim, 2010: 145). “Para ela (Ostrom), é a confiança mútua que explica a reciprocidade, considerada como uma norma moral internalizada, ou como um princípio de troca social, caracterizado pela vontade de cooperar” (Baiardi, 2011: 146). Ostrom também dá especial atenção para a confiança da aplicação da

sanção estabelecida pelas regras criadas coletivamente, como elemento mantenedor da reciprocidade.

Segundo Baiardi (2011), a reputação inspira a confiança e a reciprocidade na relação. Douglas (1998, apud Baiardi, 2011), afirma que os indivíduos criam instituições para tomada de decisão através da “solidariedade institucional”, do compartilhar de pensamentos e de um equilíbrio entre suas preferências, a fim de coordenar as ações necessárias para seu objetivo comum. Douglas (1998, apud Baiardi 2011) estabelece um conceito de instituições intimamente relacionadas com cultura, ou de intersubjetividade, que diz respeito ao sistema de valores compartilhados por uma sociedade. A autora afirma que, embora crenças religiosas ou profissão possam ser fatores que incentivam a cooperação, o senso de pertencimento perpassa esses fatores.

Para efeito desta pesquisa, a “solidariedade institucional” e as relações de cooperação que se estabeleceram em Serra Grande emergem do senso de pertencimento. Logo, está intimamente relacionada à dimensão Vitalidade Comunitária, parte integrante do bem comum imaterial compartilhado em Serra Grande. O conceito clássico de bens comuns está relacionado a patrimônio natural, a recursos ambientais e a serviços ecossistêmicos fornecidos por florestas, manguezais, rios, entre outros. No entanto Douglas (1998, apud Baiardi, 2011) abre espaço para a cultura e para a intersubjetividade através das instituições como as regras estabelecidas ancestralmente, o conhecimento e a sabedoria popular. Hess e Ostrom (2007, apud Baiardi, 2011) propõem “considerar o conhecimento e os saberes locais como parte dos bens comuns ou compartilhados” (Baiardi, 2011:146).

A cooperação é o elemento central das experiências de gestão de bem comum. Quando um bem comum é efetivamente comum no seu uso e responsabilidade de cuidado, em seus direitos e deveres, a cooperação é o elemento central.

Rui Rocha (comunicação pessoal 2014) salienta que:

Quando a gente fala do trabalho do Sarau em Serra Grande a gente está fazendo uma tradução do ambiente urbano e dos atributos desse ambiente que se encontram na qualidade de vida, das praças, das ruas. Estamos falando de um uso cultural, inteligente, criativo desses espaços. Estamos falando de usos que promovam o bem-estar coletivo da Vila. O Sarau não é um bem comum clássico, mas um bem comum dentro de uma nova realidade social/ambiental que é a produção de um bem cultural. Essa experiência está fazendo parte cada vez mais do patrimônio imaterial de Serra Grande.

### **3. UM LUGAR CHAMADO SERRA GRANDE**

Neste capítulo, pretendemos induzir o leitor a uma intimidade com o ambiente relacional Serra Grande. Apresentaremos a trajetória histórica que configura a rede atual, incluindo os aspectos humanos, ecológicos e sociais que, conforme vimos no capítulo anterior são indistinguíveis.

O segundo tópico apresenta o Índice de Felicidade Interna Bruta do distrito. Este nos revela um pouco mais sobre os valores que regem as interações entre os *habitantes internos*. Finalmente, no terceiro tópico, é apresentado o Sarau Serra Viva e sua forma específica de desenho de ambiente através da gestão compartilhada com base na cooperação.



Figura 7 Seu João acompanha com o pandeiro o samba de Mestre Azulão, junho de 2014 (foto: acervo pessoal)

### 3.1 Contexto histórico geográfico e socioambiental

Quem quiser luz em Serra Grande,  
Peça a Walter ou Nequinho, que eles vão ser seus vizinhos.  
A rodagem já está pronta, pra nós está de colher.  
Eu vou prá praia de carro, essa ladeira eu não subo mais de pé.  
(Marchinha de carnaval de Darnival, cantada por Dona Regina no Sarau de 03/12).

Serra Grande é um distrito do município de Uruçuca, região sul da Bahia. O vilarejo dista 35 km de sua sede, por estrada de terra pouco utilizada. A rota do transporte público passa pelo município de Ilhéus, o que aumenta a viagem em 42 km, além de torná-la pouco acessível em termos financeiros para a maioria de seus moradores.

Banhado por um mar de cor azul clara, o distrito possui área praiana que conta com um grupo de moradores fixos. Possui um grande número de casas de veraneio,

uma área rural com ecossistemas relativamente bem conservados, mas que por outro lado (especialmente ao oeste da Vila Alta), abriga uma população de baixa renda e alta vulnerabilidade social. A Vila Alta, chamada central, aglutina a maior parte do comércio, eventos culturais e atividades educacionais.

Localizada na Costa do Cacau, vizinha de Ilhéus, Serra Grande é a porta de entrada da Área de Proteção Ambiental (APA) Itacaré/Serra Grande, região com alto potencial turístico. A altitude da Vila Alta chega a 100 metros, segundo fontes do diagnóstico participativo (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008). As falésias (Figura 8) formam um caminho atrativo para moradores e turistas. Várias piscinas naturais são vistas ao longo do caminho e, do alto, se avista o mar.



**Figura 8 Vista aérea das falésias (foto: José Nazal)**

Local de abundantes águas doces, o distrito é banhado pelos rios Tijuípe (Figura 9), Tijuipinho, riacho Pancadinha, entre outros rios menores e tem o privilégio de se encontrar entre dois grandes rios: o Rio de Contas e o Rio Almada. A biodiversidade do local também prima pela riqueza. “Suas matas fizeram fama no mundo inteiro, depois que mateiros e cientistas estudaram hum hectare, do lado do Rio Tijuípe. Foram 458 árvores diferentes, muitas desconhecidas da ciência” (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008: 6). Na opinião de uma leiga: “A natureza, o chamado da mata é muito forte. Você não precisa ser técnico para perceber a biodiversidade. Tudo isso na beira do mar. O mais encantador é que toda a praia tem água doce” (Tisza Coelho, comunicação oral, 2014).



**Figura 9 Barra do Tijuípe (foto: Juan Pablo Sosa)**

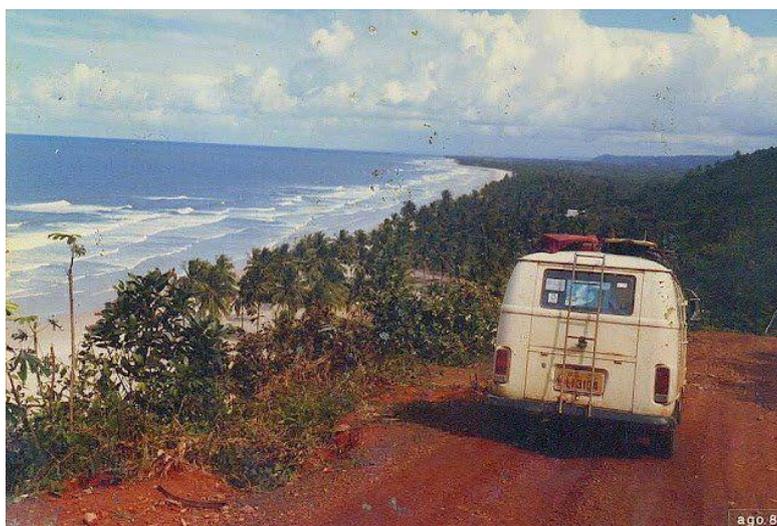
Segundo Silva (2011), os primeiros habitantes da área hoje conhecida por Serra Grande chegaram aqui por volta de 1920 e não encontraram sinais de povoamento anterior. Nessa época, a ocupação do espaço se fez através de casas rústicas, estilo taipa construídas por homens e mulheres que praticavam a caça e a agricultura de subsistência. Acredita-se que, antes disso, próximo aos rios Tijuipinho e Sargy, houve a ocorrência de aldeias de índios Tupiniquins e Aimorés.

O primeiro ciclo de expansão do distrito se dá na década de 1940, quando a fazenda de Pedro Gomes, considerado fundador, foi subdividida a partir da doação de lotes e glebas aos trabalhadores e familiares. Pedro Gomes teria vindo para cá, juntamente com outros membros do exército brasileiro, com a missão de observar à costa sul da Bahia e evitar que navios ou submarinos alemães aportassem. Desde então, a população cresceu, as terras foram loteadas e, a partir da distribuição da fazenda para familiares e amigos, Serra Grande ganhou novos moradores. Nesta época as práticas da pesca artesanal e da construção de jangadas se tornaram cada vez mais habituais (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008).

Segundo Silva (2011), em 1952, Serra Grande é anexada ao município de Uruçuca, devido a um acordo de troca de territórios com o município vizinho, Ilhéus. A pequena comunidade se expande, as crianças nascem, crescem e preenchem o lugar com sua energia. Exigem novos equipamentos. O espaço não se parece mais com uma fazenda. As práticas cotidianas são alteradas e o ambiente adquire contornos de vila. A primeira escola, “Escola São Pedro”, foi inaugurada em 1957. Em 1960, foi construído o cemitério à beira mar, segundo fontes do Plano de referência Urbanístico Ambiental - PRUA (SUDETUR, 2001).

A grande atração da Vila era a festa de aniversário do Senhor Pedro Gomes, no dia de São Pedro. Em 1966, a igreja foi construída e uma imagem de São Pedro foi doada ao comandante como presente de seu aniversário. Desde então São Pedro é o padroeiro e protetor dos “Serranos”.

Segundo fontes do diagnóstico participativo (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008), entre 1967 e 1970 iniciou-se a venda de carvão e com isso o desmatamento na região. Em 1975, foi construída a primeira serraria, o que tornou mais intensa a exploração madeireira. Durante muito tempo a economia de Serra Grande foi alimentada pela extração de madeiras da Mata Atlântica, o que causou grande impacto ambiental. Com a tecnologia chega também à energia elétrica que funcionava, na época, com gerador e tinha horário certo, de 17:00 as 22:00 horas. De acordo com o mesmo documento, na década de 1980, a atividade principal continuou sendo a exploração da madeira. Neste momento histórico foi construída oficialmente a estrada de terra (Figura 10) que ligava Ilhéus a Itacaré e proporcionou a ocupação do Bairro Novo, o mais populoso de Serra Grande. A estrada facilitou o escoamento dos principais produtos da economia local que na época eram a madeira de lei, a farinha de mandioca e a piaçava.



**Figura 10** Surfistas descem a “Ladeira do Pé de Serra”, 1980 (foto: Conteúdo Livre do Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014)

Segundo Luciano Garcia, morador e colaborador do Sarau Serra Viva, a estrada nova, embora tenha facilitado o transporte e o escoamento dos produtos, ainda trazia complicações aos moradores que tinham necessidade de se locomover. Ele nos conta que “eram duas horas de estrada de chão. Só tinham dois horários de ônibus, tanto para Ilhéus quanto para Uruçuca. Quando chovia muito o ônibus não subia a ladeira do pé de serra, tinha que subir a pé. O serviço de saúde era inexistente e o caminho até

lhéus bastante árduo para quem se encontrava com a saúde debilitada” (comunicação pessoal, 2014).

Em 1984, a água foi bombeada da represa para todos os moradores. Em 1985 chegou à energia elétrica. A estrada de terra que liga ao distrito a sede foi concluída, possibilitando uma melhora na qualidade de vida da população que agora contava com médico semanalmente (Silva, 2011).

Em 1986, a população e o número de casas construídas em Serra Grande aumentaram consideravelmente. Esta época é considerada pelo documento final do diagnóstico participativo (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008) como o primeiro grande “boom populacional e econômico”. A década de 1990 chega com novidades. A Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 e a presença precoce de ambientalistas na região fez a população despertar para a problemática do desmatamento. Em 1993 foi criada a Área de Proteção Ambiental Itacaré/Serra Grande (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008).

Em 1999 é concluída a BA001, a estrada de asfalto que abriu caminhos para a chegada dos filhos adotivos de Serra Grande e para o caldeirão cultural que hoje a compõe. Como compensação dos investimentos na pavimentação da estrada, foi criado o Parque Estadual da Serra do Conduru, destinado a zelar pela mata, pelos animais e a riqueza natural do lugar. O asfalto seguiu, inicialmente, o rumo da estrada de terra e proporcionou a ocupação da Vila Alta e da Vila Praiana. Essas concentram construções de melhor padrão e abrigam a população de uma faixa social econômica privilegiada, contrastando com as habitações de madeira dos moradores do Bairro Novo, pessoas de baixa e baixíssima renda. (SUDETUR, 2001)



Figura 11 Antiga “Estrada do telégrafo”, no canto posterior esquerdo pode-se ver o espaço da Praça Pedro Gomes (foto: Conteúdo Livre do Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014)

### 3.2 Felicidade Interna Bruta em Serra Grande

Felicidade é uma cidade pequenina,  
é uma casinha, é uma colina  
qualquer lugar que se ilumina  
quando a gente quer amar.  
(Pão e Poesia, Moraes Moreira).

O Índice Felicidade Interna Bruta (FIB) é indicador sistêmico que foi utilizado em Serra Grande pela pesquisadora Fabiana Silva (2011). O FIB foi criado em 1972 no Butão, elaborado pelo rei Jigme Singya Wangchuck e visa medir o desenvolvimento da comunidade com base na felicidade de seus cidadãos, uma alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB), índice que mede o desenvolvimento a partir de padrões econômicos. Serra Grande é considerada por esse parâmetro uma comunidade feliz. O Índice é influenciado significativamente por valores relacionados a uma de suas dimensões, a Vitalidade Comunitária.

Ao comparar e correlacionar às nove dimensões que compõem o FIB: bem estar psicológico, saúde, uso do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, meio ambiente, governança e padrão de vida, Silva (2011) concluiu que Serra Grande tem um valor no FIB igual a 0.68, numa escala de zero a um. Segundo Silva (2011) este valor “Apresenta-se superior a uma linha mediana que é aquela considerada de 0,5, o que revela ser esta uma comunidade feliz” O índice corresponde ao índice brasileiro, que ocupa vigésimo quarto lugar no ranking dos países mais felizes do mundo (dados de 2013). O valor mais alto ficou para a Dinamarca<sup>3</sup> com 0.76 e o país considerado como o menos feliz do mundo de acordo com a pesquisa foi Togo<sup>4</sup> que alcançou o valor de 0.29 (Helliwell, et al, 2013: 22-24).

A dimensão do FIB sobre a qual nos debruçamos nesta pesquisa é a dimensão *Vitalidade Comunitária*. Esta diz respeito à cooperação: analisa o grau de colaboração e confiança entre vizinhos, a prática de voluntariado, de doação em prol da

---

<sup>3</sup> A Dinamarca é um país Escandinavo, uma monarquia constitucional com um sistema parlamentar de governo. Possui uma economia mista capitalista e um estado de bem-estar social. Possui o mais alto nível de igualdade de riqueza do mundo, sendo considerado em 2011, o país com menor índice de desigualdade social.. De 2006 a 2008, e novamente em 2013, pesquisas classificaram a Dinamarca como "o lugar mais feliz do mundo", com base em seu princípio de saúde, bem-estar, assistência social e educação universal; O Índice Global da Paz de 2009 classificou a Dinamarca como o segundo país mais pacífico do mundo, depois da Nova Zelândia. A Dinamarca também foi classificada como o país menos corrupto do mundo em 2008, pelo Índice de Percepção de Corrupção, (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre).

<sup>4</sup> O Togo, oficialmente República Togolesa, localizado no oeste da África. Togo é constituído por um estreito território que reúne povos de diferentes origens. O grupo étnico euê, o mais numeroso (45,4% da população), concentra-se no sul, perto do litoral, a região mais desenvolvida. A maioria dos habitantes vive da agricultura, cujos principais produtos são o algodão e a cana-de-açúcar. O país é importante centro de comércio regional graças ao porto de sua capital, Lomé. Seu lema é "*Trabalho, Liberdade, Pátria*" (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre).

comunidade e a sensação de pertencimento (Ura, 2008). Os indicadores da dimensão Vitalidade Comunitária estão intrinsecamente ligados à gestão coletiva do espaço, pois se aproximam da concepção de cooperação como proposta por Elinor Ostrom (2005, apud Baiardi, 2011).

A dimensão do FIB, Vitalidade Comunitária está relacionada, entre outras, à capacidade dos moradores se associarem coletivamente. Fala da habilidade de gerirem seus conflitos, desacordos e cooperações. Da propensão em realizarem programas, eventos, mutirões que beneficiam a comunidade como um todo. Um exemplo deste é o mosaico realizado em regime de mutirão, na caixa d'água na entrada da cidade (Figura 12). Esta dimensão do FIB compreende diretamente os laços afetivos dentro da comunidade e dos atores que nela atuam (Silva, 2011). Segundo a pesquisadora, Vitalidade Comunitária abrange as seguintes experiências:

A sensação de pertencimento, de segurança no lar e na comunidade, as taxas de voluntariado, as relações de confiança e cuidado entre as pessoas são indicadores que compreendem o domínio da vitalidade da comunidade. Esse domínio avalia as interações e as relações dos pontos fortes e fracos dentro de uma comunidade. Os indicadores são: Vitalidade na família; Segurança; Reciprocidade; Confiança; Apoio social; Socialização; Densidade de parentesco (Silva, 2011:47).



**Figura 12 Mosaico realizado pela comunidade em cooperação (foto: acervo pessoal)**

Ao analisar a dimensão Vitalidade Comunitária em Serra Grande, a pesquisadora concluiu que “a sensação de pertencimento é “muito forte” e “forte” para 77,77% dos moradores, e “regular” para 16,67%” (Silva, 2011: 89). De acordo com a mesma autora:

Percebe-se que o nível de envolvimento comunitário é alto tanto para participações em atividades sociais, quanto para ajuda ao próximo, quando necessário. Para as inter-relações necessárias a uma comunidade sustentável, Serra Grande demonstra ter qualidades ou características bastante peculiares, raras de se encontrar atualmente. Os dados demonstram que os resultados da dimensão Vitalidade Comunitária poderão ser utilizados no planejamento da Vila como aspectos favoráveis para a qualidade de vida de seus habitantes. (Silva, 2011: 92).



Figura 13 Montagem do palco do Sarau Serra Viva, setembro 2012 (foto: acervo pessoal)

### 3.3 Sarau Serra Viva

Esse mundo é bom  
Esse mundo é bom  
Esse mundo é bom  
É bom de se viver  
Debaixo do céu em cima da terra só eu você  
A Serra é grande é grande o mar  
Na costa do cacau tem Dendê da Serra  
Pra ensinar quero aprender  
A conjugar o verbo amar entre eu e você  
Não leve a mal, não tenho pressa,  
mas já vou indo que hoje na Praça é dia de Sarau  
E no domingo poder descansar  
contemplando a beleza na represa em Aritaguá  
Pelo pasto ver correr, brincando a Liz e o Cauê,  
Maria Flor, Naara e daqui a pouco o Tiê!  
Música Aritaguá- Cidadão da Mata (nome artístico de Alex Fasigh)

O Sarau Serra Viva é uma forma de expressão nascida da coletividade artístico/cultural em Serra Grande. Tem em comum com outros saraus pelo mundo a fora o fato de reunir pessoas interessadas em manter e movimentar tradições populares. A palavra “sarau” pode ser definida como:

1. Reunião festiva, em casa particular, clube ou teatro, em que se passa a noite dançando, jogando, tocando, etc.;
2. Concerto musical de noite;
3. Reunião de pessoas amantes de letras, para recitação e audição de trabalhos em prosa e verso.

(MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> acesso em 10 de fevereiro de 2014).

Segundo a Wikipédia: “um **sarau** (do latim *seranus*, através do galego *serao*) é um evento cultural ou musical realizado geralmente em casa particular onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente.” De acordo com a enciclopédia livre virtual, o evento era comum no século XIX (Figura 14) é fortalecido nos dias atuais por seu caráter de confraternização, descontração e satisfação. Em um sarau todas as manifestações artísticas são propícias. “Consiste em uma reunião festiva que ocorre à tarde ou no início da noite, apresentando concertos musicais, serestas, cantos e apresentações solo, demonstrações, interpretações ou performances artísticas e literárias” (Conteúdo livre, Wikipédia).



Figura 14 Sarau musical no castelo de Frederiksborg, cerca de 1833. Pintura de W. Mastrand (foto: Conteúdo Livre no Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014)

Germano (2012: 1) chama a atenção para o fato de o conceito original do termo não ter acompanhado os rumos atuais. Das festas intimistas, com preferências artísticas literárias, aos grandes espaços com diversos estilos artísticos e musicais, os saraus têm em comum a veia artística e o nome. “Se originalmente a ideia era reunir

conhecidos e dividir dons artísticos, hoje atua como arena cultural e funciona como alternativa de entretenimento de qualidade para as noites de Brasília. E o melhor: de graça” (Germano, 2012: 1). Cristina Roberto, promotora de eventos desse porte, compreende que a característica principal do sarau é a de ser uma tribuna livre. “Para mim, sarau é um território livre, pondera, acrescentando que não deve haver filtros burocráticos, como seleções limitadas de artistas ou ordem de apresentação” (Germano, 2012: 1).

A característica livre do evento gera reflexões que se debruçam sobre o fazer artístico. Atenta a este fato, a produtora Beatriz Gonçalves propôs um Sarau de Ideias, voltado para o debate sobre os principais movimentos e manifestações culturais do Brasil. “O sarau é um espaço para discussão, para a troca de ideias e, sem dúvida, é um espaço político”, diz (Germano, 2012: 1).

Salvador, Bahia, também tem tradição em saraus (Figura 15). A maioria desses é voltada para pensar e divulgar a cultura afrodescendente. Muitos são voltados para a prática da literatura e recitação de poemas (<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/mapa-indica-principais-saraus-de-salvador/>, acessado em abril de 2014). Alan Félix, poeta deste circuito esteve em Uruçuca e foi um dos ativistas do Sarau LiteraRua que ocorreu na sede do município em parceria com o Sarau Serra Viva em abril de 2014.

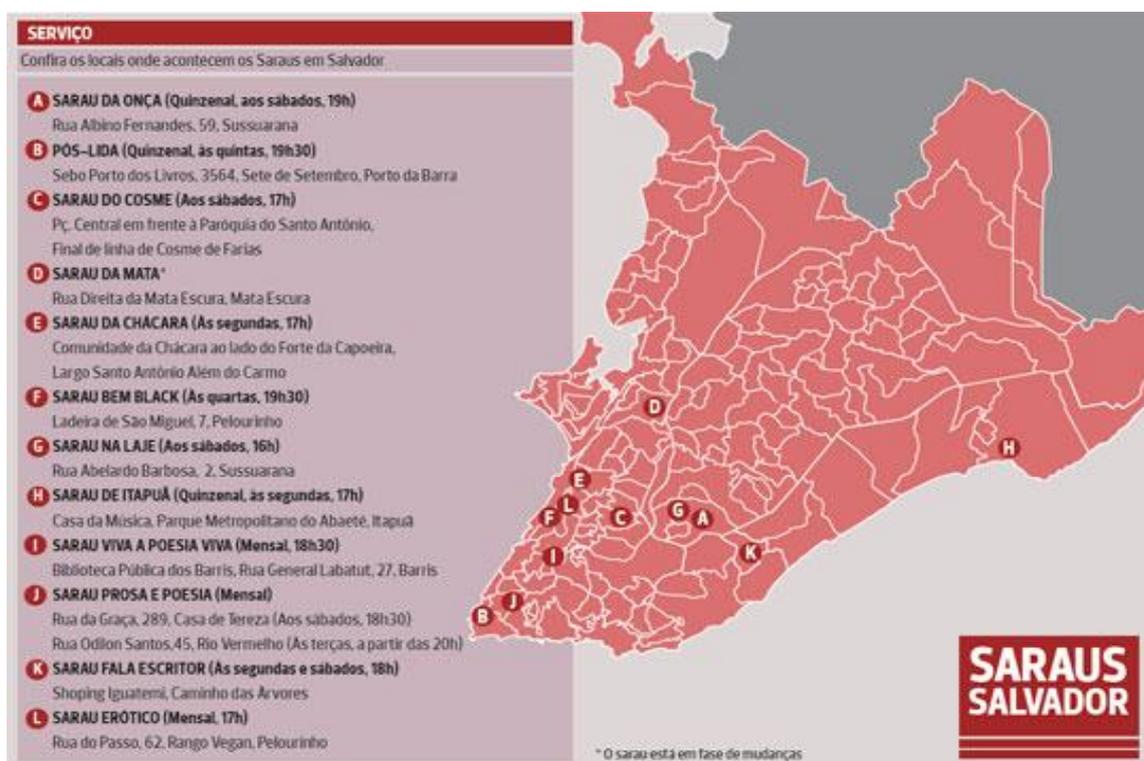


Figura 15 Mapa de Saraus em Salvador (imagem: Conteúdo Livre no Google Imagens, acesso em 25 de março de 2014)

Fernandes (2010) reflete a respeito do tema sarau e o enxerga como um evento integrador que reúne pessoas desconhecidas em torno de desejos semelhantes. No entanto, o ambiente não é formado apenas por esta linha de relações. Um sarau estabelece a interação das pessoas com a arte, o que pode proporcionar experiências significativas. Em sua opinião: “Um sarau deve estabelecer conexões entre o ser exterior e o interior, já que suscita reflexão e experiências ricas” (Fernandes, 2010).

Rodrigues (2013) defende a ideia de que os jovens se relacionam de forma especial com a cultura e acreditam que o uso pelo sarau dos espaços públicos pode ajudar a construir cidades mais democráticas. Em seu artigo, cita diversos saraus da cidade de São Paulo. Pinta um quadro, aonde jovens skatistas, chegam aos espaços públicos e lá se encontram com capoeiristas, músicos, poetas e dançarinos. As pessoas se reúnem em “grupos, associações, “tribos”, movimentos e ONGS em torno da cultura - tema considerado central na vida da juventude brasileira” (Roney, 2013:24).

Já na pesquisa “Sonho Brasileiro”, realizada em 2011 pelo Instituto Box 1824; 77% dos jovens dizem acreditar que uma vida plena depende do bem estar da sociedade em que vivem e os elementos apontados como fortes campos de atuação solidária estão na área da Cultura (31%), Meio Ambiente (29%), Educação (26%) e Esporte (25%). As políticas de cultura, nas duas pesquisas, aparecem como uma das principais demandas entre grupos organizados e são sempre prioridades nos fóruns de debate sobre políticas de juventude (Roney, 2013: 24).

Os jovens estudados nestas pesquisas parecem demonstrar uma clara ideia sobre a ligação entre atuação cultural e diminuição dos níveis de violência e no cuidado com o meio ambiente. Outro ponto que o público estudado salientou na pesquisa citada foi a visibilidade que as classes mais vulneráveis podem alcançar através dos eventos culturais, especialmente aqueles que são realizados em espaços públicos. Percebe-se nos discursos de pessoas envolvidas com saraus pelo Brasil afora, que este é um elemento de integração, em muitos momentos faz às vezes de uma escola de mobilização social e consciência cidadã.

Segundo Roney (2013), sarau pode ser considerado um evento transformador de paradigmas, pois questiona a sociedade de consumo no sentido em que apresenta a cultura como algo além de um bem comercial. O que acontece em um evento como esse é a troca, o compartilhamento de experiências. Todos têm algo a oferecer e a receber; a liberdade é coletiva e uma das propostas principais é despertar o artista que existe em cada um.

O Sarau em Serra Grande foi à lenha que reacendeu a brasa da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, fundada em 2007, com o objetivo de fundar uma rádio comunitária. Não houve sucesso na empreita e o mecanismo de fomentação cultural ficou inativo quando, em 2010, Verónica Sosa apresentou através da associação um projeto de aulas de flautas através de um edital do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social). A diretoria conseguiu realizar os trâmites necessários para apresentação do projeto e este foi classificado, porém não contemplado. Após este momento é realizada nova eleição para a diretoria da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. No entanto, a mesma continua inativa em termos de realização de projetos até o surgimento do Sarau Serra Viva (Verónica Sosa comunicação pessoal, 2014).

Em abril de 2011, um grupo de pessoas interessadas em movimentar culturalmente Serra Grande reativa este precioso instrumento de participação comunitária, tendo como proposta inicial a criação de um evento que reunisse na praça central os artistas e artesãos locais. Um evento que fosse integrador e recebesse toda a comunidade, bem como os visitantes. O que pulsava no coração daquele coletivo era diminuir a dita “distância cultural” entre antigos e novos moradores, entre antigas e novas propostas.



Figura 16 Apresentação de alunos da Escola Rural Dendê da Serra, junho 2011 (foto: Leonardo Paschoal).

#### **4. MATERIAIS E MÉTODOS**

Este capítulo convida o leitor a um mergulho no método e nos materiais utilizados na pesquisa. A Trilha desenhada pelos passos metodológicos e as reflexões geradas

pelo ato de investigar são imediatamente anexadas ao objeto averiguado. A relação dinâmica do processo é revelada em suas minúcias práticas e cotidianas.

#### **4.1- Fundamentação teórico/ metodológica**

Provavelmente tão antiga quanto à investigação, coloca-se a questão da familiaridade do investigador com o objeto de seu estudo. Alguns pesquisadores “defendem uma perspectiva “objetivista” e não admitem a influência da subjetividade no conhecimento científico” (Ludke e André, 1986:40). De acordo com esta visão, quanto mais desconhecido e distante for o objeto de sua pesquisa, maior será a precisão da mesma. Não supomos ser possível, nem mesmo desejável, um completo distanciamento social e emocional entre o pesquisador e o pesquisado. Existem afinidades comuns, memórias ancestrais, sentimentos partilhados. São as experiências coletivas (conscientes ou inconscientes) que nos fazem unos com o que quer que nos debrucemos para compreender através dos sentidos humanos, afinal formamos uma Junteridade, de acordo com Ingold (2012). Através das interações, do conhecimento que “cada corpo é um elemento assinado por muitos outros” (Certeau, 1998: 171) encontramos possibilidade de pesquisar um tema próximo.

No âmbito da investigação social, quando se concorda com o paradigma da inter-relação como conformadora de ambientes, a chamada *Investigação Participativa*, como pressuposto teórico/metodológico é a mais adequada, pois pressupõe a participação ativa do investigador em seu campo e tema de estudo (Fino, 2008). Segundo o mesmo autor, o diferencial na relação de pesquisadores engajados com os sujeitos da pesquisa se reflete em um esforço contínuo no autoconhecimento e na isenção de valores ao compreender a alteridade que se apresenta. Um treinamento na qualidade do olhar. No capítulo 4.3 (Meu Posicionamento na teia de relações) serão explicados os motivos que nos levaram a inverter a lógica deste método e considerar esta uma *Participação Investigativa*.

Além dos questionários e entrevistas utilizados na coleta de dados, contamos com descrições, comparações e interpretações de diversos documentos (atas de reuniões, histórico do evento, músicas, documentos de áudio visual entre outros). Além disso, foram reconhecidos como dados da pesquisa as observações pessoais dos eventos, memória viva que foi utilizada. Segundo, Ludke e André (1986) a observação ocupa lugar de destaque como coleta de dados nas novas abordagens de pesquisa

educacional, pois “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno estudado”, afirmam ainda que:

O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A introspecção e a reflexão pessoal têm papel importante na pesquisa naturalística (Ludke e André, 1986:26).

#### **4.2 Procedimentos de campo**

Os dados foram recolhidos a partir das seguintes fontes:

- 1- Observação;
- 2- Documentos (atas de reuniões, histórico de apresentações, letras de músicas, textos de peças apresentadas, notas sobre o evento divulgadas na mídia, fotos, conversas em redes sociais, ente outros);
- 3- Questionário da etapa quantitativa (APÊNDICE 1) / Categoria de valores utilizada para compilação na Tabela Mãe (APÊNDICE 2);
- 4- Roteiro de Entrevista da etapa qualitativa (APÊNDICE 3);

Com os dados colhidos a partir da observação e da análise documental, captamos o histórico, a mobilização artística cultural em prol de determinados temas que podem ser considerados incentivadores das questões socioambientais, como os exemplos de canções e poesias espalhados ao longo do corpo deste trabalho. Foram analisadas atrações culturais temáticas ou não; músicas, notas divulgadas nos blogs da região a fim de perceber também o alcance socioambiental do evento. Um aspecto comunitário igualmente investigado foram as organizações comunitárias presentes em Serra Grande (APÊNDICE 4) O intuito ao diversificar os instrumentos de coleta de dados nas etapas quantitativa e qualitativa foi o de “prever uma triangulação” que multiplique as fontes de dados e as tentativas de abordagem, conforme orientação de Minayo (1996:102).

Minayo define questionário como um instrumento de sondagem de opinião como “totalmente estruturado, onde a escolha do informante está condicionada pela multiplicidade de respostas apresentadas pelo entrevistador” (Minayo, 1996:108). No entanto, o questionário utilizado nesta pesquisa compreende algumas questões abertas em que a aparece à opinião pessoal do entrevistado (questões 3; 4; 5; 6 que tratam do

perfil do participante e questões 17; 18; 19 e 30 que investigam a opinião deste sobre o Sarau Serra Viva). Quando utilizamos o termo **questionário** nesta pesquisa nos referimos à etapa quantitativa da pesquisa em que foram realizadas “entrevistas semiestruturadas que combinam perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas” (Minayo, 1996: 108).

A organização do evento calcula a participação média de 250 (duzentos e cinquenta) pessoas por evento, considerando a alta participação no verão e a baixa estação do inverno. A etapa quantitativa foi realizada durante os eventos dos meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014. Neste período foram aplicados 79 (setenta e nove) questionários.

Seis adolescentes da comunidade foram treinados para aplicação do instrumento (Figura 17), com fins de facilitar a compreensão do mesmo e alcançar também àqueles que têm dificuldades com a leitura. A orientação foi para que os jovens entrevistadores lessem cada uma das perguntas do questionário e suas opções de respostas em voz alta e anotassem as respostas. Foi salientado ainda que se ativessem as palavras lidas, sem usar nenhum tipo de sinônimos para esclarecer uma eventual dúvida. Por ser uma época de alta temporada, foi pedido aos entrevistadores que buscassem preferencialmente moradores/ frequentadores de Serra Grande. Esses dados compilados possibilitam a visualização do perfil dos participantes bem como o envolvimento dos mesmos na gestão do evento e com as práticas socioambientais sustentáveis.



Figura 17 Yury Oliveira aplica o questionário durante o evento em dezembro de 2013 (foto: acervo pessoal)

O questionário contém 31 (trinta e uma) questões das quais quatro (12; 13a; 13b e 21) foram excluídas da análise final por não contribuírem diretamente com o que se buscava estudar. As seis primeiras questões se debruçam sob a caracterização da amostra; as questões 7; 8 e 9 se voltam para o grau de participação no Sarau Serra Viva; quatro questões (10; 11; 15 e 16) se referem à percepção dos entrevistados sobre o evento ser ou não democrático/participativo; duas questões (14 e 29) investigam a feira de artesanato e sua influência na economia comunitária; as questões 22 e 28 estão relacionadas à gestão comunitária do evento; as questões 18 e 27 dizem respeito ao grau de satisfação pessoal com a festa e cinco questões tratam da relação do Sarau Serra Viva com a proteção e o cuidado com o ambiente. Estas foram divididas em duas questões gerais (20: Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza e 23: Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região) e três (24; 25 e 26) são sobre cuidados específicos com o lixo, as nascentes dos rios e a Praça Pedro Gomes.

Para a realização das entrevistas da etapa qualitativa da pesquisa, buscou-se um critério de representatividade dos diversos segmentos que compõem o evento (organização, cultura, educação, meio ambiente, comércio e artistas amadores). Tomaram-se os cuidados e precauções indicados por Ludke e André (1986) quanto ao respeito em relação à combinação de local e horário da entrevista e ao “estímulo do curso natural de informações por parte do entrevistado” (Ludke e André, 1986: 35). Um roteiro previamente estabelecido (APÊNDICE 3) foi utilizado para orientar uma “conversa com finalidade”, como define Parga Nina (1983, apud Minayo, 1996:99) quando trata da entrevista não estruturada ou aberta. “A ordem dos assuntos abordados não obedece a uma sequência rígida e, sim, é determinada frequentemente pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos assuntos em pauta” (Minayo, 1996:122).

As entrevistas foram realizadas com alguns dos principais organizadores e colaboradores do evento: Verónica Sosa, Luciano Garcia, Deborah Pizzatto, Mara Campos e Alex Fasigh, bem como com representantes institucionais divididos nos segmentos a cima citados: da área ambiental o Instituto Floresta Viva, na figura de Rui Rocha e a Associação Movimento Mecenas da Vida, na pessoa de Salvador; da área cultural Tisza Coelho respondeu pelo Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola; no campo da educação a Escola Rural Dendê da Serra, através da palavra do

professor de música Lucas Moreira (que também respondeu como artista e organizador do Sarau Serra Viva); representaram o comércio comunitário a Casa das Flores, através de Patrícia Paiva e a vendedora de sucos Adriana; o grupo de dança de adolescentes da comunidade Truk Dance (Mariana, Adrielli e Manuela) foi a voz dos artistas amadores que se apresentam no Sarau Serra Viva. Aqui vale dizer que empreendemos inúmeras tentativas de entrevistar a diretora da escola municipal e o administrador de Serra Grande, mas ambos alegaram falta de tempo.

Durante os meses de fevereiro a abril de 2014, foram realizadas as entrevistas, gravadas em arquivo digital e transcritas. O documento foi arquivado para um futuro documentário sobre a iniciativa. Optamos por manter o nome verdadeiro dos entrevistados devido à compreensão de que nomes reais conectam com histórias reais. Após a referência bibliográfica, encontra-se a lista com seus nomes completos e/ ou o codinome pelo qual preferem ser conhecidos. Toda vez que, no corpo deste texto aparecer o nome de um dos participantes seguido de “comunicação pessoal”, entenda-se que ali está transcrito parte da entrevista realizada nesta etapa da pesquisa. Por outro lado quando a exposição vier seguida de “opinião pessoal”, significa que exponho minhas próprias reflexões íntimas, não como autora do texto, mas na posição de integrante do processo. O foco das entrevistas com os colaboradores recai no que as pessoas fazem concretamente, como as histórias se conectam, e como a temática da gestão socioambiental cruza o Sarau, assim como o caminho histórico deste tipo de gestão na comunidade. O viés qualitativo desta pesquisa contribuiu para ampliar a visão do evento, bem como alguns aspectos das histórias de vida dos atores e da ligação na grande teia comunitária, cujo nó relacional se encontra no Sarau Serra Viva.

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesmo um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (Minayo, 1996:109).

Aqui nos colocamos na posição de *cartógrafos* (Ronik, 1989), que “mapeiam” trajetórias, narrativas, relações e movimentos, investigam como estes constituem-conformam e são conformadas por um lugar, por uma iniciativa comunitária que congrega lazer, cultura, economia, fórum de debates e criação de novas formas de gestão socioambiental. A história de cada um, contada em seu ambiente natural e com representações sociais próprias tornam viva e rica a pesquisa, além de despertar o

interesse da comunidade em conhecer o resultado da mesma. As entrevistas objetivam compreender trajetórias de vida, conflitos, relações entre as pessoas e as instituições e questões mais gerais sobre atividades exercidas.

### 4.3 Meu posicionamento na teia de relações

Eu não sou eu.  
Eu sou aquele que caminha ao meu lado,  
sem que eu o enxergue,  
que eu visito frequentemente  
e que frequentemente eu esqueço.  
Aquele que cala em silêncio quando eu falo,  
que docilmente perdoa quando eu odeio,  
que fica em pé, quando eu morro.

(Juan Ramón Jimenez)

Por se tratar de uma pesquisa a respeito de uma iniciativa da qual, como elemento da rede de interações sou cocriadora e uma das organizadoras, é preciso, enquanto pesquisadora, assumir os riscos, as subjetividades, as oportunidades e desfrutar da realidade que se apresenta. O risco mais eminente é sermos tendenciosos com a interpretação dos dados recolhidos. A oportunidade mais evidente é conhecer cada passo do processo e poder contar a história com conhecimento de causa, realizando o que preferimos chamar de participação investigativa, pois inverte a ordem da investigação participativa, no sentido em que ao invés de, no exercício da investigação, me aproximar e me tornar íntima de objeto de estudo, me afastei e mudei o foco do meu olhar já que a intimidade necessária para este tipo de pesquisa-ação eu já tinha a priori.

Por se tratar de um mestrado profissional escolhemos como tema um objeto de nossa vida cotidiana, com a intenção de compartilhar e qualificar o processo através da visão de habitantes internos. Algumas questões salientam a relevância do tema. A primeira é o fato de o Sarau Serra Viva unir as pessoas, e por isso a imagem da ciranda. Mesmo que a princípio não se acerte o passo, mesmo que coordenar pernas, mãos e canto seja um trabalho difícil, mesmo que se esteja cansado, mesmo que ameace chover, as mãos se unem, e a magia acontece. Pessoas chegam, passa um homem com um porco enorme na coleira, alguns brincam com malabares, outros armam suas barracas. As crianças brincam e esperam ansiosas a hora de sua apresentação, seus pais conversam sobre assuntos relevantes à comunidade.

Certamente como participante investigativa, minha experiência pessoal e emocional durante a trajetória é revelada. Questões como parcerias entre associações e pessoas, questões sobre como receber críticas opostas a respeito da programação estabelecida nos eventos são parte da mesma experiência que não se pode apartar. Como pesquisadora participante, eu também formo uma *Junteridade*.

Compreendemos que a pesquisa estabelece ligações e estas são automaticamente anexadas à rede existente que se molda novamente a fim de se adequar à nova experiência. O movimento acontece. Segundo Minayo (1996:107): “o campo social não é transparente e tanto o pesquisador como atores, sujeitos-objeto da pesquisa interferem dinamicamente no conhecimento da realidade”.



Figura 18 Grupo Organizador do Sarau Serra Viva: Éllis Reichgelt, Verónica Sosa e Krishna de Castro, em agosto de 2011(foto: Leonardo Paschoal)

#### 4.4 – Procedimentos de análise de dados

Os dados compilados na etapa quantitativa da pesquisa foram sintetizados em um arquivo de planilha eletrônica, cada resposta dada corresponde a um número da Tabela Mãe (APÊNDICE 5). Este tipo de compilação proporcionou a visualização dos dados e o cálculo da porcentagem da incidência de respostas. Para cada pergunta foi gerado um gráfico. Os dados das entrevistas qualitativas foram transcritos e os arquivos de áudio ou vídeo arquivados.

Através da compilação de dados e análise do referencial teórico chegamos as seguintes categorias de análises: (5.1) *O Sarau Serra Viva como fruto e reflexo da trajetória histórica na prática de gestão do bem comum na região* que revela os aspectos históricos da gestão comunitária, a forma específica em que se iniciou e perpetuou o tema da cooperação em Serra Grande; (5.2) *Diversos olhares, um só*

*coração - o trabalho comunitário em Serra Grande* onde podemos observar o Sarau Serra Viva como marco de entrosamento entre diversos segmentos sociais e conhecermos parte da trajetória dos colaboradores do evento e como estas se cruzaram, se encontraram e desencontraram a fim de materializar o Sarau Serra Viva; (5.3) *O ambiente relacional: a Praça Pedro Gomes, os seres em movimento e o Sarau Serra Viva* categoria de análise onde reconhecemos a praça central da Vila Alta como um ambiente relacional conforme preconizado por Ingold (2012), o lócus de interação ou “nó” onde ocorrem os encontros e o movimento que desenha o ambiente com as cores do Sarau Serra Viva e sua rede de relações; (5.4) *O Sarau Serra Viva como mobilizador da gestão socioambiental em Serra Grande e entorno* que analisa a forma específica de influência do evento em relação à gestão colaborativa e as práticas de desenhos ambientais sustentáveis na região e, finalmente (5.6) *Os desafios do Sarau Serra Viva* categoria que auxilia a atividade de repensar formas de integração comunitária que levem em conta a sustentabilidade na medida em que esta revela passos, tropeços, atalhos e um cirandar único chamado Sarau Serra Viva.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Vem cantar com a Nova Era,  
Celebrar com toda criação  
O triunfo daquele que ama,  
O reino mágico do coração  
(Sílvia Matos)

Este capítulo coroa o processo de investigação. Aqui podemos ver a síntese dos temas estudados durante a fundamentação teórica, qual sejam a cooperação e o desenho de ambientes através de uma gestão sustentável, relacionados com a ciranda institucional de Serra Grande, mais especificamente como marco o Sarau Serra Viva. Além das potencialidades do evento, também serão debatidos aqui os desafios que, ao longo da caminhada, trouxeram aprendizagem no processo de gestão coletiva. Através desta pesquisa o conhecimento adquirido pode ser expandido aos que seguirem com o empreendimento e aos que o quiserem replicar em suas comunidades.

### **5.1 O Sarau Serra Viva como fruto e reflexo da trajetória histórica na prática de gestão do bem comum na região**

Em Serra Grande, a educação socioambiental tem uma trajetória histórica associada a ações públicas na Vila e no território, inclusive empreendidas pela sociedade civil, como Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia - IESB; Associação Movimento Mecenias da Vida; Associação Moradores e Moradoras da Beira

Rio da Represa; Instituto Floresta Viva; Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, entre outras. Esta miríade associativa discute e programa comunitariamente atividades tais como planos de manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) Itacaré-Serra Grande, Plano Diretor do distrito, a gestão do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC), o tipo de turismo desejado, entre outras. Juntas estabelecem um ambiente relacional que proporciona o elevado valor na dimensão do Índice de Felicidade Interna Bruta, a Vitalidade Comunitária, identificada por Silva (2011). Esta arquitetura institucional e as inúmeras iniciativas, além de fomentar a prática do trabalho em rede, da gestão coletiva e da aprendizagem no tema da cooperação, animaram as pré-condições culturais para o Sarau Serra Viva, objeto deste estudo. Um dos objetivos desta pesquisa é analisar o Sarau Serra Viva como fruto da trajetória histórica da prática de gestão do bem comum, a existência das instituições e suas ações criaram e criam um ambiente de diversidade e relações. De acordo com Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014):

As duas unidades de conservação: a APA, Área de Proteção Ambiental Itacaré/ Serra Grande e o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC) são estruturantes dessa paisagem em que Serra Grande é a entrada. A vila recebe a influência dessa gestão de áreas protegidas pelos mecanismos de gestão participativa que geraram conselhos gestores. O conselho gestor da APA foi criado em 1999/ 2000, são quatorze anos de conselho gestor, horas mais ativo, horas menos ativo, mas está aí, tem secretaria executiva, tem reuniões ordinárias, tem uma história. Tem ata, tem uma institucionalidade, inclusive envolvendo lideranças diferentes, do setor público, do setor privado, da sociedade civil, da zona rural, da zona urbana. Isso vai criando uma massa crítica, uma cultura de gestão de um bem comum. A APA e o PESC atraem educadores que querem criar uma Escola Waldorf inspirada na natureza. Se você for à fonte, vai ver isso. Por que escolheram Serra Grande e não Itabuna ou um distrito industrial de Ilhéus? Ou o polo petroquímico de Camaçari? Por quê? Porque Serra Grande é dentro de uma área de natureza exuberante, rios limpos, floresta. Não sou da Escola Rural Dendê da Serra, mas imagino que isso possa ter sido um indutor importante. Não só haver essa qualidade ambiental, mas haver um ambiente institucional que promovesse isso de alguma forma, então a existência da APA, a existência do Parque são motivadores, a pessoa fala assim, “eu to numa área natural, mas aqui tem regras”.

Serra Grande é privilegiada em termos de organizações comunitárias. Nas palavras de minha colega de mestrado Bárbara Vasconcelos: “É uma associação por gleba!”. Embora não seja possível dizer ao certo quantas podemos encontrar em Serra Grande e seu entorno (cada vez que tentava fechar minha lista tinha conhecimento a respeito de uma ou outra organização), Contabilizei em torno de trinta, entre associações, institutos, ONGs (APÊNDICE 4). Embora estejam mais ou menos ativas, todas tem sua parcela de contribuição no desenho socioambiental de Serra Grande.

Nessas iniciativas e interações há olhares e corações para os mais diversos aspectos que são relevantes e contribuem para a Felicidade Interna Bruta. Iniciativas como, o Instituto Floresta Viva e o Mecenas da Vida voltam seus esforços para a conservação dos recursos naturais. A Associação Pedagógica Dendê da Serra (associação mantenedora da Escola Rural Dendê da Serra) e o Movimento Nova Escola focam sua atenção nas questões educativas, a Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, o Centro de Cultura Permanente Barracão D' Angola e o Circo da Lua trabalham as questões pelo viés cultural. São diferentes focos, diversos olhares, mas que pulsam um só coração, integrados pelo bem estar do ambiente físico e/ou relacional do lugar.

A união de saberes é geradora de conhecimento. Criatividade/ improvisação é o mote dos novos tempos. Precisamos reinventar relações, sejam elas econômicas, éticas ou espirituais. A pluralidade de olhares, privilegiada neste momento histórico de Serra Grande, consolida grandes avanços de participação social, especialmente nos campos da educação, economia e cultura. Atividades diversas são realizadas, por exemplo, pelo Circo da Lua (Figura 19), iniciativa de um casal de argentinos, apoiado pelo FUNCEB - Fundação Cultural do Estado da Bahia, que oferece aulas gratuitas de música, artes circenses, dança, entre outras, especialmente para as crianças das famílias mais vulneráveis do Bairro Novo. A Casa Verde no mesmo bairro ministra oficinas de educação ambiental, além de marcenaria, o professor Gustavo é ex-aluno da escola de orientação antroposófica, a Escola Rural Dendê da Serra, e aprendeu a arte de trabalhar em madeiras nessa instituição. A Escola Dendê da Serra, O Circo da Lua e o Instituto Arapyaú também são parceiros desta iniciativa.



**Figura 19 Atividades no Circo da Lua (foto: Conteúdo Livre Facebook, acesso em 25 de março de 2014)**

Através do relatório final do Diagnóstico Participativo de Serra Grande (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008), compreendemos que a condição privilegiada atual tem um percurso histórico. A primeira associação surgiu em 1985, a Associação

dos Produtores Rurais de Serra Grande, a partir de um conflito entre um empresário proprietário e os produtores da terra.

A Área de Proteção Ambiental Itacaré/Serra Grande é criada por Decreto Estadual Nº 2.186, em 1993. O Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia-IESB surge na região em 1994, da reunião de estudantes e ambientalistas da Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), com objetivo de apoiar projetos de conservação e desenvolvimento. Uma das vertentes de atuação do IESB é apoiar a sociedade civil organizada. Sua missão: “Conservar a biodiversidade, promovendo o uso sustentável dos recursos naturais e a melhoria de vida das comunidades inseridas no Corredor Central da Mata Atlântica” (IESB, 2014). Sua atuação principal em Serra Grande foi a parceria com lideranças locais para pensar a criação do Parque Estadual da Serra do Conduru, em 1997 (Instituto Floresta Viva e Instituto Ynamata, 2008).

Em 2000, por iniciativa da prefeitura municipal e do governo estadual começa a elaboração do Plano de Referência Urbanístico e Ambiental – PRUA com apoio do Instituto Floresta Viva e do Instituto Ynamata, além de ampla participação da comunidade através de organizações comunitárias diversas e encontros nos bairros. Neste processo foi defendido comunitariamente o direito dos moradores, que viam negado seu acesso em usufruir dos recursos naturais, limitados pelos novos donos das terras. Nessa época é criado o Conselho Gestor do Parque Estadual da Serra do Conduru que fortalece a prática da gestão coletiva, incipiente na região.

O Instituto Floresta Viva (Figura 20), com sede em Serra Grande é fundado em 2001. Sua missão é “promover o desenvolvimento humano aliado à conservação da natureza”. O Instituto Floresta Viva foi um dos responsáveis pelo diagnóstico participativo, processo comunitário de repensar a organização do distrito de Serra Grande, e pela concretização do PRUA que geraram diretrizes sustentáveis para o planejamento urbano e rural do distrito.



**Figura 20** Equipe do Instituto Floresta Viva (foto: disponível em <http://www.florestaviva.org.br/>, acesso em 25 de março de 2014)

Neste mesmo ano, em fevereiro, é plantada a semente da Associação Pedagógica Dendê da Serra (Figura 21), que tem como principal projeto a escola de orientação antroposófica e que, atualmente, ensina 135 crianças (dado obtido com a secretaria da Escola em 24 de março de 2014). Na grade estão incluídas não somente as matérias curriculares, mas arte em madeira, jardinagem, teatro, música, trabalhos manuais e, especialmente a integração com a natureza de forma saudável e sustentável. Sua missão “promover o desenvolvimento integral do ser humano através de uma ação educativa baseada nos princípios da pedagogia antroposófica e propiciar a convivência de crianças de diferentes origens sociais, atendendo prioritariamente às necessidades das famílias de baixa renda” (Escola Rural Dendê da Serra, 2013).



Figura 21 Escola Rural Dendê da Serra (foto: disponível em <http://www.dendeserra.org.br/>, acesso em 25 de março de 2014)

Em 2003, inicia-se o projeto cultural da Fazenda Ouro Verde, o berço do Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola. Em 2006, é fundado o Instituto Ynamata, um dos apoiadores, por exemplo, do projeto NAVE – Núcleo Artístico de Vivências Experimentais e posteriormente do projeto Casa Verde, ambos voltados para atividades educacionais e culturais no centro no bairro de maior vulnerabilidade social. O Instituto, que também foi responsável pela elaboração do Diagnóstico Participativo (2008), apoia “projetos que visam promover a melhoria da qualidade de vida de comunidades do Sul e Baixo Sul da Bahia, através da valorização cultural e do desenvolvimento de práticas e alternativas econômicas e ambientais” (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=96016762>, acesso em 15 de maio de 2013).

A Associação Movimento Mecenass da Vida, também conhecido como “Mecenas da Vida” (Figura 22), cujo principal projeto é neutralização de emissão de carbono através do *Turismo CO2 Neutro*, surge em 2007. A associação é oriunda de um grupo de pessoas que tinha participado do processo no projeto de ecoturismo voltado para

compensação da construção da BA001, qual seja o estabelecimento do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC). Salvador explica que o impacto do turismo no efeito estufa é grande. A ideia da Associação é que os turistas contribuam para um fundo em investimentos socioambientais. A missão atual do Mecenass da Vida, segundo o entrevistado, é conservar floresta e formar agentes de conservação (Salvador, comunicação pessoal, 2014). O turista, ao compensar as emissões do voo, gera recurso financeiro suficiente para dar condições, por exemplo, para quem está morando na roça, o que possibilita que este seja um agente de conservação. Informa, ainda, que a ideia principal do grupo é criar uma rede que dê condições de realização do potencial de cada pessoa, de cada sonho comunitário, sem os entraves burocráticos que acabam por gerar problemas financeiros. Segundo o site oficial, o Mecenass da Vida “busca construir, com os diversos atores locais, novas práticas cooperativas para promover a democratização da conservação ambiental, o desenvolvimento humano/socioeconômico das populações locais, e a qualificação do destino turístico” (Mecenass da Vida, 2013).



**Figura 22 Associação Movimento Mecenass da Vida (foto: disponível em <http://mecenassdavid.org.br/>, acesso em 25 de março de 2014)**

Em 2007, é fundada a Associação Cultural da APA Itacaré Serra Grande, que em 2011 voltaria à ativa com seu principal evento, o Sarau Serra Viva. Nesta época, a Associação foi fundada pela iniciativa de moradores e empresários locais e tinha como objetivo principal a criação de uma rádio comunitária, sonho que ainda persiste no imaginário dos novos membros.

O Instituto Arapyauú (Figura 23) é fundado em 2008. “Seu objetivo é articular organizações e lideranças em torno de ações com grande poder de transformação, voltadas para o avanço da agenda da sustentabilidade no país” (<https://www.facebook.com/pages/Instituto-Arapya%C3%BA/115805905134668?id=115805905134668&sk=info>, acesso em 15 de

janeiro de 2014). A organização é fomentadora e colaboradora de diversas iniciativas educacionais e culturais na região, incluindo o Movimento Vila Aprendiz que visa fazer de Serra Grande um espaço de educação; a Nova Escola ou Campus Integrado de Serra Grande que pretende ser a primeira escola municipal/ estadual edificada a partir de uma construção coletiva em que a comunidade elaborou a arquitetura e repensou o projeto político pedagógico de acordo com as necessidades locais; o Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Sustentabilidade com aulas presenciais em Serra Grande, ministrados pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas – Ipê; o projeto Agenda Cultural entre outros.



**Figura 23** Instituto Arapyáú (foto: disponível em <http://www.arapyau.org.br/>, acesso em 25 de março de 2014)

Em 2009, surge a Associação de Moradores e Moradoras da Beira Rio da Represa, com a missão de olhar com mais atenção para a represa da Vila Alta ( Figura 24), um dos maiores patrimônios naturais da comunidade, valorizada por moradores e turistas. Esta Associação promove ações como a limpeza através de mutirões e ordenação da ocupação do espaço, trabalhando em estreita ligação com o Conselho de Turismo do Município. É, também, a Associação mantenedora da Casa de Economia Solidária, projeto que proporciona escoamento para a produção de boa parte dos produtores da região. Esta instituição faz parte da rede comercial do Sarau Serra Viva.



**Figura 24 Represa de Serra Grande (foto: acervo pessoal)**

Encontramos em Serra Grande um número considerável de pessoas que se unem em defesa das questões relevantes para o bem estar da população e da própria terra. Observamos na história do movimento de educação socioambiental em Serra Grande, diversas organizações surgirem a partir do anseio da população em conservar a qualidade de vida do lugar. Um exemplo ativo desta vitalidade, a Escola Rural Dendê da Serra há treze anos traz educação de qualidade, ao mesclar o currículo tradicional com aulas que desenvolvem diversos aspectos da inteligência<sup>5</sup> de seus alunos e incentiva a criatividade e improvisação, condição primordial para novos desenhos de ambiente (Ingold, 2012). Os conteúdos das aulas se relacionam com a realidade do aluno e, portanto do cuidado amplo com o equilíbrio ambiental que sustenta a vida do lugar. A instituição mantenedora, Associação Pedagógica Dendê da Serra, conta com 13 anos de experiência em gestão participativa, a “gestão é coletiva e as decisões são tomadas por consenso” (Escola Rural Dendê da Serra, 2013). Muitas pessoas que hoje integram outras organizações comunitárias ativas na região, inclusive no Sarau Serra Viva tiveram sua contribuição na Associação Pedagógica Dendê da Serra, como Verónica Sosa cujo objetivo inicial foi criar um espaço público para apresentação de seus alunos.

O movimento Grande Roda, iniciado em 2013 (Figura 25), congregou os diversos atores sociais na Praça Pedro Gomes, promoveu um protesto pacífico alinhando bons propósitos com o movimento nacional que se deu em junho/julho deste mesmo ano e debateu questões relevantes para a gestão comunitária, como, por exemplo, a

---

<sup>5</sup> “Os professores Waldorf empenham-se em deixar que desabroche nas crianças o entusiasmo natural por duas aptidões centrais da época atual: o interesse pela aprendizagem contínua e a criatividade” (<http://www.escolawaldorfrecife.org/#!/a-criana-e-o-ritmo/c1bb6>).

definição de prioridades para as políticas públicas. O documento gerado reflete o debate entre comunidade e poder municipal, entre os estudantes e o professor, o Mestre de Cerimônias do Sarau, a moradora que participa do movimento x ou y, o secretário municipal; entre pessoas que, simplesmente sentaram-se em roda na bela praça central da Vila Alta e conversaram sobre seus cotidianos.

Um documento contendo as reflexões da população foi entregue à gestora municipal e deve servir como diretriz para as políticas públicas em Serra Grande. Desta experiência surgiu o incipiente Movimento Nossa Uruçuca, um mecanismo coletivo de controle social, cuja primeira ação é divulgar informações sobre as sessões da câmara dos vereadores do município. De acordo com Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014):

Estamos, portanto, falando de uma comunidade que percorre uma trajetória ao longo de décadas, e constrói uma identidade coletiva própria, com base nas experiências estruturais (uso da floresta e do litoral, a logística difícil superada no tempo por uma nova rodovia, as condições produtivas) e institucionais (relação com prefeitura, com novos moradores, veranistas, igrejas, empresários, o meio ambiente, ongs locais e regionais), adquirindo uma complexidade gradativa e processando tudo isso com novas e antigas perspectivas.



**Figura 25 Movimento Grande Roda (foto: Conteúdo Livre Facebook, acesso em 25 de março de 2014)**

A Vitalidade Comunitária, expressa no trabalho institucional baseado na cooperação propicia a política da boa vizinhança, do acolhimento, da conservação, e da integração de saberes, incentiva a troca entre novos e antigos moradores e destes com elementos do mundo natural e espiritual, valorizando, enfim a diversidade biológica e cultural em constante movimentação. Na medida em que o enriquecimento do processo comunitário se dá pela constituição de uma rede cooperativa de relações, a vitalidade comunitária, presente na ação coletiva em Serra Grande, garante a

sustentabilidade e o fortalecimento da rede, a saber, o ambiente, nas palavras de Ingold (2012).

As associações e atores sociais, as emoções e vibrações que abriram caminho para uma nova cultura de criação coletiva entrelaçam seus passos na caminhada comunitária. Os atores sociais se encontram e se afastam, tornando a se encontrar, como num passo típico das quadrilhas de São João onde, no fim do ciclo, todos se deram as mãos. Esta roda encontra-se novamente no Sarau Serra Viva, unindo suas mãos na grande ciranda, marca registrada do evento.

## **5.2 Diversos olhares, um só coração - o trabalho comunitário em Serra Grande**

Ao chegar neste ponto da pesquisa, compreendemos que houve um processo histórico de prática na gestão do bem comum, empreendida pelas diversas instituições apresentadas. Os atores que hoje representam e trabalham em prol do acontecimento do Sarau Serra Viva também possuem seu histórico de trilhas e nós (Ingold, 2012) nas referidas organizações comunitárias e em outras experiências similares. Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014) reflete sobre isso da seguinte maneira:

As áreas protegidas que são o retrato formal e objetivo do bem comum. As unidades de conservação, ambas são estratégias de gestão do bem comum contemporâneas. Não estamos falando de uma comunidade tradicional indígena que tem uma mata, um rio e que tem seu *modus operandis* de cuidar daquilo. Estamos falando de uma comunidade moderna, complexa do século XXI que cria esse instrumento de área protegida e que implementa isso através de um conselho gestor, um chefe da unidade de conservação, de comunicação ambiental como, por exemplo, placas que sinalizam o bem comum: “Você está numa APA (Área de Proteção Ambiental)”, “Aqui tem o Parque Estadual da Serra do Conduru”, “Aqui tem Mata Atlântica”, “Aqui tem manguezal”, “Aqui tem biodiversidade”. O Sarau é um evento que cristaliza toda uma caminhada. É interessante quando a gente começa a ver essa cristalização em forma de cultura, porque uma coisa é o governo decretar uma área de proteção ambiental, contratar um chefe, colocar recurso orçamentário para isso. Isso é uma coisa. Outra coisa é uma Associação de Amigos do Parque<sup>6</sup> funcionando livremente, independente do Estado colocar ou não colocar dinheiro, independente do chefe do Parque participar ou não. Isso é uma revelação extraordinária de vitalidade.

---

<sup>6</sup> Rui refere-se ao “Projeto Amigos do PESC”, desenvolvido e executado pela Associação Movimento Mecenias da Vida. O projeto nasceu no âmbito do Conselho Gestor do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC), ou seja, de forma participativa, acolhendo as sugestões de ações e atividades dos conselheiros de forma a promover a gestão compartilhada do PESC. Por isso, é um projeto que, apesar de ter sido elaborado e executado pelo Mecenias da Vida contou com a participação de um coletivo socioambiental, inclusive para a execução de algumas ações como, por exemplo, o Festival Conduru e a elaboração do Jogo Didático Ambiental e do Site do Parque Estadual da Serra do Conduru (Informação coletada com Valéria Cardoso – atual presidente da Associação Movimento Mecenias da Vida)

O Sarau Serra Viva nasce no momento de reestruturação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, em abril de 2011, segundo Tisza Coelho (comunicação pessoal, 2014):

Luciano e Xavier decidiram permanecer em seus cargos e serem mais ativos na gestão da organização. Krishna entrou como secretária (...) o grupo do início do Sarau era formado por pessoas (Tisza, Krishna, Éllis, Verónica, Luciano, Xavier) que discutiam as coisas, sem o olhar pessoal, preocupadas com a roupa que serviria ao coletivo.

O processo de construção e de contínua reconstrução deste marco na história cultural de Serra Grande é imagem do ambiente relacional diverso e cooperativo que proporciona boas práticas comunitárias. Poderíamos dizer que o Sarau Serra Viva, nas palavras de Ingold (2012) compõe um nó tecido por encontros (e desencontros) das trajetórias individuais. Observamos então que as trilhas deixadas pelos atores que fizeram e farão parte desta história de construção formaram/ formarão outros nós (ou talvez *laços*) em outros encontros institucionais.

O grupo gerador do evento é diversificado, composto por pessoas como Verónica Sosa (Figura 26), argentina oriunda de uma família de artistas. Ela viveu os tempos difíceis da ditadura em seu país durante o curso de jornalismo. Veio para o Brasil e concluiu a graduação em música na primeira turma da faculdade de Ouro Preto. Chegou à Serra Grande e lecionou como professora música na Escola Rural Dendê da Serra. Com incentivo de um dos apoiadores da escola, cursou o Antropomúsica<sup>7</sup>, conhecimento que divulga em suas aulas pelos diversos espaços da comunidade em que executa seu projeto de Música de Câmara. A professora já deu aulas de Música de Câmara e Canto Coral em espaços comunitários, tais como o NAVE - Núcleo Artístico de Vivências Experimentais, a Casa Azul, a Casa Verde, o auditório da biblioteca municipal (Verónica Sosa, comunicação pessoal, 2014).

---

<sup>7</sup> O Antropomúsica tem por objetivo ampliar o conhecimento sobre a música e sua relação com o ser humano e capacitar pessoas para atuarem de forma mais consciente e profunda nos diversos campos da educação musical. (<http://institutorudolfsteiner.org.br/?p=3402>, acesso em 23 de maio de 2014).



Figura 26 Verónica Sosa e o Coral Canto do Sabiá, junho de 2011 (foto: Leonardo Paschoal)

Consciente da importância das apresentações públicas para a motivação de estudantes de música, Verónica procurou articular espaços de apresentação para seus alunos na Praça Pedro Gomes, no Espaço Box e na pizzaria, até que foi uma das principais fomentadoras da rearticulação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande e, conseqüentemente, da criação do Sarau Serra Viva. “A apresentação faz parte do estudo da música de câmara. Os alunos têm a necessidade de se apresentarem, concluírem o processo”. Verónica considera o Sarau Serra Viva como um “mecanismo de fortalecimento nesse aspecto, pois o evento estimula os alunos, que passam a se reconhecer como pessoas que podem fazer algo que agrada; que emocionem os outros. É muito transformador” (Verónica Sosa, comunicação pessoal 2014).

A respeito de sua contribuição para a realização do Sarau, Verónica Sosa relata que já corria o assunto da feira de artesanatos, de agricultores. No entanto, ela se preocupava mais com a questão das apresentações culturais, tanto para que os alunos tivessem o espaço onde demonstrar os resultados de seus trabalhos, mas também devido à influência que recebeu em Buenos Aires, em que “praças lindíssimas recebem artistas que expõem seus quadros, que apresentam sua arte. Tem grandes artistas por aqui, morando afastados. Um palco é um estímulo para todos apresentarem seus trabalhos”. Além disso, muitas produções interessantes são realizadas nas instituições locais (Verónica Sosa, comunicação pessoal, 2014).

O movimento na praça é importante para “dar visibilidade ao trabalho das associações, por exemplo, da Escola Rural Dendê da Serra que tem uma grande produção cultural e fica isolado e ninguém nunca vê.” Verónica considera que o movimento comunitário de apropriação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande foi importante porque “deu chance para a gente. Tanto eu como tantos outros

artistas, arte educadores. Muitas pessoas querendo morar aqui, querendo trabalhar, querendo ensinar e não tem patrocínio local. Precisa de uma instituição aqui” (Verónica Sosa, comunicação pessoal, 2014).

Nas palavras de Tizza, articuladora do movimento cultural através da tradição oral e da capoeira na região:

Deve-se ressaltar o papel de Verónica, amante da cultura e da democracia, que tem um olhar especial para o campo da cultura/educação na Vila. Foi ela quem, em 2010, começou a fomentar seus amigos e parceiros para se integrarem com o movimento de reestruturação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. A ideia do Sarau é dela. Ela o pariu, o colocou na Associação não foi mesquinha, não ficou ciumenta. Delegou desapeadamente. Um desprendimento digno de se colocar na história, e é importante deixar marcado que esse esforço todo pela comunidade partiu de uma argentina (Tizza Coelho, comunicação pessoal, 2014).

Tizza Coelho (Figura 27) também é uma das co-criadoras do evento e esteve presente no momento do nascimento da ideia. Carioca, quarenta e quatro anos estudou até o ensino médio, assim como seu marido e companheiro de trabalho, Cabello, que vem de São Paulo. Ela tem família em Uruçuca, mas chegou aqui por outros motivos. Acredita que foi um “chamado da região”. É envolvida com capoeira há trinta e três anos. Foi professora em Nova York e em outros locais no exterior. A ideologia do Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola é trabalhar a capoeira com uma finalidade cultural. Não pretendem realizar um preparo técnico para um atleta de olimpíada; mas “que a cultura oral transforme um indivíduo e fortaleça sua autoestima, consciência, autoconhecimento, que seja um elemento de autoeducação” (Tizza Coelho, comunicação pessoal, 2014).



**Figura 27 Tizza Coelho e Mestre Azulão, “biblioteca viva” no Sarau Serra Viva, agosto de 2011 (foto: acervo pessoal)**

Segundo ela, quando a família se estabeleceu na região, em 2003, ainda “não existia uma comunidade diversificada. Não existia um movimento cultural latente”.

Nessa época, Tisza e Cabello iniciaram o projeto da Fazenda Cultural Ouro Verde, onde plantam, fazem horta, e realizam o projeto de educação e cultura, com aulas de capoeira angola, dança e percussão. “Inicialmente os alunos eram os professores da Escola Rural Dendê da Serra e alguns trabalhadores rurais”. Na fazenda trabalham com agricultura, biodiversidade e pensam a *permangola* (permacultura + capoeira angola) em termos sociais. “Recebemos diversos permacultores na fazenda que acabam se envolvendo com a capoeira também” (Tisza, comunicação pessoal 2014).

Em 2004, por iniciativa do casal, foi realizado o primeiro evento cultural de dança, percussão e capoeira angola em Serra Grande, o *Dance Batuqueira*, atualmente em sua vigésima segunda edição (julho de 2014). Este evento traz diversas pessoas do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos. O movimento, uma das muitas raízes que formaram a híbrida árvore chamada Sarau Serra Viva, nasceu quando eles observaram que não havia por aqui uma festa cultural no carnaval (“nem em Serra Grande, nem em Itacaré”). Chamou-lhes atenção o fato das pessoas não irem para a rua com tambores. Um dos trabalhos do Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola é resgatar velhos mestres, como Mestre Azulão Baiano (Figura 7 e Figura 27), presença ilustre no Sarau, assim como:

Mestre Virgílio o segundo o capoeirista mais antigo de Ilhéus, capaz de tocar todos os instrumentos de percussão do samba. Mestre Virgílio conta que em Ilhéus, até a década de 1980, havia muitas escolas de samba e todo mundo ensaiava, com a chegada do samba reagge, os jovens se desinteressaram (Tisza Coelho, comunicação pessoal, 2014).

Tisza e Cabello decidiram fazer um bloco carnavalesco, o hoje consagrado Trovão da Serra (Figura 28). Teve sua estreia em 2004, e tem como objetivo divulgar e fomentar um carnaval saudável e educativo com base no samba de agremiações, comuns até a década de 1980, nas pequenas cidades da Bahia. O bloco se organiza para festas populares e ao longo do ano, ensaia e difunde as aulas de percussão.

Os primeiros instrumentos do Bloco Carnavalesco Trovão da Serra foram doados por um senhor da comunidade de Itacaré, “desgostoso, pois ninguém mais ensaiava”. Tisza considera digno o fato da origem do bloco vir da doação de instrumentos que eles fizeram questão de reformar. Há dez anos o bloco sai para a rua no período de carnaval com seus instrumentos. A ligação deste movimento com o Sarau está no esforço do casal em “colocar cultura na rua, agregar”. Desde então o grupo se reúne na praça, disponibiliza os instrumentos expostos na grama e faz a Vila *trovejar*.



**Figura 28** Ensaio do Bloco Carnavalesco Trovão da Serra no Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola (foto: acervo pessoal de Mestre Cabello)

Crianças e adultos chegavam curiosos e participavam. O movimento começou debaixo da mangueira do Bairro Novo. Era a maneira de arregimentar um monte de gente da comunidade para participar dessas inserções culturais que aconteciam na época de carnaval, quando ainda não tinha nada. Dona Creó, que era uma passista do Bloco de Seu Morenito, antigo bloco de Itacaré, acompanha com seu pai, Seu João, de 92 anos, o Bloco Carnavalesco Trovão da Serra neste movimento (Tisza Coelho, comunicação pessoal, 2014).

Em 2009 as aulas de capoeira passaram a ser ministradas na Vila Alta e foi fundado o Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola (Figura 29), um Pontinho de Cultura do Estado da Bahia, reconhecido pela Secretaria Estadual de Cultura. Atualmente, o Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola atende 48 crianças da comunidade, além dos adultos.



**Figura 29** Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola (foto: acervo pessoal de Mestre Cabello)

A ligação de Tisza com a Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande começa na época em que um grupo que Verónica finalmente conseguira reunir, convocou a antiga diretoria a retomar as atividades da Associação. Em abril de 2011, Tisza foi entregar um ofício a Luciano Garcia (antigo presidente) pedindo que comparecesse à assembleia convocada para reativar o mecanismo social (Tisza Coelho, comunicação pessoal, 2014).

Luciano Garcia (Figura 30) nasceu em São Paulo, foi morar em Itabuna com 13 anos e, pouco depois, a família se mudou para Serra Grande. “Antigamente as coisas eram muito baratas aqui, na verdade tinha muita troca! O comércio, nessa época em que não tinha o asfalto era bom, pois as pessoas tinham que consumir aqui” (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014). Sua mãe montou uma venda “Norma vende tudo” e criou os filhos que vieram de São Paulo para estudar na antiga Escola Média de Agropecuária Regional da CEPLAC (Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira), a EMARC, atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

A família tem encontros com a história do Txai Resort e da política municipal além de grande influência no comércio local. Luciano sente que foi adotado por Serra Grande. O carinho que recebeu aqui supera as relações preconceituosas por parte de alguns. Ele conta que teve contato com o trabalho associativista quando sua mãe, Dona Norma, fundou a Associação de Comércio e Turismo no final da década de 1990, e “a família aprendeu que através de uma associação tudo acontece”. Na opinião de Luciano, a semente do Sarau Serra Viva brotou neste momento, porque a principal atividade dessa Associação era uma feira aonde todos vendiam seus produtos (farinha, peixe, carne de porco, galinha, chuchu, pimentão, jiló). “Tinha barraca de mingau, de roupa. Cultura aqui era roça”. A ideia da feira era valorizar a cultura de Serra Grande e gerar uma alternativa de renda para a população, pois a única alternativa de trabalho era a serraria. A feira teve um bom segmento e recebia apoio do Poder Municipal, no entanto não seguiu adiante quando houve uma mudança partidária na gestão (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014).

Luciano foi convidado para participar da segunda gestão da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, em 2009. Ele nos conta sobre o período anterior à sua chegada: “A Associação Cultural foi criada em prol de montar uma rádio comunitária aqui em Serra Grande, mas não aconteceu porque já havia uma em Uruçuca e não pode haver duas rádios comunitárias no mesmo município”.

Interessante observar que poucas informações constam nas atas de reuniões da primeira gestão. Após a ata de fundação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande em 15 de maio de 2007, há um registro de encontro em agosto do mesmo ano, cujo tema principal foi a divisão de tarefas para a execução do projeto da rádio comunitária. A próxima reunião, registrada no livro de atas ocorre em setembro de 2009. Em sua pauta estão determinadas mudanças estatutárias (aonde, por exemplo, é retirado o objetivo primeiro da Associação “Executar Serviço de Radiodifusão Comunitária”), e é realizada a eleição para a segunda diretoria da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. Nesta eleição Luciano Garcia é nomeado presidente. Ele relata que durante a segunda gestão

A ideia da rádio caiu no esquecimento, novas brotaram: mosaico, jornal “Folha da Serra”, mas não conseguimos apoio e a Associação entrou em dormência. Além disso, tiveram desavenças entre o grupo da diretoria (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014).

Pelo movimento do livro de atas, observamos novamente uma inatividade até o dia 30 de abril de 2011, quando é realizada a assembleia que dá vida ao Sarau Serra Viva. Neste momento é proposta uma mudança na diretoria, no entanto seu quadro se mantém com exceção da antiga secretária que não se encontrava mais na região e foi substituída por mim, autora desta dissertação.

Luciano Garcia relata que a partir de uma reunião de reestruturação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, surgiu à ideia do Sarau:

Uma feira com apresentações que valorizassem a cultura nossa, aqui de Serra Grande. Se viesse alguém de fora para se apresentar no evento também poderia. A ideia era movimentar a praça que nessa época estava muito parada, principalmente aos sábados. (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014).

Luciano cumpriu com a palavra dada na reunião de reestruturação, momento em que se obrigou a dedicar-se com afinco ao trabalho institucional (opinião pessoal). Ele conta que além de presidente da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, “fui mestre de Cerimônia do Sarau Serra Viva, junto com Krishna, mas me retirei porque comecei a fazer locução política e entendi que deveria me afastar desta função. Foi quando chegou o Chelah”. (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014).

A partir de abril de 2011, encontramos relatórios de reuniões mensais onde, além da organização do evento Sarau Serra Viva, são debatidos diversos assuntos, como: interações com outras associações; calendário de eventos culturais e esportivos;

segurança do distrito; posicionamento contrário ao projeto Porto Sul<sup>8</sup>; participação no PRUA (Plano De Referência Urbanístico Ambiental Vila Turística Serra Grande); possibilidade de continuidade ao projeto da rádio comunitária; transporte alternativo (“bondinho movido à placa solar”); grupo de trabalho para execução de outros projetos (mosaico da caixa d’água; campeonato de futebol); parceria com o conselho de turismo; e, mecanismos de gestão como processos de escolha da nova diretoria – sociocracia ou democracia, entre outros.

As atividades cotidianas e frequentes do grupo gestor desenham nas letras de seu livro de atas o mapa em movimento que retrata o momento atual. Contam-nos sobre as preocupações, os anseios e esperanças deste tempo. Um debate interessante se dá no estabelecimento coletivo das regras sobre a comercialização dos produtos no evento, quando se decide que “na feira devem ser vendidos produtos manufaturados e não industrializados”, e, mais adiante:

Devem respeitar o valor cultural e gerar mobilização da economia local. Neste sentido, um produto que movimente a economia de uma empresa como a Coca Cola ou a Skol é deveras inadequada. Também não concordamos com os produtos de baixa qualidade, feitos em série. (Livro de atas: 14)



**Figura 30** Luciano Garcia e Krishna na apresentação do evento (foto: Leonardo Paschoal)

Eu, autora dessa dissertação (Figura 30), chego neste momento! Substitui a secretária da segunda gestão e atuei como Mestre de Cerimônias do Sarau Serra Viva durante os três primeiros anos de sua permanência. Nascida no Rio de Janeiro, eu morei na capital até meus vinte e dois anos, quando fui criar minhas filhas recém-nascidas em outra Serra (muito mais fria do que a da Bahia) no Estado do Rio de Janeiro, o pequeno distrito de Nova Friburgo chamado Lumiar.

---

<sup>8</sup> O Porto Sul, também referido como Complexo Logístico Intermodal Porto Sul consiste em um projeto de obra grandioso que pretende como principal atividade a exportação de minério de ferro.

Vim à Serra Grande atrás do calor da Bahia e da vivência na Pedagogia Antroposófica oferecida pela Escola Rural Dendê da Serra, onde matriculei minhas filhas para cursarem o ensino fundamental e lecionei como facilitadora na aprendizagem de crianças que apresentavam desafios mais complexos no desenvolvimento da leitura e do raciocínio matemático ou comportamentais.

Ao longo de minha história de vida, ajudei a fomentar e produzir algumas iniciativas culturais e educacionais, tanto no Rio quanto em Lumiar e até mesmo em Serra Grande (Associação Pedagógica Dendê da Serra; Rede de Associações; Projeto Nave: Núcleo Artístico de Vivências Experimentais) antes de me envolver com o Sarau Serra Viva. Meu encontro pessoal com a Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande deu-se em 2007, quando teve o burburinho da rádio comunitária. Um amigo se envolveu e foi um dos sócios fundadores, o Andrey Piovezam. Ele me mantinha informada e eu acompanhava o movimento esperando o momento de me integrar, intentava fazer um programa de rádio de músicas infantis e outro voltado para a divulgação dos artistas brasileiros.

Depois de um tempo, Verónica me chamou para atuar em prol da reativação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. Foi convocada a assembleia, em 2011 e fui indicada para ser Secretária. Fui “doulas<sup>9</sup>” no parto do Sarau Serra Viva e abracei a ideia. Desde então, dedico-me a mantê-lo, pois o considero um excelente mecanismo de integração social, de aproximação cultural e de diversão! Compreendo que estou aqui de passagem e tenho muita vontade de ver esse projeto caminhar com outras pernas, dançar novos passos. O momento é de renascimento.

Chelah (Alex Fasigh Figura 31) se integra ao processo em meados de 2012 e imprime novos e coloridos ares para a função de Mestre de Cerimônias. Atuou na organização do evento e encantou a todos com seu repertório musical e sua musicalidade quando se apresentou como “Cidadão da Mata” (nome artístico).

Ele nasceu em Santana do Livramento (divisa com o Uruguai), mas se criou na capital gaúcha, lá ficou até os 18 anos, quando adotou uma vida nômade e saiu para viajar pelo Brasil. Desde menino se envolveu com o teatro, já na adolescência se encantou com literatura e poesia. Teve banda de garagem, participou do movimento estudantil e deixou a escola. “Larguei os estudos, mas continuei estudioso. Sou de uma época em que havia biblioteca, e eu as frequentava” (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014).

---

<sup>9</sup> Doulas - acompanhantes de parto que oferecem suporte afetivo, físico, emocional e de conhecimento para as mulheres. Esse suporte pode ser dado antes, durante e depois do parto.

Ao longo de sua jornada, Chelah experimentou diversos papéis. Participou de comunidades alternativas, escolheu a vivência de ser morador de rua e andar um período de sua vida sem sapatos na fria capital gaúcha. Apreendeu dessa experiência que “quando você se entrega à existência, a existência se entrega a você”. Ele conta que trabalhou com agroecologia, construção civil, artesanato e viajou pelo Brasil de carona seguindo o calendário de festas populares: “Tambor de Crioula, Festa do Divino, Catira, Reisado, entre outros. Essa experiência foi um grande laboratório para minha alma de artista” (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014).

Conheceu sua atual companheira, Marina, no Vale do Capão, Chapada Diamantina, Bahia. O casal engravidou e deu-se a necessidade de procurar um local para se estabelecerem. Vieram para a região atraídos pela Ecovila Piracanga<sup>10</sup>. Ouviram falar de Serra Grande por meio dos amigos que eram professores na Escola Rural Dendê da Serra, e se interessaram em conhecer a iniciativa. Chegaram à Serra Grande em dia de Sarau e ficaram fascinados, “uma cidadezinha pequenininha, com uma das praças mais bonitas que já vi, acontecendo um evento como estes”. O casal participou do Sarau como expositor na feira. Chelah declamou uma poesia no microfone aberto. Ficou muito surpreso com essa “pérola escondida” e compreendeu que era um lugar muito mais agradável que Itacaré (onde tinham se estabelecido neste período de transição). Em Serra Grande enxergou a “movimentação das pessoas querendo fazer a comunidade crescer com equilíbrio, com harmonia. Fiquei fascinado com o Sarau Serra Viva acontecendo na praça, aberto para todos” (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014). Chelah estreitou os laços com os organizadores do Sarau:

Krishna, Luciano, Verónica, Deborah, Joselita. Achei incrível o processo das reuniões participativas com lideranças locais. Luciano precisava se afastar da função de mestre de Cerimônias e eu o substituí em caráter provisório. Lá se vai um ano apresentando o Sarau Serra Viva (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014).

Segundo seu relato, o Sarau o realizou em sua “necessidade de satisfazer a veia artística”, que se não fosse o evento acredita que teria que sair mais vezes da Vila para procurar satisfação cultural! Por dois momentos (24 de novembro de 2012 e 6 de dezembro de 2013), Chelah quase foi diretor financeiro da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, mas, segundo ele, “os movimentos para preenchimento da diretoria da Associação foram muito confusos e preferi me retirar dessa instancia”.

---

<sup>10</sup> “O Centro para Desenvolvimento Humano Piracanga é um ambiente projetado para uma vida em harmonia com os elementos. O Centro é um espaço ideal para workshops, conferências, casamentos espirituais, eventos especiais, seminários para grupos e retiros individuais” (disponível em: [www.piracanga.com.br](http://www.piracanga.com.br), acesso em 24 de abril de 2014).

Chelah compôs a música “Aritaguá” em homenagem ao lugar que o acolheu. A música faz referência ao Sarau Serra Viva na seguinte estrofe: “Não leve a mal, não tenho pressa, mas já vou indo que hoje na praça é dia de Sarau” (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014).



**Figura 31 Chelah como Mestre de Cerimônias, agosto de 2012 (foto: Florisval Neto).**

Muitos e diversos são os motivos que levam cada história de vida a se entrelaçarem neste ambiente. Verónica e Tisza como professoras compreendiam a necessidade de um espaço de motivação para seus alunos e de divulgação de seus trabalhos. Luciano encontrou no Sarau Serra Viva, um motivo prático para trabalhar pela Associação com a qual se comprometera. Eu, como amante da folia e da arte, quis fazer parte desta história; Chelah sente necessidade de movimentar o artista que pulsa dentro de si. Deborah, Mara, e Adriana, se aproximaram do evento, em um primeiro momento, por causa da feira de artesanato e gastronomia. Patrícia queria trazer para o movimento a ideia do consumo consciente. Adrielli e um grupo de adolescentes de sua idade montaram um grupo de dança para participarem do Sarau Serra Viva.

Deborah Pizzato (Figura 32) se aproximou do Sarau primeiramente atuando como vendedora de brinquedos inteligentes. Foi coordenadora da feira e bastante ativa na organização do evento. Ela nasceu em Florianópolis e se mudou para Curitiba com dois anos. Não se adaptou à cidade grande, sempre preferiu estar no sítio dos primos e em contato com a natureza. Fez Biologia na Universidade Federal do Paraná, entrou em contato com a permacultura<sup>11</sup> e aprendeu a fazer casa de barro, entre outras formas diferentes de se viver que despertaram nela uma nova visão do mundo. Saiu a viajar para conhecer as comunidades, aplicar a nova técnica aprendida. A ideia dela

---

<sup>11</sup> A permacultura é um método holístico para planejar, atualizar e manter sistemas (jardins, vilas, aldeias e comunidades) ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis. (Wikipedia)

era ir do Chuí até a Oiapoque de bicicleta, espalhando as ideias de bioconstrução e permacultura. Passaram por comunidades quilombolas, Abrolhos, entre muitas aventuras.

Deborah e seu companheiro chegaram a Serra Grande no meio dessa viagem e “deu um plin”. Encontraram um trabalho em educação ambiental com os agricultores de Taboquinhas. Ela engravidou e saiu da roça para ir morar na Ecovila Piracanga. Quando foi morar em Serra Grande, trabalhou com o projeto brinquedoteca no espaço NAVE - Núcleo Artístico de Vivências Experimentais. “Trabalhava com as crianças do Bairro Novo com brincadeiras tradicionais, mas não tinha recurso e o projeto não ia para frente”. Trabalhou na Casa Verde, que nasceu inspirada no projeto NAVE, “o trabalho é com as crianças que participavam do projeto lá” (Deborah Pizzato comunicação pessoal, 2014).

Deborah faz parte da turma inicial que gestou e pariu o evento. Segundo minha memória, foi ela quem sugeriu chamar o evento de “Sarau”, já o complemento “Serra Viva” foi gerado coletivamente. Nos primórdios, vendia brinquedos inteligentes e ajudava o Sarau oferecendo rifas durante o evento, dinheiro esse utilizado para manter a Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande.

Depois de um tempo, Deborah passou a ter a responsabilidade de coordenar a feira de artesanatos, zelar para que se fossem mantidos os padrões de sustentabilidade comunitária, uma das regras geradas pela inteligência coletiva do grupo gestor do início do evento. Deborah também se preocupava com a montagem das barracas e tudo o que dizia respeito a essa parte do evento. Em 2014, passou a fazer parte do trio que se empenhou em organizar e manter viva a chama do evento.



Figura 32 Deborah apresenta brinquedo criativo na feira de artesanato, junho de 2012 (foto: acervo pessoal)

Adriana de Jesus (Figura 33), manicure, vende suco no Sarau Serra Viva. Adriana é de Salvador e mora em Serra Grande desde 2009. Veio atrás de um lugar mais tranquilo para criar seu filho, então com 12 anos. Ela explica a mudança: “Como sempre, a cidade grande é muito violenta, cheia de drogas e eu estava com medo de ir para o trabalho”. Sua família participa do Sarau como público desde 2011, e ela começou a atuar como vendedora em 2013. Resolveu vender suco no Sarau, pois observou “que as pessoas procuravam sucos e não encontravam nas barraquinhas”. Ela solucionou o desafio da demanda de ofertas de bebidas não industrializadas. Além de vender no Sarau, a entrevistada relata que participou de muitas reuniões da Associação Cultural. Tudo começou quando Adriana ia participar do evento e ajudava na “Barraca da Amiga”, que vende tortas, e como ninguém vendia suco, decidiu vender, “deu muito certo, todo mundo gosta” (Adriana de Jesus, comunicação pessoal, 2014).



**Figura 33** Adriana vende sucos e chás na feira do Sarau Serra Viva, agosto de 2013 (foto: acervo pessoal)

Mara Campos (Figura 34), inicialmente vendedora de mini pizza no Sarau, foi Secretária da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande em 2013. Mara nasceu “no pé de Serra, numa roça na estrada para Uruçuca”. Quando tinha quatro anos (1975) foi para a sede do município. “A estrada era rústica, andava mais de animal, jegue, burro, égua”. O pai era funcionário público (Zé Grande), tomava conta do mercado central da cidade. A mãe trabalhava com a seringa - ela acordava de madrugada para ir com a mãe para o seringal. Mara estudou com uma “professora leiga”,<sup>12</sup> até que construíram a Escola Municipal de Uruçuca. Aos dezessete anos trabalhou em uma casa de família em Itabuna e lá ficou até se formar como técnica em enfermagem.

<sup>12</sup> Professora que não tem formação acadêmica para exercer a profissão.

Sonhava com o momento em que eu ia sair da escolinha de fundo de quintal e ir para uma escola de verdade. Aos 14 anos, trabalhava como doméstica. Por isso demorei a me formar porque sempre precisava trabalhar. Tinha medo do destino que via as colegas da minha idade tomarem: gravidez precoce e interrupção dos estudos. (Mara Campos, comunicação pessoal, 2014).

Mara conta que graças a essa formação voltou à Serra Grande na implantação da Unidade de Saúde da Família, depois se efetivou no Município como agente de saúde no concurso de 2008. Essa mudança de função criou uma defasagem no seu salário. Ela começou a vender mini pizzas na praça. Quando começou o Sarau, ela procurou Luciano para que ele anunciasse seu produto no microfone. Mara foi informada que poderia vender na praça junto com os outros expositores do Sarau. Ela foi orientada a parar de usar catchup e maionese ou refrigerantes (produtos industrializados) e a participar das reuniões mensais da Associação Cultural. Ela afirma que: “Por conta do Sarau comecei a participar das reuniões, mas não me sentia parte da Associação Cultural” (Mara Campos, comunicação pessoal, 2014). Ela se envolve cada vez mais com o grupo organizador do evento, até que é eleita por processo sociocrático secretária da terceira gestão da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, iniciada em novembro de 2012.

Todos os membros eleitos nessa data renunciaram ao mandato por volta de um ano depois da eleição. Sobre os motivos que levaram a essa renúncia ela diz se ressentir devido ao afastamento de algumas pessoas do grupo, após a mudança na diretoria. Além disso, o grupo não suportou as críticas a respeito de sua gestão na diretoria da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande e na organização do Sarau Serra Viva (Mara Campos, comunicação pessoal, 2014).



Figura 34 Mara vende mini pizza no Sarau Serra Viva agosto de 2012 (foto: Florisval Neto)

Patrícia Paiva (Figura 35) pariu a ideia da feira de economia comunitária no momento de criação do Sarau Serra Viva. Foi ela quem fez questão de inserir o conceito de sustentabilidade no comércio do evento. Mineira, com pai baiano voltou para Salvador na adolescência. Lá se graduou em turismo. Compreendeu, durante os estudos, a necessidade do profissional se envolver com ecologia e foi mobilizadora com outras colegas da coleta seletiva na universidade.

Iniciou a pós-graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade e percebeu que “não queria viver de vender teorias”. Sua monografia partiu de uma vivência na Comunidade de Pituaçu (Salvador, Bahia). Sentiu uma “inadequação à linguagem acadêmica e decidi partir para a prática” Experimentou viver em sistema de comunidade, pois, em sua opinião “o consumo consciente depende da coletividade; de cada um fazer um produto e, a partir daí criar uma comunidade sustentável” (Patrícia Paiva, comunicação pessoal, 2014).

Patrícia chegou à Serra Grande em 2011. O que a trouxe até aqui foi a Escola Rural Dendê da Serra, onde pretendia matricular sua filha. Chegou com seu companheiro, alugaram uma casa e nela vendiam cereais integrais e “produtos da rede de pessoas que não se adaptam a esse sistema capitalista atual”. Através do trabalho nesta que foi a semente da “Casa das Flores” como é conhecida atualmente, Patrícia experimentou uma nova forma de economia, “através de trocas, acordos para manter o preço acessível e estimular o consumidor a adquirir produtos locais”.

Patrícia Paiva se envolveu com o Sarau por ver no evento uma chance de divulgar seu trabalho voltado à valorização do produto local. Ela compreende que as práticas sociais, seja reciclagem, coleta seletiva, formação de cooperativa, acabam passando pela questão do consumo. Sendo assim, “o desenvolvimento sustentável não depende de grandes projetos, depende de transformações nos hábitos diários do indivíduo”. Patrícia encontrou no Sarau Serra Viva uma possibilidade “de ser acolhida na rua (...) e de apresentar à comunidade uma alternativa de trabalho”, já que não conseguia escoar seus produtos nos mercados tradicionais. No seu ponto de vista, o Sarau Serra Viva foi:

Uma iniciativa da comunidade em relação a uma demanda atual de buscar alternativas de meios de trabalho. Nem todas as pessoas são absorvidas pelo mercado atual; um mercado excludente que não se apropria de pessoas com muita criatividade, de pessoas que querem conservar a natureza, de produtos alternativos Patrícia Paiva (comunicação pessoal, 2014).



Figura 35 Patrícia Paiva e os produtos da economia comunitária em junho de 2011 (foto: Leonardo Paschoal)

Adrielli de Almeida tem dezesseis anos, nasceu em Ilhéus e foi criada em Serra Grande. É idealizadora do “Truk Dance” (Figura 36), grupo de dança que reúne alguns jovens da comunidade em apresentações com o ritmo arrocha e pagodão (comunicação pessoal, 2014).

O grupo começou no dia 26 de setembro de 2013, por uma brincadeira de ser MC (*apresentação de dança*). O Sarau Serra Viva abriu as portas para a gente divulgar nosso trabalho. A gente começou com o Sarau em novembro de 2013. Fizemos nossa primeira apresentação e a segunda e a terceira e a quarta o público foi gostando; e nisso a gente já foi para Itacaré. Fizemos a abertura do show de Leo Santana (20 mil pessoas), depois teve o show das praias com a parceria Ubatã FM. O Sarau abriu as portas para a divulgação do nosso trabalho, para o que a gente realmente gosta de fazer. O que a gente realmente gosta de fazer é dançar!

No momento da entrevista, Adrielli estava com Mariana, dezesseis anos, nascida em Serra Grande (parto em casa). Ela diz que “o grupo surgiu de uma brincadeira, incentivado por Adrielli, nunca tinha dançado, tinha vergonha. Agora até em cima do palco a gente já dançou, graças a Deus!” E, Manuela, quatorze anos, nasceu em Ilhéus, mora aqui. É seu primeiro grupo de dança. As três estudam na Escola Municipal Elliés Haun. As experiências de apresentações em espaços públicos que elas tinham anteriormente foram proporcionadas pela Escola Municipal, durante a Festa das Mães, da Consciência Negra, e das festas juninas. “O Truk Dance foi criado porque havia esse espaço para apresentação” (Adrielli Almeida, comunicação pessoal, 2014).



**Figura 36 Truk Dance, junho de 2014 (foto: acervo pessoal)**

A Escola Rural Dendê da Serra, rica em produção artística (teatro, música, poesias, canto coral, entre outros), se fez presente desde o primeiro Sarau, seja nos brindando com apresentações de música e teatro, seja enfeitando a feira com o artesanato feito pelos alunos do último ano do ensino fundamental. Através da venda destes produtos arrecadam parte dos fundos para sua viagem de formatura.

Lucas Moreira, como professor de música, participou com seus alunos da Escola Rural Dendê da Serra desde o primeiro Sarau Serra Viva (Figura 37), em junho de 2011 e em muitos outros. Integrou voluntariamente as ações do grupo Aliança pela Infância com atividades infantis durante o evento. Em outros momentos, Lucas apresentou-se como artista, com o grupo Kirimurê e animou muitas noites de Serra Viva com samba, forró e outros ritmos da Música Popular Brasileira. Lucas, até o momento da entrevista, ainda não havia participado diretamente da organização, a partir de abril de 2014 passou a compartilhar as atividades necessárias para a realização mensal do evento.

Lucas é músico, tem 32 anos, natural de Salvador, residiu na capital da Bahia até 2010. Fez curso técnico em eletrônica, além de licenciatura em Biologia, mas durante esse período, dedicava boa parte de seu tempo para artes: música, teatro (especialmente o teatro de bonecos) e aulas de música. “Fiz Biologia com ênfase em artes”, brinca ele. Assim que terminou a faculdade, Lucas veio à Serra Grande (já conhecia a região de passagem), pois soube a respeito de uma vaga para professor de música na Escola Rural Dendê da Serra e gostaria de se aproximar da prática da pedagogia, o que lhe proporcionou cursar Antropomúsica em Botucatu. Sua companheira estava em visita a Serra Grande, pois procurava informações a respeito do mestrado profissional oferecido pela Escola Superior de Conservação Ambiental e

Sustentabilidade - ESCAS. A serendipidade institucional parece fazer parte do ambiente relacional em Serra Grande.

O professor acredita que tenham participado artisticamente com ele no Sarau Serra Viva cerca de cinquenta alunos, o que significa por volta de um terço da comunidade escolar da Escola Rural Dendê da Serra. No entanto, pondera, “se considerarmos os alunos que participam através de outras iniciativas, como o Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola ou o Projeto Canto do Sabiá, as crianças menores que vêm com a família como público, os que participam do microfone aberto esse número fica bem maior” (Lucas Moreira, comunicação pessoal, 2014).

Lucas prefere aproveitar o momento do Sarau para participar como músico “numa jam session, num grande encontro, como já aconteceu algumas vezes”. Ele acredita que “esse é o grande barato do Sarau: reunir músicos que toquem juntos. Essa é a grande magia que o Sarau proporciona” (Lucas Moreira, comunicação pessoal, 2014).



**Figura 37 Lucas Moreira em apresentação de flautas com alunos da Escola Rural Dendê da Serra em junho de 2011(foto: Leonardo Paschoal)**

Considerado “o evento sócio cultural mais importante da Vila” (Zehnder, 2013: 29), o Sarau Serra Viva possui em seu gênese um grupo de pessoas interessadas em movimentar os paradigmas, em cirandar novas ideias, em acender a fogueira dos bons encontros. O evento “estimula apresentações artísticas de muitos gêneros musicais, feira de produtos artesanais de economia familiar local, além de promover o encontro de amigos de toda a Vila e região, sobretudo novos vizinhos que entregam o melhor de cada um com grande felicidade” (Zehnder, 2013: 29).

Os acontecimentos recentes dessa história contam com um adormecimento, desde outubro de 2013, nas atividades da Associação Cultural da APA Itacaré/ Serra Grande, originalmente veículo de gestão do Sarau Serra Viva, através da renúncia coletiva de sua diretoria do esvaziamento no grupo organizador do Sarau neste

mecanismo de gestão. Desde a renúncia (não constatada em ata), não houve movimento coletivo de reestruturação da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. Como já foi constatado, em Serra Grande é muito difícil para as pessoas atarefadas em seus cotidianos múltiplos darem conta da burocracia necessária para manter esse tipo de mecanismo de participação popular! No capítulo 5.5 veremos como um dos desafios de manter uma associação são os entraves burocráticos. As atividades práticas das instituições, como o Sarau ou o campeonato de surf, são mantidas com mais facilidade, no entanto sustentar a estrutura burocrática da organização e captar recursos é para poucas.

O Sarau continua com esforço de alguns. O sentido da cooperação representada na dimensão Vitalidade Comunitária é fator essencial para a realização deste tipo de evento, que precisa juntar em um mesmo caldeirão vários temperos. Além disso, o Sarau Serra Viva necessita também de recursos materiais para acontecer. Entre esses estão o trabalho de produção do evento, dos artistas e associações que preenchem a parte cultural, dos professores que precisam cuidar de seus alunos durante a apresentação, entre outros bastidores que dependem da busca de patrocínio.

Sem a representação institucional da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, o Sarau Serra Viva deixou de contar com o apoio para a sonorização do evento, a partir de abril de 2014 e tem dificuldades em arrecadar recursos por não possuir uma conta em banco e outros documentos inerentes a uma instituição oficial, embora seja uma instituição informal fortalecida pelo trabalho constante de seus componentes. Restaram três pessoas que acumularam todas as funções, inclusive a de arrecadar recursos para o aluguel do som a partir das contribuições individuais de parceiros. Baiardi ressalta as condições de reciprocidade e salienta que, como são poucos indivíduos que se encaixam nesta qualidade, “o seu impacto depende da densidade das suas interações” (Baiardi, 2011: 146).

Em abril deste mesmo ano, houve uma aproximação com a Associação Cultural do Município de Uruçuca, que conseguiu a sonorização do evento e contribuiu artisticamente através da participação dos Poetas do Coletivo Águas Pretas e do grupo musical Txainoscaras. A união entre os dois grupos fortaleceu o II Sarau LiteraRua que ocorreu na sede do município em 26 de abril de 2014 (Figura 38) e o Sarau do Instituto Federal Baiano- Uruçuca.



**Figura 38 Txainoscaras em apresentação no Sarau LiteraRua abril de 2014 (foto: acervo pessoal)**

Outro movimento de apoio ao Sarau Serra Viva ocorreu em de abril de 2014. O Mecenaz da Vida, através de sua atual presidente, Valéria Cardoso, sugeriu a criação de uma rede de apoio financeiro ao evento, a “Rede Serra Viva”. A ideia foi criar um carnê para contribuição individual mensal. Houve grande interesse de participação, no entanto a logística do encontro pessoal para arrecadação ficou inviável para os poucos que levam a organização do evento neste período.

A rede de cooperação se movimenta e revela aprendizagem na prática da gestão participativa. Diversos caminhos são trilhados na busca da sustentabilidade do evento. A experiência coletiva é importante. “No primeiro Sarau a gente não tinha recurso nenhum, pediu o som para o Instituto Arapyáú, uns plásticos serviram de barraquinha, e no outro mês já foi mais organizado e assim gradativamente. Hoje o Sarau, pelo que eu vejo, é um dos maiores eventos culturais da nossa região, vem pessoas de todo ao redor para ver” (Luciano Garcia, comunicação pessoal, 2014).

Os parceiros institucionais apoiam com recursos materiais pertinentes a materialização do evento (sonorização, toldo que cobre o som, iluminação, lanche), mas não há uma agenda anual de compromisso que garanta sequer a próxima edição (com exceção do Instituto Arapyáú que garantiu, até o final de 2014, o empréstimo do toldo que cobre o espaço de apresentação). Não há um fundo de finanças. A cada mês é necessário buscar recursos para aluguel de som, por exemplo.

O Sarau se torna cada vez mais incentivador do processo de gestão coletiva, na medida em que atores e instituições se apropriam do instrumento. O caminho continua a ser construído, é dinâmico e acontece a cada passo. A presente pesquisa é mais uma etapa na qualificação do evento, pois pretende mobilizar outros atores sociais a continuarem nesta caminhada. Ao analisar o ambiente Sarau Serra Viva como campo de gestão, conforme definição de Ingold (2012), assim como as relações que o

conformam como gestoras de regras e acordos coletivos, contribuimos com a qualificação do processo de aprendizagem institucional na gestão do bem comum em de Serra Grande.

Esse cenário condiz com o que Cunha (2004) defende quando declara

As abordagens focadas nos regimes de propriedade e no desenho – por parte de comunidades ou grupos de usuários – de arranjos institucionais para o manejo de recursos comuns precisam ser complementadas com reflexões sobre como as relações sociais, econômicas, políticas e culturais moldam as instituições comunitárias e afetam as dinâmicas da mudança ambiental (Cunha, 2004:11).

O autor salienta que um dos grandes desafios dos grupos é manter a ação coletiva a qual levará a consequente implementação das regras e normas (os chamados arranjos institucionais), que regulam o uso do recurso comum.

O Sarau Serra Viva é um evento integrador que só pode caminhar se contar com os passos de grupos distintos, se trocarem de sapatos na dança do que está instituído e daquilo que vem reinstituir, pois só assim será possível formar uma instituição de gestão comunitária fortalecida.

### **5.3 O ambiente relacional: a Praça Pedro Gomes, os seres em movimento e o Sarau Serra Viva**

A Praça Pedro Gomes (Figura 39) é um local de encontros sociais partilhados por todos e reflete a vitalidade de Serra Grande. Ao observar seu aspecto físico, qual seja um generoso gramado sempre bem cuidado, bancos que convidam a socialização, desenhos de jogos educativos no chão, pequenas árvores que um dia darão sombras refrescantes, podemos reconhecer a praça como um bem coletivo e compreendê-la como o coração da Vila Alta.



**Figura 39 Praça Pedro Gomes, junho de 2013 (foto: acervo pessoal)**

Concomitantemente, a praça reflete o espaço anímico das relações sociais. Em seu aspecto de ambiente relacional, congrega os estudantes, os trabalhadores que esperam o ônibus, os visitantes que chegam à cidade, e todos que, com seus rastros entrelaçam o ambiente. Neste sentido, o espaço pode ser considerado palco onde se manifesta a vitalidade comunitária! Espaço comum e partilhado pela comunidade em suas atividades cotidianas.

Pela manhã as crianças esperam brincando o início das aulas. As moças da limpeza retiram as ervas daninha da grama. Alguns tomam o mingau do Seu José para iniciar mais um dia de labuta. O dia segue seu curso natural, pessoas vão e vêm para os municípios vizinhos e aguardam o ônibus enquanto conversam sobre a vida. Alguns restaurantes estão à volta da praça, assim como o comércio local, as escolas e antigos moradores que observam o vai e vem de vidas que tecem seus destinos e têm naquele lugar um local de encontro, de pausa, de conversas, de lazer.

Questiona-se nesta investigação, tanto nas entrevistas quanto na avaliação quantitativa, de que forma a iniciativa cultural mensal mobiliza o zelo com os bens coletivos, quais sejam, a Praça Pedro Gomes, o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região, o tratamento dado ao lixo, à sabedoria e o conhecimento local e a própria Felicidade Interna (questões 17 a 29 do questionário).

Em relação ao cuidado específico com a Praça Pedro Gomes, a questão 26 do questionário indaga: “Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar da Praça Pedro Gomes”. Através desta pergunta pudemos observar que o uso interessante da Praça inspira muito cuidado com este recurso comum em 54,43% dos entrevistados (Tabela 1).

Tabela 1. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar da Praça Pedro Gomes (questão 26)

Cuidado com a Praça	Frequência	%
Sem resp.	2	2,53
Muito	43	54,43
Médio	10	12,66
Pouco	13	16,46
Nada	8	10,13

Sendo esta o lócus privilegiado de relações entre pessoas e outros seres engajados em suas atividades cotidianas e eventos ritualísticos, consideramos a Praça Pedro Gomes como Bem Comum Material. Avaliamos também o espaço coletivo mais amplo que é a própria malha relacional como Bem Comum Imaterial. O movimento do Sarau Serra Viva é visto como a gestão artística e comunitária deste espaço privilegiado pela sociedade organizada. A Praça é o espaço democrático e central por onde passam, permanecem e se relacionam os alunos das escolas, o veranista, o enfermo que procura o posto médico, o morador que vai à praia, o menino que vai ao ‘baba’<sup>13</sup> na rua do campo.

É neste espaço que esperamos o ônibus, que comemos o salgadinho rápido entre o canto coral e a aula de percussão, onde divertimo-nos nos eventos culturais, cada vez mais constantes. É o ponto de partida onde iniciamos as passeatas e manifestações, onde os meninos montam sua improvisada rampa de skate com Madeirit e tijolos, onde casais namoram ao brilho do luar.

A Praça é o local privilegiado de integração social, é necessário valorizá-la através de um diálogo aberto entre os diversos saberes e práticas sociais. A gestão coletiva depende de ação e do trabalho compartilhado. O tema da cooperação está diretamente relacionado à apreensão do que Rudolf Steiner chamou de “sentido do Eu”. Segundo o autor, este é o “sentido que nos possibilita sentir-nos unos com outro ser, que nós passamos a sentir como a nós mesmos” (Steiner, 1916: 5). A Praça Pedro Gomes é um local de compartilhamento livre, portanto de apreensão do outro.

O espaço convida a encontros e festejos, à movimentação criativa. As entrevistas demonstram que, após o estabelecimento do Sarau, passaram a acontecer mais eventos culturais neste local, como a Agenda Cultural, Festival do PESC e Festival Skol. No segundo sábado de cada mês, por toda a região, se sabe que tem

<sup>13</sup> “Baba” – jogo de futebol informal (gíria popular)

Sarau Serra Viva em Serra Grande! A jangada de madeira que permanece ancorada no amplo gramado da praça recebe a vela azul com o chamado para o evento (Figura 40). O cartaz de pano, trabalhado na técnica tie-dye foi feito por uma das artesãs que expõe na feira do Sarau e possui um comércio caseiro, a *Thie-Tha, Moda Alternativa*. Seu marido é um músico e participa do evento com suas músicas inteligentes entoadas pelo agradável sotaque baiano.

O ambiente de Serra Grande é composto pela natureza exuberante, pelos habitantes que movem o cotidiano e as relações que se estabelecem. O ambiente é Uno! A gestão coletiva da comunidade se dá através da forma específica de caminhar e escrever o ambiente. Olhar para um evento como o Sarau Serra Viva que reúne diversos elementos (humanos, não humanos, valores, relações, e outros) é olhar para a vida do lugar. Segundo Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014): “Um sinal da Vitalidade Comunitária dessa sociedade que vive aqui é o Sarau”.



Figura 40 Vela da Jangada com anúncio do Sarau Serra Viva (foto: acervo pessoal)

O sol começa a se por, as barracas de bambu são montadas, o palco e o som armados. As crianças são as primeiras a se apresentar. Tem as atrações da Escola Rural Dendê da Serra em flauta, canto coral, às vezes teatro. Chegam, também, com todo gás, os meninos e meninas da capoeira e, mais tímidas, as da música de câmara. Todas sabem que a missão de abrir o Sarau é delas. A equipe da organização entende que a prioridade é das crianças; a noite é dos adultos. O evento não deve passar das 22 horas e nem aumentar o volume do som além do limite do “agradável”.

Entre uma atração e outra, o microfone é aberto (Figura 41). Tempo de recital livre para quem quiser declamar uma poesia, cantar uma música, contar uma piada “decente”. Só não vale destratar quem quer que seja. Fora isso, vale tudo. Microfone aberto, também chamado de *apresentação relâmpago* ou espontânea! Todos têm garantido seu momento de participar.



**Figura 41 Bruna Paiva canta no espaço proporcionado pelo Microfone Aberto (foto: acervo pessoal)**

Crianças brincam, os pais conversam, os jovens passeiam e as barracas dos artesãos e o comércio local tem um dia de lucro certo. Alguns dançam no palco, outros falam poesias. O ambiente noturno chega e os músicos se apresentam e fazem o público dançar ao som dos diversos estilos musicais, especialmente o tradicional forró pé de serra.

Entre uma dança e outra, o passeio pelas barracas dos artesãos e dos pequenos comerciantes locais leva a contemplação dos produtos das roças do entorno, das instituições locais (Figura 43), assim como outros artigos que são beneficiados pela comunidade. Há também espaço para o brechó, o artesanato de coco de Dona Marinalva (Figura 42), a arte dos índios Tupinambás de Olivença ou dos alunos do oitavo ano da Escola Rural Dendê da Serra. A pipoca da Gura, a pizza da Mara, os produtores da Casa de Economia Solidária, o suco da Adriana, a torta da Amiga, as belíssimas peças em tie-dye da Thie-Tha Modas Alternativas. “A organização do evento compreende que esse espaço deva ser exclusivo para produtos não industrializados, a intenção é fortalecer o comércio local” (Deborah Pizzatto, 2014, comunicação pessoal).



**Figura 42 Dona Marinalva com artesanato feito a partir do coco seco (foto: acervo pessoal)**

Neste passeio, os encontros são inevitáveis e assim os assuntos acontecem, de forma fluida, descontraída. O participante debate uma questão relativa à comunidade com um representante de outro segmento social e logo está dançando ao som do forró local com a turista que passará por aqui apenas alguns dias. As ideias são geradas e transformadas, movimentadas e recitadas. A roda da ciranda gira e as estações passam.

Representantes de diversas camadas da sociedade de Serra Grande já participaram da gestão da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande integrando o quadro de diretores e associados. Encontramos no Sarau pessoas ilustres como Seu João Vassoura de noventa e seis anos, avô materno de Gura. Ela além de comerciante de pipocas, já ocupou o cargo de Secretária Financeira da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande. Deparamo-nos com os grandes empresários que possuem residência no local, mas encontram poucos momentos de comunhão com o cotidiano da população. Assistimos Adrielli de 17 anos, que vê no Sarau o momento de realização de seus esforços com o grupo de dança que criou.

A constelação do Sarau Serra Viva é grande. É neste sentido que analisamos o evento comunitário como solução criativa, como um caminho para a aproximação da diversidade presente em Serra Grande. “Um ambiente favorável para a sinergia, porque você está vendo uma apresentação de música, de dança, uma roda de capoeira” (Rui Rocha, 2014, comunicação pessoal).



Figura 43 Barraca da Escola de Educação Infantil Eva Santos, agosto 2013 (foto: acervo pessoal)

A teia de relações é complexa, a gestão coletiva é rica, muitos dos moradores tem relação com associações e organizações locais. Na questão 6: “Participa de alguma organização comunitária: sim / não. Se sim, qual (quais)?”, observamos que 35,44% dos entrevistados participam de ao menos uma organização comunitária, enquanto 6,33% participam de mais de uma (Figura 44). O que confirma o valor da Vitalidade Comunitária em Serra Grande e o engajamento da população local.



Figura 44 Frequência de participação em organização comunitária

A cidade é pequena e os encontros são frequentes. Nesse caminhar comunitário as relações se estabelecem; as experiências são apreendidas e sempre haverá uma nova chance, em uma próxima iniciativa para reaverem-se as diferenças e encontrarem novas soluções. Muitos dos organizadores do Sarau, por exemplo, já se relacionaram em trabalhos na Escola Rural Dendê da Serra ou estiveram juntos no projeto NAVE - Núcleo Artístico de Vivências Experimentais e com certeza se encontram nos eventos recreativos, como passeios na praia, um mergulho na represa, uma “gelada no Baixinho” (bar local), ou até mesmo a aula de forró. As relações em

Serra Grande são intensas e constantes. As organizações são naturalmente parceiras sem que precise haver um acordo formal sobre isso. No momento em que a análise do evento que é objeto desta pesquisa recai sobre sua função social, é possível enxergá-lo como um fórum, aonde habitantes internos compartilham sua sabedoria (bem comum imaterial) e constroem uma ponte até as soluções técnicas para questões socioambientais.

#### **5.4 O Sarau Serra Viva como mobilizador da gestão socioambiental em Serra Grande e entorno**

O Sarau Serra Viva congrega os movimentos socioambientais e educacionais da região. Cada instituição, com sua linguagem específica (capoeira, dança, música, teatro, culinária, artesanato) contribuem para a conversa cultural/ institucional. Momentos de silêncio também fazem parte do diálogo. Segundo Rui Rocha, (comunicação pessoal, 2014): “Funciona como um encontro regular que discute planejamento urbano, áreas protegidas, produção orgânica e agroecológica, resistências a projetos tais qual o Porto Sul entre outros”.

Percebeu-se nos questionários a predominância do público jovem, com formação acadêmica de nível médio e superior (Tabela 2 e Tabela 3), distribuídos entre diversas áreas de atuação como saúde, cultura, trabalho rural, comércio e serviços sendo a maioria de estudantes e professores (Tabela 4). Este dado revela o grande potencial educativo do Sarau. O compartilhamento de práticas cooperativas, sustentáveis e artísticas entre educadores, estudantes e os diversos setores da comunidade é incentivador da inteligência coletiva e pode qualificar o conhecimento adquirido/construído.

Tabela 2 Frequência de idade dos participantes

Idade	Frequência	%
Entre 12 e 20 anos	30	37,97
Entre 21 e 39 anos	30	37,97
Entre 40 e 45 anos	18	22,78
Acima de 56	1	1,27

Tabela 3 Formação acadêmica dos participantes

Formação acadêmica	Frequência	%
Não estudou	1	1,27
Fund. I	3	3,80
Fund. II	11	13,92
Médio	33	41,77
Técnico	2	2,53
Superior	26	32,91
Mestrado	3	3,80
Doutorado	0	0,00

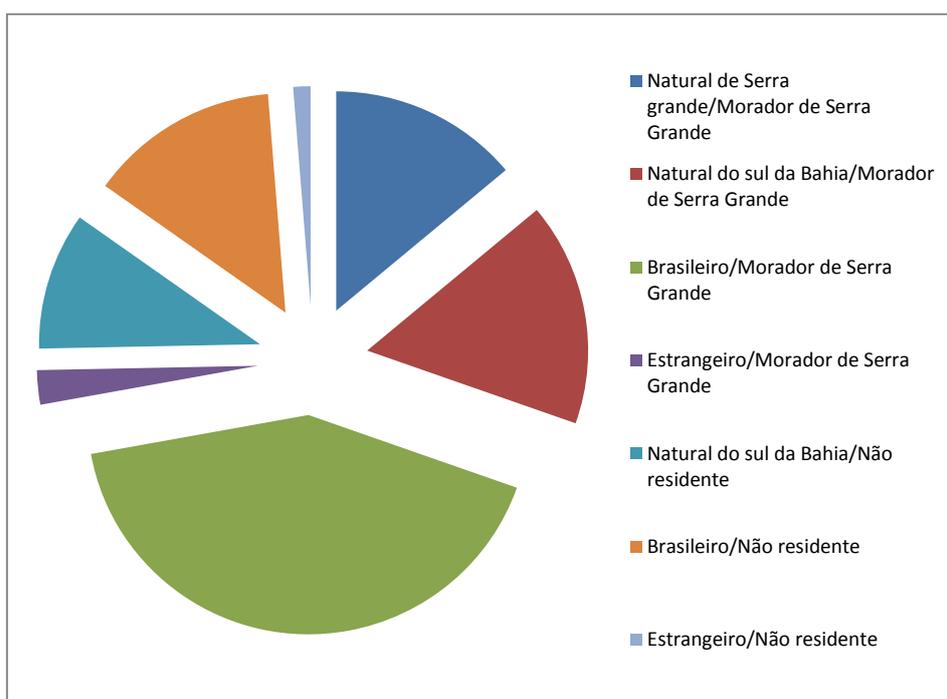
Tabela 4 Área de atuação dos participantes do Sarau Serra Viva

Área de atuação	Frequência	%
Agricultura	1	1,27
Agropecuária	1	1,27
Ambiental	3	3,80
Aposentado	2	2,53
Arquiteta	1	1,27
Arte	2	2,54
Capoeira	1	1,27
Comércio	8	10,13
Cultural	5	6,33
Desempregado	2	2,53
Educação	12	15,19
Estudante	15	18,99
Informática	1	1,27
Projetos sociais	1	1,27
Rural	1	1,27
Saúde	3	3,80
Sem resp.	2	2,53

O que Bourdieu denominou “hábitus” é descrito por Minayo (1996: 112) como “uma lei imanente depositada em cada ator social desde a primeira infância, a partir de

seu lugar na estrutura social”. O local de nascimento é uma influência determinante neste conceito. A diversidade de *hábitus* presente no ambiente relacional é uma condição de Serra Grande que pode ser percebida quando observamos que, entre os entrevistados moradores do distrito (74,68% da amostra quantitativa), 30,38% nasceram no sul do Bahia, enquanto 41,77% vieram de outras partes do Brasil para se estabelecerem em Serra Grande e 2,53% são estrangeiros que escolheram Serra Grande para morar. Os 25,32% dos entrevistados que não residem no distrito 10,13% são naturais do sul da Bahia, 13,92% oriundos de outras partes do Brasil e 1,27% de outras nacionalidades (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

O Sarau Serra Viva como destaque por sua originalidade, no sentido de promover laços comunitários de gestão através da arte, da feira de artesanato, da promoção de encontros interinstitucionais, inter-raciais, interclasses, pode ser considerado um exemplo prático das transformações que ocorrem em Serra Grande, desde a criação da BA 001, quando passa a receber moradores das mais diversas regiões do país (Rui Rocha, comunicação pessoal, 2014).



**FIGURA 45 Locais de origem dos participantes**

A despeito de o questionário ter sido aplicado em um período de alta rotatividade de turistas na região, 74,68% dos entrevistados declararam frequentar o evento desde seu início, no ano de 2011 (Figura 46). Observamos que estas são pessoas que participam ou participaram de instituições frequentes no Sarau Serra Viva ou da organização do próprio evento. Entre esse grupo, encontramos também, boa parte dos

adolescentes que se envolvem na maioria dos projetos oferecidos em Serra Grande voltados para sua formação.

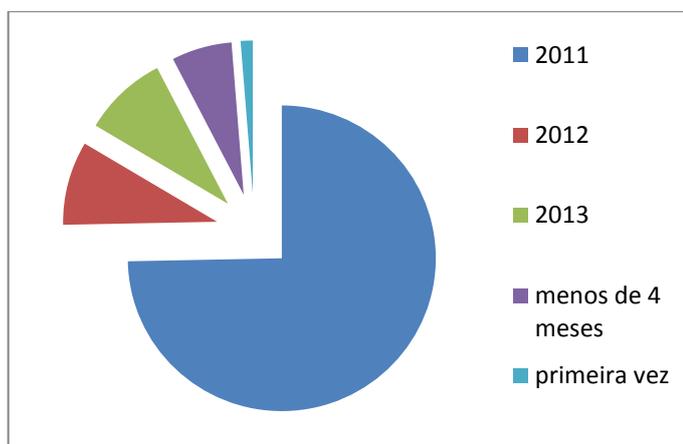


Figura 46 Desde quando participa do Sarau Serra Viva

A questão do pertencimento em relação ao evento foi avaliada em algumas questões, um dos indicadores escolhidos foi o grau de envolvimento com as atividades do Sarau. Na questão 8: “Como é sua participação no Sarau Serra Viva? (marque quantas quiser)” 86,08% das pessoas declarou participar do evento Sarau Serra Viva como público, mas também como atuantes em pelo menos uma entre as seguintes funções: organização; contribuição artística (canto, dança, poesia, ou outra forma de arte); colaborador e/ou, artesão (Tabela 5). Apesar disso, a oportunidade de se expressar no microfone aberto ainda é pouco utilizada, apenas 18,99% da amostra declara já ter usado (Figura 47). Embora haja divulgação do recurso de expressão, este é mais usado pelas crianças e jovens, especialmente quando os feirantes oferecem prendas de sua barraca para alguma apresentação específica (música tal ou poesia de tal autor, entre outros).

Tabela 5 Como é sua participação no Sarau Serra Viva? (questão 8)

Tipo de participação (categorias não exclusivas)	Frequências	%
Organização	7	8,86
Artística	28	35,44
Colaborador	20	25,32
Artesão	13	16,46
Público	79	100,00

A ideia é compreender a realização de um evento participativo e democrático como elemento incentivador do movimento na teia de relações. O Sarau Serra Viva é um processo dinâmico em construção coletiva. O caminho é edificado com elementos de integração. Quanto mais aberto e participativo for este e qualquer outro fórum de encontro comunitário, maior a possibilidade de criação de um espaço de participação cidadã, maior a possibilidade de reconhecimento entre os seres, maior a possibilidade de participação na comunidade e do incremento do senso de *junteridade* (Ingold 2012, apud Castaneda 2013). Observamos que o evento, por sua continuidade e frequência, se tornou conhecido na região e tem contado com maior participação e reconhecimento. O evento que, em sua primeira edição, foi chamado por uma adolescente de “festa dos hippies” hoje recebe meninas como ela, e todo o público que este grupo de pessoas arrasta através de sua dança.

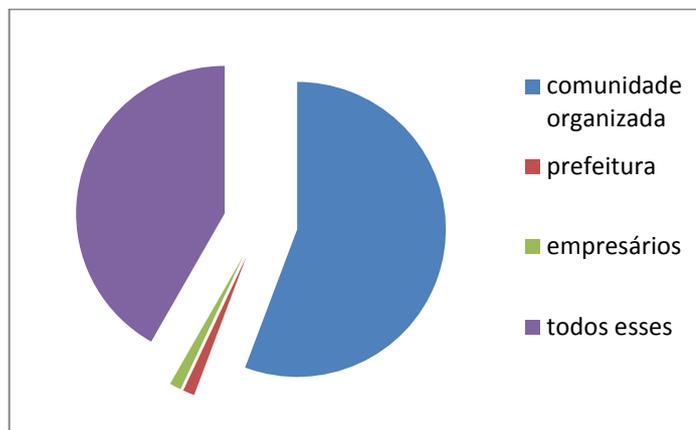


Figura 47 Participação no Microfone Aberto

Tizza Coelho (comunicação pessoal, 2014) considera essencial o acontecimento do Sarau, por sua característica democrática:

O Sarau é uma festa de microfone aberto, onde todos têm o mesmo acesso à produção cultural, à exposição de si mesmo, à inserção, a colocar sua opinião. O microfone está aberto, então, é de todos, é de todo mundo. O formato é: o que você tem dentro de você que pode apresentar? É uma poesia? É uma súplica? É um dito político? É uma música? É uma batucada? É uma dança? Sua comida? O que você vai trazer para dividir com a comunidade e fazer sua expressão pessoal? Isso para mim é fundamental na cultura brasileira.

Outro indicador a respeito da sensação de pertencimento em relação ao evento foi proposto através de uma questão indireta sobre quem realiza o Sarau Serra Viva (questão 13), as possíveis respostas são: “comunidade organizada”; “prefeitura”; “empresários”; “todos esses”, sendo que ao escolher a primeira ou a última opção, o entrevistado estaria se incluindo, pois é um grupo social que ele pertence e supõe-se que pode participar. Somadas essas duas opções geraram 97,47% das respostas: “comunidade organizada”: 55,70 e, “todos esses”: 41,77%. As respostas “prefeitura” e “empresários” contaram com 1,27% cada (Figura 48).



**Figura 48 Quem organiza o Sarau Serra Viva?**

Este resultado é corroborado pela questão 16, em que 91,14% dos entrevistados “sente que pode participar da realização do evento, se quiser contribuir” (Tabela 6). Segundo Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014) “a iniciativa tem sido embrião de uma nova cultura de criação coletiva, com novos processos produtivos e troca de experiências técnicas ou produtivas e consumo consciente”.

**Tabela 6 Você sente que pode participar da realização do evento, se quiser contribuir? (questão 16)**

Participação	Frequência	%
Sim	72	91,14
Não	7	8,86

A *cooperação*, no sentido dado por Ostrom (apud Ramalho, 2009), ou seja, “formas comunitárias de gestão”, refletem-se na vitalidade comunitária presente em Serra Grande (Silva, 2011). Cooperação e Vitalidade Comunitária têm estreita relação com o sentido de pertencimento que nos debruçamos até agora. Esta importante dimensão do índice de Felicidade Interna Bruta é um bem comum imaterial que deve ser preservado e fortalecido no caminho da sustentabilidade. A influência do Sarau Serra Viva em relação à participação em trabalhos comunitários foi investigada nas seguintes perguntas: “Em que medida o Sarau Serra Viva te incentiva a realizar trabalhos comunitários?” e, “Em que medida o Sarau Serra Viva te incentiva a desenvolver projetos na Vila de Serra Grande” (

**e Erro! Fonte de referência não encontrada.**)

Tabela 7 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a realizar trabalho comunitário? (questão 22)

Trabalho comunitário	Frequência	%
Sem resposta	1	1,27
Muito	26	32,91
Médio	19	24,05
Pouco	23	29,11
Nada	10	12,66

Tabela 8 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver projetos na Vila de Serra Grande? (questão 28)

Projetos	Frequência	%
Muito	35	32,91
Pouco	15	29,11
Médio	19	24,05
Nada	10	12,66

O público do Sarau Serra Viva revela engajamento na gestão socioambiental por meio das instituições comunitárias que participam (Tabela 9). O questionário revelou 41,77% de pessoas pertencentes a, pelo menos, uma das seguintes instituições que se fizeram presentes nos dias de aplicação do questionário: Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande; Associação Pedagógica Dendê da Serra; Instituto Arapyáú; Movimento Vila Aprendiz; Associação de Surf de Serra Grande; Associação de Moradores do Bairro Novo; Associação de Moradores e Moradoras da Beira Rio da Represa; Ação Florescer; Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola; Parque Estadual da Serra do Conduru; Circo da Lua; Instituto Ynamata; Projeto Raízes Afros; Igreja Católica; Fazenda Pura Vida; Escola Estadual Colégio Antônio Cruz; Fazenda Águas Cantando; Serra Zen. Presentes no evento qualificam os representantes das instituições qualificam o espaço de interação social através da experiência comunitária em gestão participativa.

Tabela 9 Participação em Organização Comunitária

Participação	Frequência	%
Não participa	46	58,23
Participa de apenas um	28	35,44
Participa de mais de um	5	6,33

Os recursos naturais, aspectos material do bem comum, gerido pela relação comercial estabelecida na feira do Sarau Serra Viva são utilizados na produção local através da culinária e do artesanato (Figura 49). Por ser prioritário este tipo de produto, a feira incentiva os pequenos artesãos e comerciantes a encontrarem soluções locais para demanda de consumo em Serra Grande. Sendo assim, na feira podemos encontrar matéria prima regional na oferta em alimento como, tortas de legumes, yaksoba, sucos, mini pizzas, pão recheado, bolo, pipoca, as hortaliças e produtos de quintal e no artesanato de coco, arte em macramê, trabalhos em prata, roupas em técnica tie-die, brechó, produtos das aulas de marcenaria da Escola Rural Dendê da Serra e outros artefatos feitos pelos alunos, como vasos de flores e camisetas pintadas, bonecos de tricô, entre outros.



Figura 49 Barraca de artesanato, mungunzá e tortas  
julho de 2012 (foto: acervo pessoal)

A economia comunitária é uma das viabilidades para Serra Grande. Quando os produtos locais com relativo ou total grau de independência das grandes indústrias puderem substituir os produtos oferecidos por estas, Serra Grande poderá se aproximar um pouco mais da sustentabilidade.

O grupo de frequentadores do Sarau revela trilhar os rumos do consumo consciente, na medida em que na questão 14, 30,38% dos entrevistados responderam que “muitos” produtos que são comercializados na feira do Sarau podem substituir os “produtos comprados no mercado”, enquanto 62,03% consideram que alguns destes cumprem essa função. Supõe-se nesta pesquisa que a maioria dos produtos encontrados no mercado comum depõe contra a meta da sustentabilidade na medida em que, em sua maioria, são industrializados ou com necessidade de gastos energéticos para o transporte (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Além disso, na questão 29, 69,62% dos entrevistados afirmaram que a feira de produtos locais no evento é um incentivo ao consumo de produtos da economia local no seu dia a dia (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

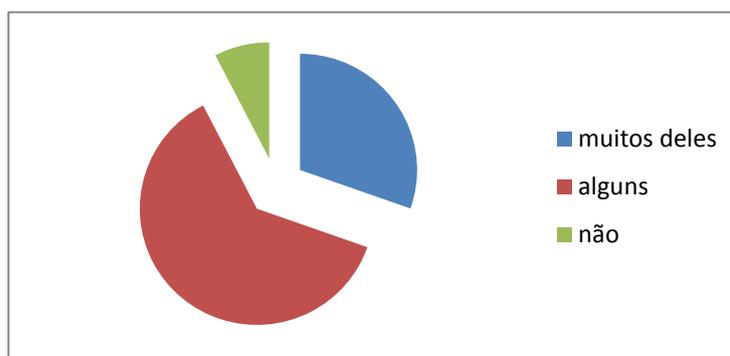


Figura 50 Os produtos encontrados na feira podem substituir os comprados no mercado? (questão 14)

Tabela 10 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a consumir produtos locais? (questão 29)

Influência cotidiana	Frequência	%
Muito	55	69,62
Médio	11	13,92
Pouco	12	15,19
Nada	1	1,27

Ao falar em movimentação da economia local, não nos referimos somente aos produtos que utilizam a matéria prima local, mas também à gestão de equipamentos e tecnologias compartilhadas pelas organizações comunitárias (como equipamentos de sonorização, data show, mesas, cadeiras) e do trabalho dos participantes do evento, já que estes passam a se envolver em outras cerimônias que acontecem nos espaços públicos.

A esse respeito, Chelah (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014) comenta que o Sarau Serra Viva deu visibilidade ao seu trabalho como Mestre de Cerimônias, ele foi convidado para atuar no Festival do Parque Estadual da Serra do Conduru e no evento Agenda Cultural. Isso também aconteceu com os artesãos que participam do Sarau e foram convidados a comercializar seu artesanato em vários eventos da região.

Verónica Sosa (comunicação pessoal, 2014) reflete sobre o primeiro ano do evento:

A feira também era importante para as pessoas que estavam vendendo. Contaram a experiência de jovens, por exemplo, do Bairro Novo, do time de futebol que fizeram caldo de cana, uma coisa assim, e conseguiram comprar as meias. A feira pode ser uma fonte de recursos. É um incentivo para as pessoas terem consciência que sua produção tem um valor que podem vender. Que as pessoas que vêm de fora também vão apreciar. Tem outro valor poder comer um cacau, uma cocada, consumir o artesanato local.

Chelah (comunicação pessoal, 2014) também percebeu a função do Sarau na economia comunitária:

Outro papel fundamental do Sarau é de aquecimento da economia local. Pessoas que moram mais longe escolhem o segundo sábado do mês para vir a Vila. Sabem que tem um evento e que podem consumir um produto local. O Sarau virou um ponto de encontro. É um carinho dentro da organização do Sarau que as prioridades sejam das pessoas que produzem: a vizinha com seu quitute, um suco com a fruta da estação. Então o Sarau é um momento em que você vem, passeia com sua família, come uma coisa gostosa feita aqui e aprecia uma atração!

Luciano Garcia (comunicação pessoal, 2014) acompanha as transformações sociais que ocorrem em Serra Grande há mais de duas décadas e tem a seguinte opinião: “Hoje Serra Grande saiu do *mesmismo*. Antes Serra Grande era para poucos, a população de Ilhéus e Uruçuca. Hoje, depois do Sarau, do Instituto Arapyauú, Natura, Txai, Serra Grande é um distrito muito forte, comercialmente forte”.

Patrícia divulgou no evento a bandeira da economia local que sempre a acompanhou. Ela conta a respeito da Casa das Flores, espaço comercial que mantém em parceria com produtores locais e com o Instituto Floresta Viva: “Foi uma consequência da oportunidade de trabalho que tem sua raiz no Sarau Serra Viva, pois este acolhe os produtores alternativos, pessoas que querem trabalhar e não tem espaço para seus produtos. O Sarau foi um grande supermercado alternativo” (Patrícia Paiva, comunicação pessoal, 2014).

Mara Campos (comunicação pessoal, 2014) afirma que houve uma transformação em sua prática como vendedora, no sentido em que passou a oferecer pizzas integrais e sucos, ou seja, eliminou o refrigerante e a cerveja, além dos

condimentos como catchup e maionese. No entanto, pondera que financeiramente não houve mudanças significativas. Os clientes dela continuaram sendo os mesmos.

Há um aspecto do bem comum imaterial que é gerido de forma coletiva e natural através do evento. Diz respeito a nossa forma de atuar artisticamente no mundo. As apresentações do Sarau Serra Viva contribuem para ampliação da teia de relações, na medida em que o faz através da arte, atividade e criatividade. Diz respeito à maneira de comer, de se relacionar. A expressão artística revela o conhecimento e o saber local (regional, mundial, humano) que Hess e Ostrom (2007, apud Baiardi 2011:46): “propõem considerar como parte dos bens comuns ou compartilhados”.

Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014) compreende essa questão da seguinte forma:

Uma característica dos patrimônios imateriais é possuir uma tangibilidade própria (por exemplo, uma receita de acarajé passada de pai para filho ou uma tecnologia de uso amplo). Como se tangencia? Como se mede isso? Quando se manifesta! Um acarajé você mede quando ele está pronto e as pessoas comem. O mesmo acontece com o Sarau. O caráter material desse patrimônio, desse bem comum é a sua realização.

Tisza afirma que “o Sarau fomenta atividades culturais na Vila”. Ela acredita que o Festival do PESC (Parque Estadual da Serra do Conduru) e o evento Agenda Cultural foram “inteiramente programados nos moldes do Sarau, tanto em relação à feira e no foco na economia comunitária, como também no formato artístico” (Tisza Coelho comunicação pessoal, 2014).

De acordo com as instituições educacionais representadas na investigação qualitativa (Escola Rural Dendê da Serra; Projeto Canto do Sabiá e Centro Cultural Permanente Barracão D´Angola), o Sarau Serra Viva é um grande motivador para seus pupilos. Lucas Moreira (comunicação pessoal, 2014) ressalta que o Sarau é um elemento incentivador para os estudantes de música. Ele relata que algo interessante aconteceu quando os momentos de apresentações artísticas em grupo começaram a rarear devido a questões internas da escola. Alguns dos adolescentes que participavam das aulas de violão começaram a ensaiar para apresentações solo. Como professor, Lucas enxerga nessa atitude um amadurecimento artístico proporcionado pela participação no evento.

A questão 18, na medida em que indaga quais maiores ganhos pessoais proporcionados pelo evento, revela as causas do sucesso e do engajamento popular. 32,91% dos entrevistados concorda que os elementos ligados ao lazer e cultura são o maior ganho pessoal que o evento proporciona. Estes indicadores são os elementos

que mantem a participação e engajamento de boa parte dos atores sociais no fórum comunitário (Tabela 11).

Tabela 11 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para você? Se sim, quais? (questão 18)

Benefício pessoal	Frequência	%
Sem resposta	19	24,05
Lazer	16	20,25
Cultural	10	12,66
Socialização	10	12,66
Ecológico	9	11,39
Felicidade	9	11,39
Espaço democrático	7	8,86
Comercial	4	5,06
Educação	4	5,06
Experiência	2	2,53
Motivação para trabalho comunitário	2	2,53
Gastronomia	1	1,27

Outra questão que inquiriu a respeito do bem estar pessoal causado pelo Sarau Serra Viva é a 27, em que 60,76% dos entrevistados relatam que o Sarau contribui muito e medianamente para o desenvolvimento de seus dons artísticos (Tabela 12).

Tabela 12. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver seus dons artísticos (questão 27)

Dons pessoais	Frequência	%
Sem resposta	1	1,27
Muito	32	40,51
Médio	16	20,25
Pouco	24	30,38
Nada	6	7,59

Em relação aos benefícios comunitários que o Sarau Serra Viva proporciona a Serra Grande (Tabela 13), foram especialmente valorizados, além da cultura e do lazer, os motivos ecológicos, os relacionados ao turismo e ao comércio. O Sarau Serra Viva tem potencial para ser um atrativo consolidado do trade do turismo sustentável na região.

Tabela 13 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para Serra Grande? Se sim, quais?  
(questão 19)

Tipo de benefício	Frequência	%
Cultural	20	25,32
Lazer	19	24,05
Ecológico	14	17,72
Turismo/divulgação	14	17,72
Comercial	12	15,19
Educação	6	7,59
Sem resposta	5	6,33
Felicidade	4	5,06
Ocupação para os jovens	3	3,80
Espaço democrático	3	3,80
Uso interessante da praça	1	1,27

As seguintes questões pretenderam analisar a representatividade cultural do evento, ou seja, se abrange diferentes gostos musicais e cumpre o papel de ampliar a teia de relações, seja com seu vizinho ou com outros estilos de arte:

10. As apresentações artísticas têm diferentes estilos culturais? (Figura 51)

11. Qualquer um pode participar das apresentações culturais? (Tabela 14)

13. Sua apresentação preferida acontece à quantidade de vezes que você gostaria que acontecesse? (Figura 52)

Passamos a conhecer que 62,03% dos entrevistados consideram que as apresentações contemplam diferentes estilos artísticos (enquanto 36,71% responderam “às vezes” as apresentações agradam a gregos e troianos e apenas 1,27% consideraram que isso “nunca” acontece). Destes, 58,23% se sentem satisfeitos com a frequência em que ocorrem suas atrações preferidas. Além disso, 96,20% dos entrevistados afirmaram considerar que “qualquer um pode participar das apresentações culturais”. Por esses dados, é possível deduzir que o Sarau tem sido inclusivo em relação ao tema da diversidade e causa impactos positivos no tocante a ampliação da teia de relações.

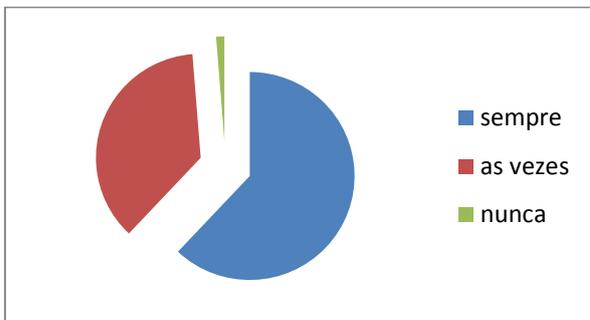


Figura 51 As apresentações artísticas têm diferentes estilos culturais? (questão 10)

Tabela 14 Qualquer um pode participar das apresentações culturais? (questão 11)

Acesso	Frequência	%
Sem resposta	1	1,27
Sim	76	96,20
Não	2	2,53

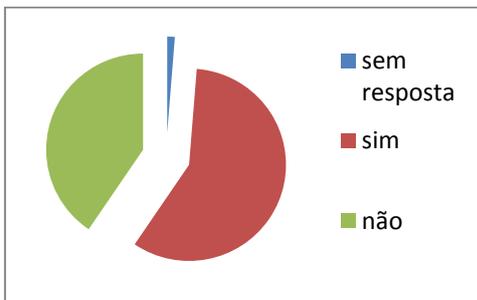


Figura 52 Sua apresentação preferida acontece à quantidade de vezes que você gostaria que acontecesse? (questão 13)

Diminuir as distâncias entre grupos sociais através de atividades artísticas e culturais significa ampliar a possibilidade de diálogo, gestão coletiva e participativa. Podemos considerar aqui que nem todos conseguem se expressar em fóruns discursivos, como as chamadas “assembleias ordinárias”, carinhosamente apelidadas por um dos atores sociais envolvidos de “reunião do infinito”, e encontram neste um espaço privilegiado de manifestação.

As crenças que estão naqueles diferentes grupos começam a convergir. São muitos caminhos, como a crença na cooperação, na tolerância, no respeito ao outro, na diversidade. Tem músicas que eu não gosto, mas que eu tenho que respeitar. Tem a música que eu gosto e que acaba tocando. Uma pessoa que nunca ouviu aquela música pode passar a gostar. Eu posso ressignificar um estilo que eu não gostava porque estou vendo outro elemento que tem ali, que também faz parte (Rui Rocha, comunicação pessoal, 2014).

Adrielli Almeida (comunicação pessoal, 2014) que juntou suas amigas para formar um grupo de dança devido à possibilidade de divulgação no Sarau, conta que a

criação do grupo “Truk Dance” incentivou o nascimento de outros dois grupos compostos por meninos de Itacaré, que eram namorados de algumas das dançarinas: o “Príncipe do Gueto” e “Os Frenéticos”. Além desses, outros grupos de dança da própria comunidade como “A Blitz” e “As Paniquetes” compostos por meninos e meninas entre 12 e 18 anos, que foram incentivados pela aproximação das meninas do Truk Dance com o espaço do Sarau e dele se apropriaram, integrando a teia de relações.

É assim que em uma mesma tarde podemos ouvir crianças da comunidade tocando “Ode a Alegria” (Beethoven) com o grupo de Música de Câmara do Projeto Canto do Sabiá (Verónica Sosa); ouvir os poemas com temáticas ambientais de Cláudio Lôpo, ver a coreografia da “Anita Poderosa” interpretada por alguns dos adolescentes da região, conhecer as composições de Silvia Matos, artista local ou dançar ao som do forró pé de serra da banda local. Garantir o espaço de expressão é condição *sine qua non* para a gestão sustentável do ambiente.

Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014) ressalta que: “a realização do Sarau emana costumes, valores estéticos, valores morais. Tem atitudes que são aceitáveis, atitudes que não são aceitáveis. O convívio vai estabelecendo ali pactos, éticas que são toleradas ou não são toleradas”. Patrícia Paiva (comunicação pessoal, 2014) tem a seguinte opinião: “Bem especial à produção do Sarau, uma produção comunitária, voluntária, com amor, com dedicação”.

Lucas Moreira (comunicação pessoal, 2014) afirma que “para o ambiente de Serra o Sarau trouxe esse grande encontro social, em um espaço aberto, em que todos possam a participar. E, regado por arte, que é um alimento. A grande magia que o Sarau proporciona é a gente se reconhecer enquanto comunidade”. Tisza (comunicação pessoal, 2014) enxerga da seguinte forma:

A gente tem essa animação, essa alegria que faz parte da cultura brasileira, todo mês. A oportunidade de se expressar seja profissional, amador ou simpatizante. Isso é manutenção da cultura local. Você tem um grande palco que é a Praça. Nesse espaço do Sarau podemos olhar para o nosso micro organismo local. Podemos discutir leis como as que proíbem as crianças de andarem de bicicleta e jogarem bolas na praça.

Compreendemos, portanto, que outro meio de manutenção e autorreflexão sobre paradigmas culturais locais é o fato de o evento ser também um fórum social de movimentação de ideias. A motivação pode vir da ampla praça gramada, dos bancos, das barracas de bambu, da baixa luminosidade, da certeza de encontrar amigos e/ou parceiros, da diversidade de atrações. O fato é que o ambiente convida aos encontros (Figura 53).



Figura 53 Ricardo Zehnder, Rui Rocha e Marcel dos Santos, aspecto social do Sarau Serra Viva, agosto de 2011 (foto: acervo pessoal)

Verónica Sosa (comunicação pessoal, 2014) recorda que:

Primeiro foi um ponto de encontro. Acho que no início foi bem forte isso, esse ponto de encontro. Assim como eu, todo mundo estava sentindo essa dificuldade da gente se encontrar. Ter esse encontro marcado uma vez por mês fazia com que as pessoas confluíssem todas. Vêm de lugares, como Piracanga, Pedra do Sabiá, as pessoas que estão mais longe. Outros artistas vinham conhecer. O Sarau é um ponto de encontro do público e de artistas também.

O Sarau Serra Viva “é uma vitrine de alegria e expressão! O social já acontecia na Praça, mas era recreio ou saída de escola. Jovens se espalhavam por ali, mas sem nenhuma organização social ou produção cultural. E o Sarau definitivamente trouxe isso para lá, não tem dúvidas” (Tizza Coelho, comunicação pessoal, 2014).

Lucas Moreira (comunicação pessoal, 2014) reflete:

Eu acho que o Sarau proporcionou um encontro social, um reconhecimento da população de Serra, dos movimentos que existiam em Serra Grande. Eu me apropriei um pouco mais do que era Serra Grande em termos de movimentos sociais. Havia uns que eu ouvia falar e de repente estavam lá com barracas ou representados por membros que falavam sobre o assunto. E eu pude conhecer de perto o que eram os movimentos através das pessoas que falavam um pouco mais. É interessante este aspecto de troca que o Sarau proporciona, entre as pessoas, entre a diversidade que tem nessa Vila.

O alcance social do Sarau pode ser dimensionado pela informação que, em determinados momentos, afasta pessoas que procuram o sossego do fim de semana longe das demandas que encontram nas organizações as quais pertencem. Lucas conta que se afastou do evento em certo momento, devido à sua nomeação para um cargo de coordenador pedagógico na escola, trabalho que lhe demandava bastante.

Aconteceu que o sarau, por ser um fórum de encontro comunitário, acabava por se tornar, para ele, espaço de resoluções de questões relativas ao trabalho no momento que deveria ser um tempo de descontração e de lazer. Ele conta que isso aconteceu não só com ele, mas com todo o grupo da coordenação pedagógica da Escola Rural Dendê da Serra (Lucas Moreira, comunicação pessoal, 2014).

Rui Rocha, liderança comunitária em assuntos relacionados à conservação do meio ambiente considera que momentos em que ocorrem os encontros sociais, um tesouro comunitário de valor inestimável. Quando foi questionado durante a entrevista sobre de que forma o Sarau contribui para a gestão socioambiental da Vila, respondeu da seguinte maneira:

Primeiro porque ele é um ponto de encontro entre todo mundo. Se eu quero encontrar pessoas da Escola Rural Dendê da Serra no sentido de uma parceria com aquele movimento, eu posso encontrar lá. Se eu quero divulgar algo do Instituto Floresta Viva e eu quero compartilhar com a comunidade, o Sarau é um momento. Isso já aconteceu. Até mesmo uma discussão se vai plantar uma palmeira ou uma árvore na Praça acontece muitas vezes nesses encontros. Isso também é um conteúdo que às vezes não é tangível, porque quando você pensa em Sarau você pensa na agenda de apresentações artísticas e nas barracas com a venda de produtos, mas o Sarau não é só isso. O Sarau é um lugar de encontro. No momento deste encontro pessoas estão povoando a região, porque não são só pessoas de Serra Grande. Vem gente de Olivença, Ilhéus, Itacaré, Piracanga, Uruçuca. Você começa a ter uma referência de ponto encontros coletivo. O potencial de realizações desses encontros coletivos é imenso (Rui Rocha, comunicação pessoal, 2014).

A fim de analisar a relação do Sarau Serra Viva com a proteção e o cuidado com o ambiente, exemplos materialmente concretos de recursos de propriedade comum, de acordo com Ostrom (apud Baiardi, 2011) incluímos no questionário duas questões gerais sobre zelo com os recursos naturais e equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região (questões 20 e 23) e três sobre cuidados específicos com o lixo, nascentes dos rios e a Praça Pedro Gomes (24; 25 e 26 respectivamente).

Nas questões gerais sobre as boas práticas ambientais, a maioria dos entrevistados apresentou propensão ao cuidado com a natureza e ao equilíbrio ambiental. Na questão 20, 56,96% dos entrevistados afirmaram que são “muito” ou “médio” influenciado a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza?”(Tabela 15). E, na questão 23, 74,68% afirmaram que são “muito” ou “médios” influenciados a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região (Tabela 16).

Tabela 15 Em que medida o Sarau te influencia a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza? (questão 20)

Práticas saudáveis	Frequência	%
Sem resposta	1	1,27
Muito	26	32,91
Médio	19	24,05
Pouco	23	29,11
Nada	10	12,66

Tabela 16 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região? (questão 23)

Equilíbrio	Frequência	%
Muito	40	50,63
Médio	19	24,05
Pouco	18	22,78
Nada	2	2,53

Em relação ao cuidado com as nascentes dos rios (questão 25), 60,76% responderam que o Sarau Serra Viva causa “muita” ou “média” influência, enquanto 35,44% responderam que são “pouco” ou “nada” influenciados e 3,8% não responderam (Figura 54). O cuidado com as nascentes dos rios demonstra ser uma boa ideia para um sarau temático já que, por sua natureza participativa demonstrou influência positiva às boas práticas ambientais.

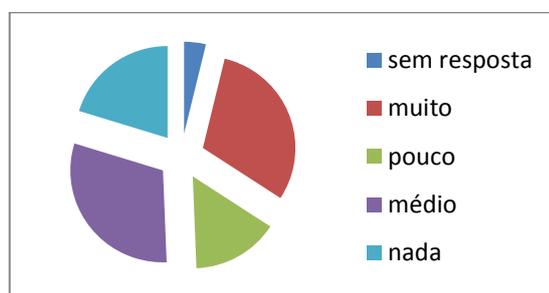


Figura 54 Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar das nascentes dos rios (questão 25)

A influência do evento em relação ao “cuidar melhor do seu lixo” (questão 24) foi percebida com “muita” ou “média” por 65,82% dos entrevistados e “pouco” ou “nada” por 30,38 % dos entrevistados (Figura 55). Dos indicadores escolhidos para análise da

relação do Sarau Serra Viva com o cuidado com o meio ambiente, a questão do zelo com o lixo foi a mais lembrada. Quase todos os entrevistados da etapa qualitativa da pesquisa comentaram a preocupação dos Mestres de Cerimônia em informar a importância em destinar corretamente seus resíduos. Verónica Sosa (comunicação pessoal, 2014) lembrou que foi a equipe do Sarau quem solicitou apoio para a instalação das lixeiras da praça. O movimento do jeguinho (Figura 56), que incentiva a coleta seletiva também foi citado mais de uma vez por ter ampla divulgação no evento.

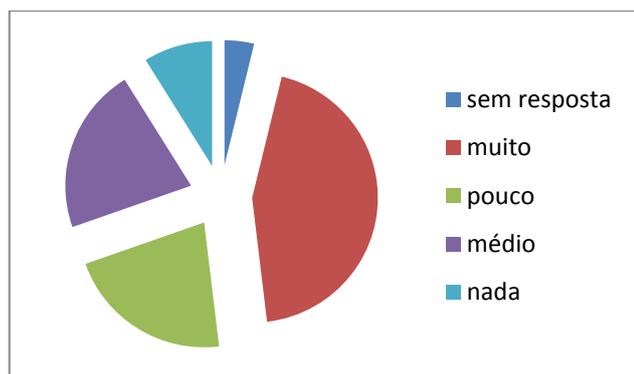


Figura 55 Influência do Sarau Serra Viva no cuidado e atenção com o lixo

Sobre a questão aberta do roteiro de entrevista “Em sua opinião, que práticas o evento fomenta que incentivam a sustentabilidade e a conservação ambiental em Serra Grande?” Foi unanimidade a questão do espaço aberto para divulgação das ideias e práticas ambientais da região. Salvador (comunicação pessoal, 2014), representante da organização comunitária com foco no equilíbrio ambiental, a Associação Movimento Mecenias da Vida, responde: Eu acho que o Sarau não tem uma ação direta com relação à conservação ambiental. Não tem uma ação específica para isso, mas, indiretamente, por tudo que acontece no Sarau, ele acaba informando, educando as pessoas. Quando acontece o Sarau existe um cuidado, por exemplo, com o lixo, a limpeza, a organização, existe essa visão que você tem que estar num ambiente bonito, equilibrado, harmonioso. Então, de certa forma, mesmo que não exista uma ação específica de conscientização das pessoas, o fato delas estarem transitando naquele ambiente e observando isso já é uma forma de influenciar na mudança de prática, de postura das pessoas. Claro que se quisesse ter um viés para a conservação poderia haver atividades específicas, por exemplo, todo Sarau ter um momento para falar sobre a questão ambiental, a conservação. Mas também passa filmes que são bacanas que estão ligados ao tema. É só questão de colocar o foco nisso e divulgar com mais o assunto de forma mais regular, pode ser uma ferramenta bem importante.

Rui Rocha considera que o Sarau Serra Viva se aproxima do tema da gestão socioambiental da seguinte maneira:

Esse bem cultural é um bem da Vila. Faz parte da atmosfera. Agrega valor à Vila. Sendo o Sarau Serra Viva um bem comum no âmbito cultural, como este se conecta com os bens comuns tradicionais (rios, florestas, litoral, etc.)? Na medida em que o Sarau Serra Viva revela cuidado e esforços em manter esses patrimônios culturais que existem ali. A experiência cultural do Sarau é respeitosa e é dialética com isso.

Lucas Moreira (comunicação pessoal, 2014) traduz a questão da seguinte forma: “Tem movimentos que acontecem em Serra Grande que possuem um foco ambiental muito grande e todos esses têm voz no Sarau. É um momento comunitário de divulgação das práticas e organizações comunitárias”.

Tizza Coelho acredita podem gravitar em torno da praça em dia de evento cerca de mil pessoas, e o que acontece lá é um exemplo para quem sai da igreja, quem passa pela Praça para ir a sua casa. Afirma que:

Em termos de gestão ambiental o Sarau é uma grande vitrine, um grande porta voz. A comunidade do entorno (e isso é uma característica de Serra Grande) está muito atenta para as questões ambientais. O Sarau é um palco para fortalecer atividades, atitudes, difundir ideias ambientalistas. A vantagem do Sarau é que você pode atingir muitas pessoas, divulgar efetivamente a sua ideia, o trabalho que você fez o mês inteiro. O Parque Estadual da Serra do Conduru, o Instituto Floresta Viva, o Mecenaz da Vida, são iniciativas apoiadas pelo Sarau. Tem a iniciativa de lixeiras ecológicas da Casa Alegria (jeguinho) e essa ideia é divulgada no Sarau. (Tizza Coelho, comunicação pessoal, 2014).



Figura 56 Montagem das Lixeiras Ecológicas “Jeguinho” (foto: disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=671433869569106&set=t.100000571191998&type=3&theater>, acesso em 25 de março de 2014)

Patrícia Paiva (comunicação pessoal, 2014) enxerga o Sarau como “um grande potencial para uma nova cultura de Educação Ambiental.” Sua impressão vai ao

encontro da fala de Adrielli quando ela diz que o evento ajuda a conservar o meio ambiente porque “no Sarau encontramos atrações bem diferentes das que se vê na televisão; os artesanatos e comidas típicas que não são encontrados nos mercados e nas padarias; a divulgação da reciclagem.” (Adrielli Almeida, comunicação pessoal, 2014) Ela menciona que ficou muito impressionada com uma boneca de garrafa pet que viu a venda no Sarau. Quando teve oportunidade reproduziu o modelo para apresentar na Feira de Reciclagem da sua escola.

Chelah (comunicação pessoal, 2014) acredita que o Sarau Serra Viva é mobilizador das questões ambientais porque “o microfone é usado como medida educativa. É usado para pedir atenção das pessoas com o lixo. A mobilização ainda é tímida, mas para mais possibilidades é preciso de mais mãos”.

Verónica Sosa (comunicação pessoal, 2014) diz o seguinte sobre a influência do Sarau Serra Viva nas práticas comunitárias ambientalmente saudáveis:

Acho que o Sarau sempre contemplou isso, inclusive é uma proposta da Associação Cultural, se incluiu no estatuto: zelar pela região que está dentro da APA (Área de Proteção ambiental Itacaré/ Serra Grande). No Sarau sempre se fala da questão do meio ambiente, desde as apresentações, as mensagens, os cuidados. A equipe do Sarau que pediu essas lixeiras que estão na praça. Os apresentadores sempre pedem que se jogue o lixo no lugar certo. É o hábito que faz o monge. No início, se passava muitos filmes sobre o meio ambiente. O espaço já foi utilizado pelo Instituto Floresta Viva, o PESC, a Pedra do Sabiá, várias iniciativas que vendem ali seus produtos, suas plantas, suas mudas. Tem o projeto do lixo da UESC que também já esteve presente (“jeguinho”).

Para Patrícia Paiva (comunicação pessoal, 2014), “os conteúdos ambientais são trabalhados no Sarau, mas podem ser aprimorados. O palhaço (Figura 58) tem grande potencial de integração com crianças e adultos e pode ser utilizado para comunicar a comunidade sobre o consumo local”. Esta fala revela a potência de uma iniciativa comunitária, democrática e participativa com abertura para atingir diversos públicos.

As seguintes questões analisadas: ampliação da percepção socioambiental e da teia de relações; e, incentivo à gestão dos bens comuns através de relações cooperativa são inseparáveis. Assim como o ambiente é uno, igualmente se dão as relações que nele se estabelecem. Ao refletir sobre os laços do Sarau Serra Viva com o Mecenaz da Vida, Salvador (comunicação pessoal, 2014) afirma:

A gente acha que essa experiência do Sarau pode ser muito educativa e transformadora porque é um espaço que atrai pessoas de diferentes níveis sociais, com diferentes propostas. Fortalece a economia dos nativos que lá vendem seus produtos cria uma identidade para os moradores locais, porque o Sarau é uma coisa bacana que eleva a autoestima deles. Tem esse aspecto de coisas interessantes que são

mostradas no Sarau: projetos que estão sendo feitos, apresentações artísticas, ele é um celeiro de boas práticas que, com o tempo, encontrará espaço para germinar e crescer. Então, apesar do Mecenaz da Vida não estar diretamente envolvido com as ações do Sarau, a gente acha que é uma iniciativa das mais interessantes aqui pra Vila para resgatar, valorizar, integrar. A gente vê o Sarau como uma plataforma para tudo isso acontecer.

Após a realização desta entrevista, os laços de relação se estreitaram ainda mais e o Mecenaz da Vida apresentou no evento de fevereiro de 2014, o jogo didático ambiental "Amigos do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC)", que foi distribuído para as escolas do distrito (Figura 57). Esse jogo é o produto final de uma das ações do projeto "Amigos do PESC: um exercício de gestão participativa no Parque Estadual da Serra do Conduru". Foi executado pelo Mecenaz da Vida, no âmbito do Conselho Gestor do PESC e em parceria com o coletivo socioambiental da Área de Proteção Ambiental (APA) Itacaré/ Serra Grande. (informação dada por Valéria Cardoso, atual presidente da instituição, através comunicação via e-mail).

Neste mesmo evento, o projeto Amigos do PESC comemorou o aniversário do Parque em parceria com o Sarau Serra Viva e com o projeto Agenda Cultural. Pouco depois, Valéria Cardoso, em nome do Mecenaz da Vida, foi a idealizadora da Rede Serra Viva de apoio financeiro ao evento, com a distribuição de carnês individuais.



Figura 57 Jogo didático ambiental do movimento "Amigos do PESC", apresentado para a comunidade no Sarau Serra Viva de fevereiro de 2014 (foto: acervo pessoal).

A rede de relações Sarau Serra Viva reúne interesses diversos. No questionário foi investigado o grau de satisfação para com o projeto e às respostas revelam que o evento possui representação positiva, tanto em relação a benefícios pessoais (individuais ou institucionais) quanto a benefícios comunitários. A maioria dos entrevistados (81,01%) mencionou que o Sarau lhe trouxe benefício pessoal (questão 18, Tabela 17) e 92,41% responderam positivamente para os benefícios comunitários do Sarau Serra Viva (Tabela 18).

Tabela 17 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para você? (questão 18)

Benefício pessoal	Frequência	%
Sem resposta	2	2,53
Sim	64	81,01
Não	13	16,46

Tabela 18 O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para Serra Grande? (questão 19)

Benefícios comunitários	Frequência	%
Sem resp.	3	3,80
Sim	73	92,41
Não	3	3,80

Observamos ao longo da leitura que o Sarau Serra Viva é fruto da experiência comunitária em gestão socioambiental e do uso da inteligência coletiva na busca de soluções salutares para a região. Sua grande riqueza encontra-se no fato de ser gerido por diversos olhares que pulsam um mesmo coração. A Praça Pedro Gomes como locus privilegiado de relações sociais reflete o ambiente anímico de Serra Grande. O alto grau de aceitação e satisfação com o evento, à constatação que o mesmo reúne boa parte da diversidade cultural e institucional, sua frequência e continuidade, revelam as potencialidades integradoras, educativas e de incentivadoras de escolhas ambientalmente saudáveis e economicamente sustentáveis na comunidade. Resta-nos agora reconhecer os desafios do processo para que possamos seguir a trilha, atentos aos obstáculos.



Figura 58 Apresentação de Palhaços, maio de 2013 (foto: acervo pessoal)

### 5.5 Os desafios do Sarau Serra Viva

Os principais objetivos do Sarau Serra Viva, qual sejam, a integração comunitária e a gestão participativa parecem ser também seus maiores desafios. Observamos na trajetória da Associação Cultural da APA Itacaré Serra Grande, e conseqüentemente na história do evento, desentendimentos que não foram esclarecidos, geraram mágoas pessoais e dividiram forças no projeto. Observamos o movimento adormecer e renascer. É preciso lidar abertamente com as questões pessoais, pois cada um é peça fundamental do processo. É preciso também estar atento ao movimento de respiração, aproximação e afastamento naturais e necessários para a manutenção da vida como um todo.

Chelah (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014) compreende que a proposta do Sarau é ser um catalisador de gente que já faz arte, que quer fazer ou entrar nessa cena.

O Sarau é um evento que se mantém há dois anos e meio, tem um papel fundamental na integração comunitária, pois os estrangeiros (esse termo por aqui serve tanto para quem vem do exterior, como quem vem de outros Estados) e os moradores mais antigos podem compartilhar um momento cultural de participação aberta. A Vila se desenha como cosmopolita. É catalisador porque junto com a parte artística vem uma feira gastronômica, vem à feira de artesãos.

Aqui, no sul da Bahia, são muitas manifestações que nos separam, sejam eles derivados de times de futebol ou crenças religiosas, sejam a respeito da posição social ou tendência política. A história do evento Sarau Serra Viva está marcada por debates, algumas vezes inflamados, sobre a integração entre os que se consideram “nativos” e àqueles que são por esses considerados “forasteiros”. No entanto, em uma localidade com uma história recente de ocupação, os conceitos não são muito bem definidos. A

maioria dos considerados “nativos” não nasceu em Serra Grande. Mara Campos enxerga essa dificuldade também nas relações institucionais: “Não existe integração entre as associações em Serra Grande. Parece que existem mundinhos diferentes, acontecem muitas brigas e ofensas” (Mara Campos, comunicação pessoal, 2014).

Luciano Garcia (comunicação pessoal, 2014) diz que o maior desafio do Sarau é “mostrar para a população Serra Grandense que nós, que somos de fora viemos para somar e não para tomar Serra Grande deles (...) para ajudar que a comunidade cresça, principalmente culturalmente, dando oportunidade para as pessoas se apresentarem”. Adriana, que apesar de ser soteropolitana, se identifica com os “que vêm de fora”, lamenta: “Pena que a população não dá valor, né? Na realidade, quem faz toda a programação a maioria são as pessoas de fora. Aí a galera que é nativa fala que a gente só vem invadir, tomar o negócio”. Considera que “a galera daqui tem que dar mais valor ao Sarau.” (Adriana de Jesus, comunicação pessoal, 2014).

Mara Campos, vendedora na feira e Secretária da Associação Cultural diz que, para Serra Grande é um “evento diferente que acontece. Apesar de não ter participação dos moradores antigos de Serra Grande, é um evento diferente que todo mundo espera”. Reconhece que Dona Regina, Dona Creó (moradoras antigas da comunidade) participam do evento, “mas o pessoal do Bairro Novo não vem. Embora as meninas da Beira Rio que estão dançando (Truk Dance) chamem esse público, eles preferem ficar por lá, porque têm bares que eles gostam”. Mara acredita que fazer uma grande reunião com todas as pessoas seria um passo em direção a essa integração, fazer um cadastro de pessoas daqui, ajudá-los a vir, conseguir transporte. “O Sarau não tem muita atração que atrai a comunidade de Serra Grande, tipo seresta”. (Mara Campos, comunicação pessoal, 2014).

Lucas Moreira (comunicação pessoal, 2014) reflete que o Sarau Serra Viva trouxe à tona este debate sobre a integração entre “nativos” e “forasteiros”. Considera que esse movimento é positivo porque abre momentos de discussão.

As pessoas falaram o que sentiam, mesmo que em debates virtuais, expunham suas mágoas, que talvez venham de seus antepassados e do histórico de dominação desta região. Antes disso, cada um falava para membros de seu próprio grupo e agora o debate foi aberto. Existe essa desculpa, um preconceito por parte da comunidade de ser separatista. A organização do Sarau não tem nenhuma intenção de ser separatista. Sempre convida a todos, e a população que mora aqui é que compõe o espaço. Mas eu compreendo a posição de cada um. Tudo que está acontecendo ao redor, a forma como essa região está sendo ocupada. O fim da escravidão é recente por aqui, a chegada do Parque Estadual da Serra do Conduru, a exclusão de famílias da área. Os jovens absorvem essa angústia, essa mágoa e se colocam numa postura de

donos do lugar. Ainda não tiveram tempo de maturar o que significa compor uma comunidade, o que é nascer no lugar e fazer parte de seu desenvolvimento, ser um ator social.

Lucas vem da classe social de baixa renda e compreende a visão de quem se sente oprimido. “As pressões sociais são muitas e a válvula de escape acaba saindo de forma agressiva”. O Sarau aproxima os grupos na medida em que:

As danças dos grupos de adolescente que têm acontecido nos últimos eventos é uma forma de trazer a comunidade. A coreografia apela para a sexualidade, mas é a cultura, é o que está aí. O Sarau acaba sendo um momento de ampliação de visão, pois esses dançarinos veem outros estilos de dança. Assim como os músicos que podem ver outros músicos atuando, é um momento de receber o alimento artístico (Lucas Moreira, comunicação pessoal, 2014).

Como mobilizador cultural de uma comunidade cosmopolita, o Sarau Serra Viva levanta sentimentos diversos em relação às apresentações artísticas que, inevitavelmente são compreendidas por uma ou outra parcela da população como a “cultura alheia”. Se formos usar os termos encontrados nas discussões das redes sociais, estaremos falando sobre o embate entre a “cultura dos *nativos*” (representada pelos ritmos “arrocha” e “pagodão”) e a “cultura dos *de fora*”. Há sempre um nativo reclamando das “músicas de hippie” ou um alternativo reclamando do Arrocha. Equilibrar opiniões e gostos diversos a fim de promover a integração é um dos grandes desafios propostos. O importante é conhecerem um pouco da “cultura do outro”.

Uma visão do pacto de tolerância que começa a se estabelecer pode ser observada em dois trechos de entrevistas com pessoas que promovem a gestão participativa do espaço/ambiente/relação Sarau Serra Viva, como exposto a seguir.

Perguntamos a Adrielli (comunicação pessoal, 2014), do grupo de dança Truk Dance, que apresenta coreografias das músicas em “arrocha” e “pagodão”, sobre o que ela achou da dança do bailarino Ucrainiano que, estrategicamente, se apresentou entre os dois grupos de dança locais. Adrielli diz que “achou estranho” e acredita que todos os nativos pensaram a mesma coisa, “porque a música que tocava não falava nada, só zumbia. Ele com uma bola enorme na mão, fazendo uns movimentos lentos, bem lentos, e eu achei estranho, diferente”. Ela não sabia que tipo de movimento é considerado dança, ficou impressionada ao saber que ele é um “coreógrafo” (o conceito de coreografia dela é bem diferente da apresentada pelo conhecido dançarino que, no Brasil, adotou o nome de Waldemar -Figura 59).



Figura 59 O bailarino e coreógrafo Ucrainiano, cujo nome brasileiro é Waldemar faz suas orações na casa de D Joana, rezadeira da Vila que, gentilmente cedeu sua casa para o artista vestir o figurino (foto: acervo pessoal)

Sobre as músicas que ouve no Sarau, Adrielli diz que:

Para nós, jovens, as músicas que tocam no Sarau, a gente acha bizarro porque a juventude hoje gosta mais do funk, do arrocha, sertanejo. Não gosta muito das músicas mais reservadas, mais lentas, mais antigas. Eu mesmo acho bizarro. Quando toca forró eu danço (Adrielli Almeida, comunicação pessoal, 2014).

Interessante observar como o ritmo forró agrada a todos e é um dos grandes elementos de integração em Serra Grande. Assim como o Sarau Serra Viva, o forró pé de serra estabeleceu no distrito uma conexão entre antigos e novos moradores, entre os que vêm de longe e os que nunca saíram do município. Patrícia Paiva considera que a entrada dos grupos de arrocha na programação cultural do Sarau Serra Viva é:

Uma estratégia pra comunidade chegar junto, e depois pegar esse arrocha e transformar num samba, numa ciranda. Vamos fazer uma ciranda, descobrir estratégias para esse despertar da consciência (Patrícia Paiva comunicação pessoal, 2014).

Ela sente que “mudou a energia por causa do arrocha, da comunidade querer chegar junto. Mas tem que acontecer. A comunidade quer espaço”. Em sua opinião: “poucos lugares conseguem uma produção com tantas pessoas, muitos universos, formas de pensar diferente. Conseguir colocar todo mundo num denominador comum pra que todo mundo fique feliz e que atraia pessoas para esse comunitário não é fácil” (Patrícia Paiva, comunicação pessoal, 2014).

Manuela, dançarina no Truk Dance, nascida e criada em Serra Grande reconhece que existem pessoas que pensam que os “nativos é que mandam na cidade” (Manuela, comunicação pessoal, 2014). Ela diz que não deveria haver diferença no tratamento. Manuela, assim como todos os adolescentes que formam

grupos de dança com estilos musicais, cujas mensagens muitas vezes denigrem a imagem de grupos sociais, especialmente das mulheres (“Não vou comer as velhas, só vou comer as novas”- Gasparzinho), participa das reuniões, presenciais ou virtuais para elaborar uma compreensão coletiva da letra da música. Neste momento, organizadores e os grupos de dança debatem sobre o que é ou não adequado aos valores do evento. Sobre a análise das letras na reunião, Mariana (Truk Dance) acha “que tem tudo a ver porque tem músicas que são horríveis da gente dançar, horríveis demais. Por exemplo, as que têm apologia ao sexo e falam mal das mulheres, isso influencia negativamente” (Mariana, comunicação pessoal, 2014). Adrielli Almeida disse que aprendeu muito com sua participação nas reuniões do Sarau Serra Viva. Em suas palavras, ela compreendeu “o valor da união. Nós temos que ser unidos porque sem união nós não vamos a lugar nenhum. Porque se um tem uma ideia e o outro não gosta, não vai à frente. Isso que eu estava observando na organização, o desempenho das ideias todas ligadas” (Adrielli Almeida, comunicação pessoal, 2014).

Verónica Sosa reflete a respeito do desafio da integração social:

O Sarau é palco de tudo que é essa comunidade e temos que lembrar que é bem eclética. Serra Grande é formada por imigrantes, uns de antes, outros de depois, uns de mais longe, outros de mais perto, mas é formada por imigrantes, ou filhos ou netos de imigrantes. A divergência cultural é muito grande, e quando há um palco aberto a toda comunidade esta se manifesta. Isso é uma novidade em Serra Grande que pôs em evidência o preconceito, apareceram separações.

São outros os critérios que devem ser usados. Como falei antes, todos vieram de mais perto ou mais longe, mas hoje estamos todos aqui tentando formar uma sociedade melhor, e um lugar onde todos podem ser felizes, porque eu não vou conseguir ser feliz se meu vizinho está passando mal. A proposta do Sarau é esse palco para que todos possam estar aí criar o hábito de se apresentar de forma mais intimista. Um espaço para a gente se mostrar, se conhecer, interagir. O preconceito acontece porque a pessoa não conhece, não sabe o que são esses hábitos, não sabe o que são essas comidas, é uma maneira de todos nós nos conhecermos e pararmos de julgar. Tem um arrocha no meio de coisas que eu gosto de ver e eu reparo algo lindo nas meninas que estão dançando, o som não está tão alto. Alguém que nunca ouviria uma flauta vai ouvir na praça. É uma proposta de chegarmos mais perto um do outro e nos divertimos juntos (Verónica Sosa, comunicação pessoal, 2014).

Rui Rocha, representante do Instituto Floresta Viva, enxerga essa questão da seguinte forma:

O espírito coletivo emana do Sarau. Aquele grupo estruturante que faz o Sarau e outros que chegam ajudam a consolidar algumas bases éticas que serão compartilhadas ali. Tem gente que tem uma base ética inspirada no movimento hippie ou pessoas que tem princípios que dialogam com esse movimento. Há aqueles que dialogam com o princípio da segurança pública. De repente um policial comunitário também vê aquele jeito de fazer o Sarau como parte da sua ética: as pessoas ali estão se respeitando, não tem ninguém fazendo nada de

errado. Eu me sinto bem estando aqui como guarda e não estou vendo nenhum problema. Ele acaba sendo mais um visitante do Sarau. Assim como comunidades religiosas que também admitem que aquilo ali não tenha nada de errado. Você começa a ter um balanceamento e uma convivência de desiguais.

O desafio de integrar uma gama diversa de gostos, pensamentos e representações exposto pelos entrevistados, parece ser estruturante, na medida em que sua resolução depende da continuidade do evento conforme a linha de participação democrática que procura seguir. O desafio no campo material é arrecadar recursos e manter uma estrutura institucional.

Embora seja frequente encontrar pessoas com disponibilidade em colaborar com recursos financeiros, equipamentos ou trabalho voluntário, manter uma estrutura institucional que permita arrecadar esses recursos é um trabalho difícil para equipe do Sarau Serra Viva. Percebemos que a Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande tem se movido ao longo de sua jornada incentivada pela materialização de projetos. O primeiro foi a Rádio Comunitária que mobilizou um grupo de pessoas envolvidas pela ideia. Não aconteceu. Alguns falam de entraves burocráticos, outros de desentendimentos pessoais. O que temos de concreto no livro de atas são duas reuniões registradas nesse período. Depois veio o projeto Sarau Serra Viva que se mantém há três anos, sendo que, a partir de outubro de 2013, de forma independente da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, que foi o berço do evento em seus primórdios.

Durante a história do Sarau Serra Viva, nenhuma equipe conseguiu abrir uma conta em banco. Apesar de ter um CNPJ ativo, sempre aparece uma ou outra questão burocrática que ninguém possui capacidade técnica de resolver, como um imposto que deveria ser pago, ou um documento que deveria ter sido aprovado em determinado órgão público.

As associações são formadas por pessoas voluntárias e empenhadas de corpo e alma pela causa que advogam (no caso do Sarau são pessoas interessadas em organizar um evento cultural), no entanto não tem capacidade técnica nem tempo disponível para lidar com questões como tributos, documentos necessários para os títulos municipais e estaduais, entre outros. As informações a respeito do funcionamento da instituição não são claras e não existe um profissional habilitado à disposição para responder dúvidas comuns. O fato é que, sendo verdade ou não, a informação compartilhada por todo o grupo gestor de que quem integra o quadro da

diretoria da Associação não tem direito legal a receber recursos para seus projetos pessoais, afastou muitos artistas e professores desta função ao longo dos últimos quatro anos.

Tudo é desafio: falta de recurso, falta de som, um cara que chega com o som do carro e quer competir com o Sarau, os comícios políticos que passavam com o caminhão na época de campanha. Enquanto não se consegue consolidar a coisa e fazer a comunidade entender a proposta, que é um processo de médio/longo prazo, tudo é desafio. No entanto, eu vejo que o fato do Sarau existir há mais de três anos já é um sinal de amadurecimento, de força, de consolidação. Eu gostaria muito que o Sarau se fortalecesse cada vez mais, tivesse mais pessoas envolvidas. Que a capacidade de estruturação pudesse acontecer. Acho que essa proposta tem um potencial para captação de recursos muito grande, mas é preciso encontrar o caminho das pedras, tem que ter uma instituição. Para transformar o Sarau nesta proposta forte é preciso galgar alguns degraus. Espero que isso aconteça um dia. (Salvador comunicação pessoal, 2014).

Chelah compreende que um dos desafios da comunidade é entender que as pessoas que estão envolvidas com a produção do Sarau formam um grupo de trabalho que deve ser valorizado como tal.

É difícil também porque o grupo não tem habilidade de colocar o projeto no papel e arrecadar recursos. O grupo tem muitas demandas e não consegue lidar com as questões burocráticas que aparecem. Ter um dia da semana disponível para nós é uma coisa maluca, pois muitas coisas tomam nosso tempo. A gente tem o que é mais importante que é o produto que está acontecendo. (Alex Fasigh, comunicação pessoal, 2014).

Reconhecer e valorizar as pessoas envolvidas na produção do Sarau Serra Viva como um grupo de trabalho significa respeitá-las em suas peculiaridades, potencialidades (produto acontecendo) e limitações (questões burocráticas). Rui Rocha (comunicação pessoal, 2014) reflete que aqueles que estão à frente do Sarau precisam ter a capacidade de animar a cooperação na comunidade, acredita que o jeito de fazer isso vai medir o grau de sucesso. Quando se refere à questão de relações, especialmente as institucionais, pondera que:

Existe aquela outra questão de pessoas que cooperam, mas esperam algo em troca, imposições. Dou algo, mas quero determinar o processo. Tudo isso cria uma sinergia, um mutualismo. Esses elementos da ecologia. O Sarau Serra Viva é um cosmos cultural que repete processos da natureza, eu posso ter tanto uma doação incondicional quanto condicional, posso criar uma relação de simbiose, de sinergia ou de mutualismo. Quanto mais mutualismo, simbiose ou sinergia melhor por que você vai ter ali um grupo grande de pessoas cooperando. Na natureza, a vida só é possível a partir da cooperação – operar com o outro, operar coletivamente. Para operar com o outro eu preciso confiar nele. A floresta é o ápice dessa intensificação da cooperação, das relações ecológicas sinérgicas. Essa imagem é pertinente ao Sarau porque é como se fosse um fenômeno cultural de sucessão ecológica e de promoção de densidade de cooperação é como se ali você tivesse

uma chama acesa para alimentar relações, relações comerciais, relações culturais, relações institucionais.

Houve momentos difíceis nas relações institucionais, como: imposição de doadores que desejavam “algo em troca” da sua colaboração para o evento; processos de eleição conturbados, como os relatados no livro de atas nas reuniões de outubro e novembro de 2012; renúncia coletiva da diretoria como a ocorrida em novembro de 2013. Encontramos registros em tons de mágoas pessoais e de acusações sobre manobras políticas. Todos esses desafios foram parte de um processo que segue seu rumo. No entanto, há de se refletir o porquê do esvaziamento da instituição Associação Cultural e sobre quais forças impulsionaram o Sarau Serra Viva a seguir adiante apesar das restrições na captação de recursos com a falta do apoio institucional da Associação.

“Cirandando na Praça” é um documento que revela os passos de uma forma específica de caminhar em Serra Grande. É uma análise do espaço tempo em que vizinhos se encontram no coração central da Vila Alta uma vez por mês e têm oportunidade de apresentarem suas reflexões sobre o mundo em que vivemos, de darem as mãos e circularem ideias! Uma forma que prescinde dos poderes panóptico. O Sarau acontece “...mesmo sem burocracia, mesmo sem dinheiro institucionalizado. A motivação principal do Sarau não é algo formal. A vontade de acontecer é muito maior do que uma determinação pública, governamental” (Rui Rocha, comunicação pessoal. 2014).

Sempre aparecem novos companheiros, acontece como um “milagre de última hora”, mas a reflexão que se faz aqui é que há uma necessidade de *empoderamento* dos artistas, instituições locais e comerciantes em relação à própria organização estrutural do Sarau Serra Viva, para que este continue independente dos esforços de poucos. O Sarau tem condições de mobilização comunitária para contar com a gestão coletiva, onde cada participante, institucional ou não assuma uma parcela da responsabilidade quanto à sustentabilidade e perenidade deste que pode se tornar uma característica cultural e turística consagrada da região.

Segundo o professor Lucas “o desafio desse processo foi que por outro lado, gerou uma frustração nos alunos, ocasionada pela qualidade da apresentação ficar prejudicada devido ao espaço aberto da praça e a falta de equipamentos adequados para amplificar a apresentação acústica”. Acredita que: “O Sarau, por sua importância para a comunidade também deveria contar com um bom equipamento de som, com microfone multidirecional”. Lucas sugere a construção de uma concha acústica na praça para qualificar este espaço de cultura. “São muitas apresentações bacanas que

acontecem por aqui, muita riqueza cultural, uma construção dessas agregaria valores à Praça Pedro Gomes, ao próprio Sarau.”

No caso do evento que acontece na praça, o Sarau é a parte do encontro; o palco aberto é só um momento. Tem uma estrutura por trás que é muito boa, mas às vezes num momento de manifestação acústica, até para quem quer ouvir fica difícil. A música não chega ao ouvido de uma forma limpa, porque tem muita interferência, da conversa, do debate, do encontro social, que é importante. Mas o “sarau” como uma manifestação cultural artística acaba sendo uma parte de um todo. Não sei se o nome deveria ser feira livre, encontro social de Serra Grande, mas “sarau” mesmo se você for pegar a forma clássica de se chamar sarau ao longo da história, ele é um pedaço ali (Lucas Moreira, comunicação pessoal, 2014).

Patrícia Paiva reconhece que seu maior desafio foi lidar com um público que ainda não estava devidamente tocado para a causa do consumo consciente e comunitário. Diz que no início o trabalho era grande. Ela e seu companheiro carregavam muitas caixas de produto de casa para a Praça, algumas vezes não vendiam quase nada e voltavam com o mesmo peso. Sente que “na comunidade falta essa consciência prática”. Patrícia se ressentia que “em reuniões comunitárias se falam coisas a respeito do desenvolvimento sustentável, escrevem teses de mestrado sobre isso, mas na prática compram seus produtos industrializados nos mercados de Ilhéus”. Patrícia relata que nas reuniões da Associação Cultural tentou debater a questão “como incentivar o público a comprar mais no Sarau”, mas não encontrou espaço. Menciona o principal desafio do evento:

Manter a qualidade do Sarau em relação à cultura, arte, conservação da natureza, porque para cada um, cultura ou conservação da natureza, é uma coisa. Questões técnicas e de infraestrutura às vezes atrapalham o evento, então o Sarau precisa de autonomia com qualidade. Infraestrutura, barracas, palco, pagamento para os artistas. O Sarau pode ser um grande instrumento educador, é nossa televisão maior que envolve a gente num sentimento de pertencimento com a comunidade. O Sarau é uma oportunidade grande de praticar o que a gente prega. Proporciona a venda de produtos locais, de geleias feitas com fruta do quintal de casa, mas necessita ainda que o público consumidor se habitue a comprar no Sarau os produtos locais (Patrícia Paiva comunicação pessoal, 2014).

Para mim, enquanto organizadora do Sarau Serra Viva, com contato direto com os demais gestores, a maior dificuldade é me retirar do processo. Não que eu esteja cansada ou desacreditada do mecanismo, pelo contrário. Tenho meus sonhos e tenho asas nos pés. O Sarau foi um sonho, hoje ele é realidade. É necessário que outras pessoas possam assumir as funções que cumpro hoje, isso é saudável para todo o ambiente relacional. Escutei certa vez, em um encontro, para organização do projeto “Nova Escola”, organizado pelo Instituto Arapyau uma brilhante palestra do Professor

José Pacheco, que entre outras pérolas, uma particularmente me presenteou a alma: “É preciso saber se retirar do processo” (opinião pessoal).

As entrevistas apontam para o grande desafio comunitário da atualidade que é criar a cultura da “junteridade”, conforme sugere Ingold (2012), e assim transpor as distâncias. Olhar no outro ser e perceber o todo, perceber a si mesmo, gerir recursos e relações como quem dança uma ciranda. Dar as mãos e pulsar um só coração para que, livre das amarras dos preconceitos e atitudes separatistas, as pessoas possam se unir e praticar a gestão do próprio evento e das demais questões comunitárias.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que a Arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba.

E que ninguém a tente complicar, pois é preciso simplicidade para fazê-la florescer.

Pois metade de mim é plateia, a outra metade é Canção.

(Metade, Oswaldo Montenegro).

A análise da influência do Sarau Serra Viva em seu ambiente relacional (Ingold 2012) está diretamente ligada à manutenção e qualificação da Vitalidade Comunitária presente em Serra Grande. Esta dimensão do FIB é um elemento de sustentabilidade socioambiental relevante no distrito que foi apontado na pesquisa de Fabiana Silva (2011).

Após investigação quali-quantitativa a respeito do evento que se constitui em um fórum de discussão, de expressão artística e de encontros, observamos que o mesmo possui sua maneira peculiar de influenciar a teia de relações comunitárias e a percepção socioambiental dos atores sociais. Uma característica do Sarau é provocar a reflexão sobre a gestão sustentável dos bens comuns sob a ótica da cooperação (Ostrom, 2003, apud Baiardi 2013). Os principais fatores de integração social são a garantia de participação a todas as camadas sociais, o incentivo à economia comunitária e à utilização de recursos locais.

O Sarau Serra Viva, por sua dinâmica específica, aborda assuntos relativos ao cuidado com o meio ambiente, a relação com o lixo, a sustentabilidade dos eventos culturais, a diversidade, entre outros. Além disso, através da gestão do próprio evento que inclui o estabelecimento de regras criadas a partir da Inteligência coletiva, estimula-se a produção local, a aceitação do outro e de diferentes formas de vestir, de dançar, de enxergar o mundo e de viver.

Um aspecto pertinente ao evento é que este é fruto de um histórico de gestão participativa na comunidade. Em Serra Grande existem muitas organizações comunitárias preocupadas com a felicidade coletiva. Um dos dons do Sarau Serra Viva é promover a conexão entre instituições locais e a divulgação de suas cri- atividades.

O Mecenas da Vida apoia o movimento “Amigos do PESC” (Parque Estadual da Serra do Conduru), é caldo e tempero dos laços relacionais com o IESB (Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia) e com o Instituto Floresta Viva. A Associação de Pescadores e Marisqueiras, a Casa de Economia Solidária, Centro Cultural Permanente Barracão D’ Angola e o Circo da Lua, entre outros, fazem parte da grande teia de relações que mantém a Vitalidade Comunitária em Serra Grande. São paradigmas de sustentabilidade que parecem se complementar representadas pelas instituições citadas e a Casa das Flores, Associação de Surf, Ação Florescer, Instituto Nova Belém, Projeto Raízes Afros, Projeto Canto do Sabiá, e Movimento Nossa Uruçuca. As instituições são formadas por pessoas que, interagindo entre e interorganizações, fazem o trabalho sagrado dos pássaros, no sentido de espalhar as sementes colhidas em cada pomar e contribuir para a diversidade de pensamentos frutíferos na comunidade.

Parte das organizações comunitárias em Serra Grande participa ou participou em algum momento do Sarau Serra Viva e encontram neste uma oportunidade de visibilidade para seus trabalhos. Uma vez por mês, todos dão as mãos na grande ciranda e as ideias são movimentadas. Num pulsar contínuo e vivo, pessoas se unem, estabelecem novas metas e confluem em seus objetivos. As relações se estabelecem inter e entre instituições. Os atores sociais que movimentam o ambiente em Serra Grande se encontram e reencontram através de objetivos específicos e organizações diversas. A ciranda roda. Sobre as pessoas que fazem a vida circular, poderíamos dizer que é tudo farinha do mesmo saco, mas farinha de mandioca, e “da boa” feita na casa de farinha comunitária.

Nesta pesquisa, consideramos a Praça Pedro Gomes um recurso comum que é administrado coletivamente através do uso e significado dado pelas associações, organizações e atores locais em suas intervenções. Nosso olhar se volta para a gestão (através da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande ou do Grupo Gestor) do evento Sarau Serra Viva. Aí observamos o encontro de diversos aspectos culturais e dos diferentes atores que compõe o ambiente relacional da comunidade. Neste momento podemos enxergar a Vitalidade Comunitária além dos números.

O evento possui uma áurea própria e suas raízes se fortalecem a cada mês. O Sarau acaba de completar três anos de vida (junho de 2014), época em que a criança se denomina “EU” pela primeira vez e, dessa forma se individualiza cada vez mais (Lanz, 2013). No caso do Sarau Serra Viva, trata-se de um processo de individuação coletivo, aonde a cidadania é praticada através do “Grande Um”, desenhado pela movimentação dos atores sociais na praça central da Vila Alta.

Ingold (2012) revela que a gestão do ambiente se faz através da movimentação no espaço. Neste sentido as meninas do Truk Dance contribuem com a dança no estilo arrocha/ pagodão; Cidadão da Mata (Chelah) toca e canta músicas recolhidas em sua peregrinação pelas festas populares do Brasil; o Mecenas da Vida, através do projeto Amigos do PESC (Parque Estadual da Serra do Conduru) apresenta à comunidade seu jogo didático ambiental; os artesãos divulgam seus produtos e a culinária local também é valorizada. A gestão comunitária é realizada de forma agradável e divertida.

Sua maior riqueza, no entanto, continua sendo o grande desafio. Promover a integração social, através de uma cultura de junteridade, conforme sugere Ingold (2012). Esta é uma tarefa contínua que deve permear as atividades coletivas em geral. Revelar, nas diversas iniciativas sociais os fatores que contribuem para esse objetivo e reinventá-los, adaptando-os a cada ação parece ser uma contribuição relevante para que as pessoas desenvolvam um desenho criativo e coletivo do ambiente. Pode ser considerada também como uma sugestão de pesquisa a ser aplicada nas demais instituições.

Os valores que promovem a integração comunitária parecem estar diretamente relacionados a alguns dos indicadores que compõem a dimensão do FIB (Índice de Felicidade Interna Bruta) Vitalidade Comunitária, quais sejam segurança, reciprocidade e confiança. No caso do Sarau Serra Viva, a principal característica disparadora da inteligência coletiva é o livre acesso à expressão e à participação através da arte, da feira comunitária e organização.

Existem condições para a participação. São vedadas manifestações que humilhem ou denigrem a imagem de outrem e a feira de artesanato não deve vender produtos industrializados. As regras foram estabelecidas pelo processo de cooperação, ou seja, pela união dos valores pessoais (normas) do grupo gestor, este se apresentou diverso e em contínuo processo de transformação. O equilíbrio é tênue e depende de maturidade e força de vontade em trabalhar pela cultura da junteridade (Ingold, 2012), ao invés da cultura da competitividade.

Em relação à participação das organizações comunitárias, percebemos um envolvimento maior no Sarau Serra Viva das instituições que possuem entre seus organizadores/ mantenedores aquelas pessoas que vieram de outras partes do Brasil, mas que, no entanto contam no seu quadro de alunos com indivíduos oriundos de famílias que se estabeleceram há mais tempo na região. Sendo assim a participação institucional da Escola Rural Dendê da Serra é mais intensa do que a da Escola Municipal Elliés Haun. O Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola é muito mais assíduo do que as outras Associações ligadas à capoeira. Ricardo Zehnder observa:

Chama a atenção que as Organizações locais mais antigas e representativas dos setores produtivos tradicionais, as Associações de Pescadores e Marisqueiras e de Pequenos Produtores Rurais, estão completamente desarticuladas e não têm presença nem representantes ativos no Sarau de Serra Grande, o evento sócio cultural mais importante da Vila (Zehnder, 2013:29).

A pesquisa revela o momento de qualificar o processo, reconhecer o caminho das pedras e facilitar o trabalho cooperativo, trabalhar em prol da transposição do abismo existente entre as pessoas comuns, que praticam trabalho voluntário nas organizações comunitárias em Serra Grande e as dificuldades (especialmente burocráticas) encontradas no percurso. Como já foi constatado aqui é muito difícil para as pessoas atarefadas em seus cotidianos múltiplos darem conta da burocracia necessária para manter esse tipo de mecanismo de participação popular! É necessário fortalecer esse conhecimento na comunidade. Outro foco importante para o engajamento comunitário no incremento do *Índice Felicidade Interna Bruta* é trabalhar pela cultura da integração em todos os âmbitos. Serra Grande é uma comunidade cosmopolita que deverá receber mais filhos adotivos nos próximos anos.

No entorno temos exemplo de municípios que não trabalharam a integração de forma criativa e, atualmente apresentam índices altos de violência e desigualdade social. É necessário criar uma cultura de aceitação do outro, é necessário chegar perto, comer sua comida, sentir seu cheiro, escutar sua música, dançar sua dança. É necessário apresentar sua forma de se viver e de se divertir com a humildade. O Sarau Serra Viva proporciona espaço e condição para a integração através da arte. Cabe à comunidade organizada garantir que isso aconteça de forma cada vez mais harmoniosa.

É importante que cada um olhe para si mesmo e amplie sua tolerância, o sentimento de compartilhamento da existência com todos os seres. É importante aceitar a forma de fazer do outro; e, em Serra Grande, nem sempre os modelos das grandes cidades funcionam bem. É preciso olhar para isso também. Da mesma forma

que os moradores antigos podem afrouxar os nós da desconfiança, os novos moradores e investidores devem chegar pisando leve, se despir de estereótipos sobre o povo baiano e experimentarem-se um ao outro com encantamento. Chegar à casa do vizinho e respeitar seus costumes é atitude que nossas avós já nos ensinavam, receber bem o viajante ou o visitante também.

Junteridade e cooperação exigem esforço interno, um exercício contínuo de autoeducação. O treinamento que a experiência do Sarau Serra Viva proporciona em gestão participativa é um aspecto interessante do processo, especialmente quando há representatividade da diversidade social. Lapidar diferentes visões de mundo em prol da cooperação, seja na hora de estabelecer uma programação artística, seja na hora de distribuir as barracas da feira entre os beneficiados, é o mote para o êxito da empreitada.

O ambiente, como o proposto por Ingold (2012) se estabelece a partir das relações e práticas cotidianas. O destaque dado ao tema da cooperação por Ostrom está na “necessidade imperiosa de encontrar coletivamente soluções para um patrimônio compartilhado, do qual todos dependem” (Baiardi, 2011:210). A qualidade da Vitalidade Comunitária (Silva, 2011) presente no ambiente, indica que Serra Grande está na direção certa. O incentivo às atividades educacionais que reforcem a prática da interdependência nos mais diversos âmbitos da comunidade é uma etapa importante no processo de sustentabilidade comunitária.

Ostrom considera a reciprocidade ao mesmo tempo como uma norma moral internalizada, e um princípio de intercâmbio social, caracterizada pela vontade de cooperar (Ostrom, 2008, apud Baiardi 2013). Identifica e descreve certas estruturas recorrentes de reciprocidade. Atribui-lhe uma importância especial, ao ponto de propor que o sucesso as políticas públicas dependem da proporção de atores “em reciprocidade” (Ostrom, 2003, apud Baiardi 2013:154).

Sobre o prisma da cooperação e do movimento, do cirandar (ideias, relações, instituições) que o Sarau Serra Viva é analisado nesta pesquisa. É visto como um mecanismo de gestão comunitário que, longe de esgotar-se, retrata uma experiência coletiva exitosa. Outro de seus dons é servir de inspiração para outras iniciativas em comunidades diversas.

No sentido dado por Ingold (2012) o desenho não transforma o mundo, mas faz parte do processo de autotransformação pelo qual este passa. Sendo assim, o Sarau Serra Viva não é uma resposta final, mas uma forma de contribuir para um desenho de ambiente através da arte, da dança dos diversos ritmos da vida (da Ciranda ao

Arrocha), uma forma de garantir a sustentabilidade através da movimentação das relações comunitárias.

Esta pesquisa é um presente para a comunidade e para o Sarau Serra Viva, no intuito que o evento seja reconhecido como propriedade de todos, das organizações institucionais, dos comerciantes locais, do público. O Sarau Serra Viva é um elemento integrador que só pode caminhar se contar com os passos de grupos distintos, se trocarem os passos na dança do que está instituído e daquilo que vem reinstaurar, se tocarem outra música, se o regente souber dar seu lugar para novos maestros, mesmo que não pareça existir alguém qualificado. É preciso abrir espaço sempre, saber se retirar e esperar acontecer o que parece inexplicável. É justamente o aspecto participativo que faz com que os recursos (artistas, sonorização, transporte, lanche) pareçam acontecer “milagrosamente”. A História do Sarau Serra Viva demonstra que caminhar juntos é uma forma de fortalecer instituições de gestão comunitária.

Outra questão observada é que o evento tem condições de se estabelecer como uma atração típica de Serra Grande e do trade turístico da região. Fala-se em um ambiente *Rede Sarau Vivo*, integrando diversos municípios. É a construção de diversas mãos e corações que edificam as cidades. O Sarau Serra Viva tem potencial para ser replicado em locais do entorno que entraram em contato com a equipe e demonstraram interesse em realizar um evento deste porte. Um objetivo prático deste trabalho é repensar formas de integração comunitária que levem em conta a sustentabilidade. Portanto, a leitura do mesmo pode ser utilizada como mapa (indicando apenas a direção, mas não o caminho) para comunidades vizinhas que apresentam potenciais e demonstram interesse em organizar um evento artístico/comunitário/institucional como o Sarau Serra Viva.

A sede do município, Uruçuca, realizou seu segundo Sarau LiteraRua, em parceria com o Sarau Serra Viva no dia 26 de abril de 2014. Representantes da Vila Juerana, que reativaram a tradição de bumba meu boi na comunidade para presentear o evento em 14 de julho de 2012 (Figura 60), do município de Itacaré e Ilhéus, da Vila Camboinha, do município de Maraú, entre outros já entraram em contato com a organização do evento solicitando que “levassem o Sarau para lá”, no entanto, é preciso compreender que o Sarau não pode ser levado, mas pode ser incentivado, criado e cocriado pelas pessoas que movimentam o lugar.



Figura 60 Bumba Meu Boi da Vila Juerana

Conhecer o histórico, potencialidades e desafios pelos quais passou o grupo gestor do Sarau Serra Viva com a experiência em Serra Grande é uma forma de contribuir com as comunidades que desejem programar esse tipo de iniciativa. Acredita-se que entre os atores do Sarau Serra Viva que participaram desta pesquisa, assim como aqueles que terão conhecimento dos seus resultados através da divulgação na comunidade, o conhecimento gerado levantou e levantará reflexões, emoções e recordações que serão anexadas à rede existente e esta se moldará novamente, a fim de se adequar a nova experiência. O movimento desenha ambientes (Ingold 2012). Este se refaz continuamente e a vida segue seu cotidiano, mais (ou menos) feliz, de acordo com nossas pinceladas! Se ambiente é movimento e relação (Ingold, 2012), o cirandar na praça anima ideias, paradigmas culturais e sociais. Por ser arte, movimenta e reintegra emoções. Somente sendo cooperação garante sua continuidade.

#### LIBERDADE

(Poema recitado no Sarau de março de 2014)

Pássaro que voa  
não voa à toa  
Desce a ribanceira  
Toma banho de cachoeira  
Canta e alegra o ambiente  
Nos deixa até contente  
Se na natureza fica ausente  
Faz dó não lhe encontrar

Curió, araponga, bastião  
Já são raros na região  
Pra reverter essa situação  
Tome uma atitude cidadão!  
(Cláudio N. Lôpo)

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO Cultural da APA Itacaré/Serra Grande, Serra Grande, BA. **Livro de Atas**, páginas 1 a 37.

ASSOCIAÇÃO Movimento Mecenias da Vida (Serra Grande). **Mecenas da Vida**. Disponível em: <<http://meceniasdavid.org.br/>>. Acesso em 23 de novembro de 2013.

BAIARDI, Amilcar. **Elinor Ostrom, A premiação da visão unificada das ciências humanas**. Caderno Crh, Salvador, v. 24, n. 61, p.203-216, abr. 2011. Trimestral. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 19 de setembro de 2013.

CASTAÑEDA, Carolina. **Tim Ingold: Ambientes para la vida. Conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología**. Tabula Rasa, Bogotá, n. 18, p.325-329, jan.- jun. 2013. Semestral. Disponível em:  
<<http://www.revistatabularasa.org/numero-18.php>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 176p.

CUNHA, Luis Henrique. **Da “Tragédia dos Comuns” À Ecologia Política: Perspectivas analíticas para o manejo comunitário dos recursos naturais**. Raízes, Campina Grande, v. 23, n. 12, p.10-26, 2004. Anual.

ESCOLA Rural Dendê da Serra (Serra Grande). **Dendê da Serra**. Disponível em: <<http://www.dendeserra.org.br/>>. Acesso em 16 de outubro de 2013.

FERNANDES, Rosana. **O que é um Sarau?** 2010. Disponível em: <<http://www.ruadireita.com/eventos/info/o-que-e-um-sarau/>>. Acesso em 25 de março 2014.

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais.** Disponível em: <[www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22pdf](http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22pdf) > acesso em 10 de março de 2013.

INSTITUTO Floresta Viva (Serra Grande). **Instituto Floresta Viva.** Disponível em: <<http://www.florestaviva.org.br/>>. Acesso em 12 de dezembro de 2013.

GERMANO, Jéssica. **O sarau saiu da sala.** Brasília Encontro, Brasília, p.1-1, dez. 2012. Mensal. Disponível em: <[http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2012/12/19/interna\\_revista,240/o-sarau-saiu-da-sala.shtml](http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2012/12/19/interna_revista,240/o-sarau-saiu-da-sala.shtml)>. Acesso em 25 de março de 2014.

HELLIWELL, John F., Richard Layard, and Jeffrey Sachs, eds. 2013. **World Happiness Report 2013.** New York: UN Sustainable Development Solutions Network, disponível em: [http://unsdsn.org/wp-content/uploads/2014/02/WorldHappinessReport2013\\_online.pdf](http://unsdsn.org/wp-content/uploads/2014/02/WorldHappinessReport2013_online.pdf). Acesso em 09 de abril de 2014.

IESB. **Instituto de Estudo Socioambientais do Sul da Bahia.** 201. Disponível em: <<http://www.iesb.org.br/>>. Acesso em 14 de janeiro 2014.

INGOLD, Tim. **Ambientes para la vida:** conversaciones sobre humanidad conocimiento y antropologia. Uruguai: Trilce, 2012.

INSTITUTO Floresta Viva, Instituto Ynamata; **Diagnóstico Participativo de Serra Grande.** Serra Grande, 2008. 132p.

LANZ, Rudolf. **A PEDAGOGIA WALDORF:** Caminho para um ensino mais humano. 11. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013. 248 p.

LAURIOLA, Vincenzo. **Elinor Ostrom: Um Nobel heterodoxo e rosa-verde. Sinal de esperança?** Eco: boletim da sociedade brasileira de economia ecológica, Brasília, n.

21, p.1-8, ago. 2009. Trimestral.

LESSA, Carlos, 1939. **Autoestima e desenvolvimento social**- Rio de Janeiro: Gramond, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1996. 260 p.

RAMALHO, Cristiano. **Páginas da resistência: Os escritos de Elinor Ostrom**. Eco: boletim da sociedade brasileira de economia ecológica, Brasília, n. 21, p.9-18, ago. 2009. Trimestral.

RODRIGUES, Rôney. **Cultura – Ferramenta de articulação e contestação social**. Revista Caros Amigos, ANO XVI, Março 2013, Edição especial- Dilemas da Juventude, ed Casa Amarela, pag 24.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SABOURIN, Eric. **Manejo dos Recursos Comuns e Reciprocidade: os Aportes de Elinor Ostrom ao Debate**. Sustentabilidade em Debate, Brasília, v. 1, n. 2, p.141-159, maio 2010.

SILVA, Fabiana Santos da. **Felicidade Interna Bruta (FIB) em Serra Grande, Bahia**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável, Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, Serra Grande, 2011.

STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**: Conferência proferida em Dornach (Suíça) em 12 de agosto de 1916/Rudolf Steiner; Tradução de Chistina Glass. -São Paulo: Antroposófica,1997.

SUDETUR – Superintendência de Desenvolvimento do Turismo. **Plano de referência Urbanístico Ambiental - PRUA: Vila turística Serra Grande**. 2001.

URA, Dasho Karma. **Dasho Karma Ura explica o FIB, Felicidade Interna Bruta**. 2008. Disponível em: <<http://felicidadeinternabruta.blogspot.com.br/2008/11/dasho-karma-ura-explica-o-fib.html>>. Acesso em: 20 mar 2014

WIKIPÉDIA: **a enciclopédia livre**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Conteúdo\\_aberto&oldid=15696001](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Conteúdo_aberto&oldid=15696001)> Acesso em: 20 de fevereiro de 2014

ZEHNDER, Ricardo. **Serra Grande Super Star**. La Paz: Macro, 2013. 92 p.

## **Entrevistados**

ALMEIDA, Adrielli (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

CAMPOS, Mara (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

FASIGH, Alex (março de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

FERNANDES, Manuela Santos, (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

GARCIA, Luciano (março de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

JESUS, Adriana Lima de (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

MOREIRA, Lucas (março de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

PAIVA, Patrícia (fevereiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

PIZZATO, Deborah (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

ROCHA, Rui (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

SANTANA, Mariana Oliveira, (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

SILVA Filho, S.R., tratado nesta pesquisa pelo codinome Salvador (janeiro de 2014), depoimento. Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

SOSA, Verónica depoimento (janeiro de 2014). Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

TISZA, (janeiro de 2014). Entrevistadora: Krishna de Castro. Serra Grande, Bahia. Áudio. Entrevista concedida à pesquisa Cirandando na Praça.

APÊNDICE 1 Questionário aplicado na etapa quantitativa

Sarau Serra Viva

Nome: (opcional)

---

1. Idade: ( ) entre 12 e 20 ( ) entre 21 e 39 ( ) entre 40 e 55 ( ) + de 56

2. Formação?

( ) Não estudou ( ) Fundamental I ( ) Fundamental II ( ) Médio

( ) Superior ( ) Mestrado ( ) Doutorado

3. Qual sua área de trabalho/ atuação:

---

4. Onde você nasceu?

---

5. Morador de Serra Grande? ( ) sim ( ) não.

Se não, mora

aonde? \_\_\_\_\_

Se sim, há quanto tempo:

( ) menos de 1 ano ( ) entre 1 e 5 anos ( ) mais de 5 anos

( ) mais de 10 anos

6. Participa de alguma organização comunitária: ( ) sim ( ) não

Se sim, qual (quais):

---

7. Há quanto tempo participa ou frequenta o Sarau Serra Viva?

( ) desde o início, 2011 ( ) desde 2012 ( ) desde 2013 ( ) menos de 4 meses

( ) primeira vez

8. Com é sua participação no Sarau Serra Viva? (marque quantas quiser)

( ) organização; ( ) contribuição artística (canto, dança, poesia, etc.);

( ) colaborador; ( ) artesão; ( ) público

9. Já participou do microfone aberto? ( ) sim ( ) não

10. As apresentações artísticas têm diferentes estilos culturais?

( ) sempre ( ) as vezes ( ) nunca

11. Qualquer um pode participar das apresentações culturais?

( ) sim ( ) não

12. Qual apresentação que você mais gosta de assistir no Sarau Serra Viva?

13a. Sua apresentação preferida acontece à quantidade de vezes que você gostaria que acontecesse? ( ) sim ( ) não

13b. Que tipos de produtos você encontra na feira do Sarau Serra Viva?

---

14. Os produtos encontrados na feira podem substituir os comprados no mercado:

( ) muitos deles ( ) alguns ( ) não

15. Quem realiza o Sarau Serra Viva?

( ) comunidade organizada ( ) prefeitura ( ) empresários

( ) todos esses

16. Você sente que pode participar da realização do evento, se quiser contribuir?

( ) sim ( ) não

17. Você acha que outras comunidades se beneficiariam de um evento como esse?

( ) sim ( ) não

Por favor, explique sua resposta:

---

---

18. O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para você?

( ) sim ( ) não

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

19. O Sarau Serra Viva trouxe algum benefício para Serra Grande?

( ) sim ( ) não

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

20. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza:

( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada

21. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a discriminação ou a violência:

( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada

22. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a realizar trabalho comunitário:

( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada

23. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região:

( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada

24. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar melhor do seu lixo:

( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada

25. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar das nascentes dos rios:  
( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada
26. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar da Praça Pedro Gomes:  
( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada
27. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver seus dons artísticos:  
( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada
28. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver projetos na Vila de Serra Grande:  
( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada
29. Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a consumir produtos locais:  
( ) muito ( ) pouco ( ) médio ( ) nada
30. Você tem alguma sugestão para melhorar o Sarau Serra Viva?

---

---

Gratidão!

APÊNDICE 2 Questionário – categoria de valores das respostas utilizadas na Tabela Mãe. As letras correspondem às colunas

A – Número

C – Idade (questão 1)

- 1- Entre 12 e 20
- 2- Entre 21 e 39
- 3- Entre 40 e 55
- 4- Mais de 56

D – Formação (questão 2)

- 1- Não estudou
- 2- Fundamental I
- 3- Fundamental II
- 4- Médio
- 5- Superior
- 6- Técnico
- 7- Mestrado
- 8- Doutorado

E – área de atuação (questão 3)

F- Local de nascimento e relação com Serra Grande (questão 4 e 5)

- 1 – Nascido
- 2- Nascido no sul da Bahia reside em Serra
- 3- Brasileiro reside em Serra
- 4 - Estrangeiro, reside em Serra
- 5 - Nascido no sul da Bahia, não reside em Serra
- 6- Brasileiro, não reside em Serra
- 7 - Estrangeiro, não reside em Serra

G- Tempo de moradia (questão 5)

- 1- Menos de 1 ano
- 2- Entre 1 e 5 anos
- 3- Mais de 5 anos
- 4- Mais de 10 anos

H - Participação em organização comunitária (questão 6)

- 0- Não participa
- 1- Associação Cultural da APA Itacaré/ Serra Grande
- 2- Associação Pedagógica Dendê da Serra
- 3- Instituto Arapyáú/ Movimento Vila Aprendiz
- 4- Associação de Surf
- 5- Associação de Moradores do Bairro Novo
- 6- Associação de Moradores e Moradoras da Beira Rio da Represa
- 7- Ação Florescer
- 8- Centro Cultural Permanente Barracão d'Angola
- 9- Parque Estadual da Serra do Conduru
- 10- Outras (outros municípios)
- 11-IVD (sem identificação)
- 12-Circo da Lua
- 13-Instituto Ynamata
- 14-Afro Raiz
- 15- Surf Itacaré
- 16-Igreja Católica
- 17- Fazenda Pura Vida
- 18-Escola Estadual Arlindo Cruzl
- 19-Fazenda Águas Cantando
- 20- Restaurante Serra Zen

I – Participação no Sarau (questão 7)

- 1- Desde o início, 2011
- 2- Desde 2012
- 3- Desde 2013
- 4- Menos de 4 meses
- 5- Primeira vez

J - Como participa (questão 8, categorias não excludentes)

- 1- Organização;
- 2- Contribuição artística (canto, dança, poesia, etc.)
- 3- Colaborador
- 4- Artesão
- 5- Público

K- Participação no microfone aberto (questão 9)

1- Sim

2- Não

L- Diversidade cultural (questão 10)

1 - Sempre;

2-Às vezes;

3- Nunca.

M- Acesso a participação nas apresentações (questão 11)

1- Sim

2- Não

N- Satisfação com a periodicidade de seu estilo preferido (questão 12 e 13a)

1- Sim

2- Não

O- Viabilidade dos produtos da feira (questão 13b e 14)

1- Muitos deles

2- Alguns

3- Não

P - Quem realiza (questão 15)

1- Comunidade organizada

2- Prefeitura

3- Empresários

4- Todos esses

Q- Pertencimento na organização (questão 16)

1- Sim

2- Não

R - Você acha que outras comunidades se beneficiariam de um evento como esse?  
(questão 17)

1- Sim

2- Não

S – Explique (questão 17)

1- Razões econômicas

2- Razões ecológicas

3- Razões culturais

- 4- Lazer
- 5- Socialização/ integração
- 6- Espaço democrático
- 7- Divulgação do lugar e dos artistas/ artesãos do local
- 8- Mobilização comunitária
- 9- Educação/ conhecimento
- 10-Turismo

T- Benefício pessoal (questão 18)

- 1- Sim
- 2- Não

U– Explique (questão 18)

- 1- Razões econômicas
- 2- Razões ecológicas
- 3- Razões culturais
- 4- Lazer
- 5- Socialização
- 6- Divulgação do seu trabalho/ motivação para o grupo de alunos
- 7- Felicidade/ bem estar
- 8- Comida boa
- 9- Educação/ conhecimento
- 10-Motivação p trabalho comunitário
- 11-Experiência

V- benefício para a Vila (questão 19)

- 1- Sim
- 2- Não

W – Explique (questão 19)

- 1- Razões econômicas
- 2- Razões ecológicas
- 3- Razões culturais
- 4- Lazer
- 5- Socialização/ integração comunitária
- 6- Turismo/ divulgação
- 7- Felicidade/ bem estar

- 8- Opção de trabalho
- 9- Educação/ conhecimento
- 10- Ocupação para os jovens
- 11- Uso da praça

X- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a práticas saudáveis para o cuidado com a natureza (questão 20):

- 1- Muito
- 2- Médio
- 3- Pouco
- 4- Nada

Y- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a discriminação ou a violência (questão 21):

- 1- Muito
- 2- Médio
- 3- Pouco
- 4- Nada

Z- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a realizar trabalho comunitário (questão 22):

- 1- Muito
- 2- Médio
- 3- Pouco
- 4- Nada

AA- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a manter o equilíbrio entre a qualidade de vida humana e a natureza encontrada na região (questão 23):

- 1- Muito
- 2- Médio
- 3- Pouco
- 4- Nada

AB- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar melhor do seu lixo (questão 24):

- 1- Muito
- 2- Médio
- 3- Pouco

4- Nada

AC- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar das nascentes dos rios (questão 25):

1- Muito

2- Médio

3- Pouco

4- Nada

AD- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a cuidar da Praça Pedro Gomes (questão 26):

1- Muito

2- Médio

3- Pouco

4- Nada

AE- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver seus dons artísticos (questão 27):

1- Muito

2- Médio

3- Pouco

4- Nada

AF- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a desenvolver projetos na Vila de Serra Grande (questão 28):

1- Muito

2- Médio

3- Pouco

4- Nada

AG- Em que medida o Sarau Serra Viva te influencia a consumir produtos locais (questão 29):

1- Muito

2- Médio

3- Pouco

4- Nada

### APÊNDICE 3 Roteiro da entrevista utilizada na etapa qualitativa da pesquisa

- 1- Nome, idade, naturalidade e nacionalidade:
- 2- Breve resumo da sua trajetória pessoal, inserção no movimento de difusão dos movimentos culturais.
- 3- Como chegou á Serra Grande?
- 4- O que conhece sobre o histórico da Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande e como começou a participar da mesma?
- 5- Qual e desde quando é sua ligação com o projeto Sarau Serra Viva?
- 6- Em sua opinião, quais são os objetivos principais do Sarau Serra Viva?
- 7- Quais desafios encontrados no processo de realizar este evento?
- 8- Como o Sarau Serra Viva auxilia o desenvolvimento socioambiental em Serra Grande?
- 9- Em sua opinião, que práticas o evento fomenta que incentivam a sustentabilidade e a conservação ambiental em Serra Grande?

APÊNDICE 4 Lista de organizações comunitárias que integram o ambiente relacional em Serra Grande apuradas até março de 2014 (não foram apuradas as instituições de cunho religioso)

- Associação Pedagógica Dendê da Serra
- Associação Cultural da APA Itacaré/Serra Grande
- Associação de Surf
- Associação de Pequenos Produtores Rurais
- Instituto Nova Belém
- Associação de Moradores e Moradoras da Beira Rio da Represa
- Associação Movimento Mecenas da Vida
- Instituto Floresta Viva
- Instituto Arapyá
  - Casa Verde
  - Casa Azul
  - Movimento Vila Aprendiz
- IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas
- Parque Estadual da Serra do Conduru
- Instituto Ynamata
- Centro Cultural Permanente Barracão D' Angola (Pontinho de Cultura)
- Projeto Canto do Sabiá
- Projeto Raízes Afros
- Associação de moradores do Bairro Novo
- Casa de Economia Solidária
- Casa das Flores
- Movimento Nossa Uruçuca
- Associação de Capoeira Zumbimba
- Associação de Capoeira Ginga Mundo
- Associação de Capoeira Luanda
- Associação de Pescadores e de Marisqueiras
- Associação de Moradores da Ecovila
- Associação de Futebol/ Artesanato
- Teatro Bairro Novo/ Atletismo
- Feira de Agricultores do Barroco
- Associação de Moradores da Vila Sargy
- Circo da Lua

- OCA (Centro de Agroecologia da Mata Atlântica)
- Ação Florescer

APÊNDICE 5 Tabela Mãe

número	nome	questão 1	questão 2	questão 3	ques 4 e 5	questão 5	questão 6	questão 7	questão 8	questão 9	ques 10	ques 11	q 12 e 13a	q 13b e 14	ques 15	ques 16	ques 17	ques 172	ques 18	ques 183	ques 19	ques 194	ques 20	ques 21	ques 22	ques 23	ques 24	ques 25	ques 26	ques 27	ques 28	ques 29					
1		3	5	educação	3	3	2	1	2,3;4,5	1	1	1	1	1	4	1	1	4	1	4	1	4	3	4	3	3	3	3	3	1	3	1	1				
2		1	3	estudante	3	3	0	1	5	2	2	1	1	2	4	1	1	3	1	5	1	3	2	4	2	2	2	3	1	2	4	1	1				
3		3	4	comércio	4	2	0	1	5	2	1	1	2	2	1	2	1	5	1	5	1	6	3	4	3	3	1	3	3	3	3	4	1				
4		1	4	informática	3	3	0	1	3,5	2	1	1	1	2	1	1	1	5	2	1	1	1	3	3	2	1	2	4	1	3	4	1	1				
5		2	4	serviços	3	2	1	1	5	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	6	1	2	2	3	1	3	3	1	3	1	3				
6		2	5	saúde	5	0	0	1	5	2	2	1	1	1	4	1	1	3	1	5	1	3	4	4	4	4	3	3	3	3	3	4	3				
7		3	5	ambiental	5	0	0	1	3,5	2	1	1	1	2	1	1	1	várias	1,5,3	1	5,3,4	1	2	4	2	1	2	2	2	1	2	1	1				
8		3	5	projetos sociais	3	2	7	1	5	2	2	1	2	2	4	1	1	3	1	3	vários	2	1	1	1	1	1	4	2	1	1	1	1				
9		1	4	estudante	3	2	0	1	2,5	2	1	1	1	2	1	1	1	1,3	1,3,4	1	3,4	1	2	2	4	3	2	4	1	2	1	2	1				
10		3	4	cultural	3	4	8	1	2,3;4,5	1	1	1	1	2	1	1	1	3,4,5	1	6	1	3	2	4	1	1	1	3	2	1	1	1	1				
11		3	5	educação	3	0	0	1	2,5	1	2	1	1	2	4	1	1	3	0	0	1,3,4	3	4	0	2	4	4	2	2	4	2	2	4	1			
12		3	4	cultural	3	4	1,8	1	1,2;3,5	1	1	1	2	3	1	1	1	6	1	6	1,1,3,6	4	4	1	1	4	4	2	1	1	1	1	1	1			
13		2	5	educação	3	2	2	1	2,5	2	1	1	1	2	1	1	1	7	1	3	1	5	2	4	2	1	2	4	1	2	2	1	1				
14		1	4	comércio	2	2	0	1	5	1	2	1	2	2	1	1	1	5	2	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3			
15		2	5	educação	3	2	0	1	2,5	2	2	1	2	2	4	1	1	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3			
16		1	3	estudante	3	3	0	1	2,4,5	2	1	1	1	2	1	1	1	4,5	1	1	1	4	3	4	4	3	3	4	1	3	4	1	1	1			
17		2	4	comércio	1	5	6	1	2,3,5	2	1	1	2	2	1	1	1	5	1	7	1	3	2	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2			
18		2	5	educação	3	2	várias	1	4,5	2	1	1	1	2	1	1	1	1,4	1,1,3,7	1	1,4,7	3	4	1	2	2	2	0	3	1	1	1	1				
19		3	5	educação	4	4	2	1	2,3,5	2	2	1	1	2	1,2	1	1	1,5,8	1	6	1	5	3	4	2	3	3	3	2	2	2	2	2	2			
20		3	5	arquitecta	5	0	0	4	5	2	1	1	1	2	4	1	1	0	2	0	1	4	1	4	3	1	3	3	3	3	3	1	1	1			
21		1	4	desempregado	1	5	0	3	5	2	1	2	1	2	1	2	2	3	2	0	2	0	3	4	3	3	1	3	4	4	4	4	4	3			
22		1	4	comércio	2	3	0	2	5	2	1	1	1	2	1	1	2	3	1	0	1	4	1	4	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
23		1	3	estudante	5	0	0	2	5	2	1	1	1	2	1	1	1	0	2	1	1	6	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
24		2	5	aposentado	6	0	2	4	5	2	1	1	1	1	4	1	1	5	1	8	1	5	4	4	1	1	4	4	1	3	3	1	1	1			
25		1	4	capoeira	1	5	8	1	2,5	2	1	1	1	1	1	1	1	4	1	6	1	4	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
26		1	3	estudante	1	5	0	1	5	2	2	1	1	1	4	1	2	5	1	4	1	5	3	4	4	3	1	1	3	1	3	1	3	1	1		
27		1	4	desempregado	1	5	9	1	5	2	1	1	1	2	4	1	1	3,4,9	2	0	1	6	1	4	1	1	1	3	1	1	1	1	1	1	1		
28		1	3	arte	1	5	0	1	5	2	1	1	2	1	4	1	1	1,5	1,1,5	1	8	3	4	3	1	1	1	1	1	1	3	1	3	1	3		
29		1	2	serviços	1	5	9	1	2,5	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	6	1,4,5	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
30		1	4	serviços	2	2	0	1	5	2	2	1	2	3	1	1	1	3	2	0	1	5	3	4	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1		
31		1	4	comércio	3	2	0	1	2,5	2	2	1	2	3	1	1	1	5	2	0	1,3,9	3	3	3	3	1	3	3	3	3	1	1	1	1	1		
32		1	4	estudante	1	5	0	1	2	1	1	1	2	2	4	1	1	6	1	10	1	4	3	4	3	3	0	1	0	1	1	1	1	1	3		
33		1	4	serviços	1	5	0	2	2,5	1	2	1	1	2	1	2	1	4	1	4	1	várias	2	2	2	2	2	2	2	1	1	2	1	2	1	3	
34		1	4	estudante	2	4	0	2	1	2	1	1	2	1	4	1	1	9	1	9	1	10	2	4	1	1	1	1	2	1	1	1	2	2	2	2	
35		2	4	serviços	3	4	1	1	3,5	1	1	1	2	2	1	1	1,3	1	10	1	3	1	4	1	1	1	3	3	1	1	1	1	1	1	1	1	
36		1	3	serviços	2	3	0	1	1,5	2	2	1	2	2	1	1	1	3	1	3	1	6	1	4	3	1	1	1	1	1	3	3	3	3	3	3	
37		1	0	serviços	2	2	0	1	5	2	1	1	1	1	4	1	1	1	1	4	1	3	1	4	3	1	1	3	1	3	1	3	3	3	1	1	
38		3	5	saúde	6	0	10	4	5	2	1	1	1	1	4	1	1	3,5,10	1	7	1,1,6	3	4	1	1	4	4	1	1	4	4	1	1	1	1	1	
39		2	2	estudante	3	2	0	1	5	2	1	1	2	2	4	1	1	0	1	4	1	4	1	4	3	1	3	1	3	1	3	4	3	1	1		
40		3	4	educação	3	3	2	1	2,5	2	2	1	1	2	4	1	1	1,3,4,5	1,3,5	1	1,3,4,5	3	4	3	3	3	3	3	3	1	1	3	1	3	1	1	
41		1	4	estudante	2	4	0	1	2,5	1	1	1	1	2	4	1	1	3	1	3	1	3	2	1	4	2	1	1	1	2	2	2	2	2	2	2	
42		3	7	ambiental	3	4	2,11	1	2,3;4,5	1	1	1	1	2	1	1	1	5	1	5	1,1,11	1	4	1	1	1	3	3	1	1	3	3	1	3	1	1	
43		3	5	educação	3	4	0	1	2,3;4,5	2	1	1	2	1	1	1	1	3	1,5,9	1	5	1	4	2	1	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	1	
44		1	4	serviços	3	2	0	4	3	2	3	1	2	3	1	1	1	2	1,1,5	2	2	0	4	3	2	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	
45		3	5	rural	3	4	2	1	2,5	1	1	1	1	2	1	1	1	3	1	6	1	7,10,1	4	4	2	1	2	4	1	2	4	1	2	2	2	2	
46		2	5	ambiental	3	1	3	3	3,5	2	2	1	1	3	4	1	1	0	1,4,5	1	7,1	3	4	3	3	2	4	1	3	3	2	4	1	3	3	2	
47		2	6	agropecuária	1	5	13	1	5	2	1	1	2	2	3	1	1	0	2	0	1,1,10	2	4	4	2	1	4	1	4	1	2	2	2	2	2	1	
48		2	5	artes	3	3	2	1	2,5	2	1	1	0	2	1	1	1	3,5	1	0	1	3	2	0	2	2	2	3	1	1	1	1	1	1	1	1	
49		3	5	serviços	6	0	0	1	5	2	2	1	2	2	1	2	1	1	1	5	0	0	2	4	1	1	1	1	1	1	1	3	1	2	1	2	
50		1	4		3	2	0	1	5	2	2	1	1	2	1	1	1,5	2	0	1	0	1	4	2	1	1	2	1	1	2	1	2	3	1	1	1	
51		3	6	saúde	2	4	1,3	1	1,3;4,5	2	2	1	2	2	1	1	1	0	1	11	2	0	3	1	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2
52		2	5	serviços	3	1	0	1	5	2	1	1	1	1	1	1	1	5	1,3,5,4	1	6,5	3	4	3	3	3	3	3	1	4	3	3	3	3	3	3	
53		2	4	cultural	2	2	14	1	2,3,5	2	2	1	2	2	1	1	1	3	1	3	1	3	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	
54		2	2	serviços	3	3	15	1	1,2;3,4,5																												